



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

KELLY ROSANE DE LIMA SILVA RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA NO
NÚCLEO DE ENSINO DE LÍNGUAS – UEMS: SUAS PRÁTICAS DE
APRENDIZAGEM E USO DO IDIOMA**

CAMPO GRANDE - MS
2018

M	<div data-bbox="651 232 1136 423" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="461 454 1326 488" data-label="Text"> <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p> </div> <div data-bbox="534 772 1251 804" data-label="Text"> <p>KELLY ROSANE DE LIMA SILVA RODRIGUES</p> </div> <div data-bbox="371 1023 1414 1128" data-label="Text"> <p>A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA NO NÚCLEO DE ENSINO DE LÍNGUAS – UEMS: SUAS PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM E USO DO IDIOMA</p> </div> <div data-bbox="735 1796 1050 1827" data-label="Text"> <p>CAMPO GRANDE/MS</p> </div> <div data-bbox="858 1859 927 1890" data-label="Text"> <p>2018</p> </div>
K. R. L. S. RODRIGUES	
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA NO NÚCLEO DE ENSINO DE LÍNGUAS – UEMS: SUAS PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM E USO DO IDIOMA	
2018	

KELLY ROSANE DE LIMA SILVA RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA NO
NÚCLEO DE ENSINO DE LÍNGUAS – UEMS: SUAS PRÁTICAS DE
APRENDIZAGEM E USO DO IDIOMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem. Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva

CAMPO GRANDE/MS

2018

R613c Rodrigues, Kelly Rosane de Lima Silva

A construção identitária de alunos de língua inglesa no núcleo de ensino de línguas – UEMS: suas práticas de aprendizagem e uso do idioma / Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues. Campo Grande, MS: UEMS, 2018.

152 f.; 30cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, 2018.
Orientador: Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

1.Lingua inglesa – estudo e ensino. 2.Aprendizagem.
3.Língua estrangeira. I.Título.

CDD 23.ed. 420.7

KELLY ROSANE DE LIMA SILVA RODRIGUES

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE ALUNOS DE LÍNGUA INGLESA NO
NÚCLEO DE ENSINO DE LÍNGUAS – UEMS: SUAS PRÁTICAS DE
APRENDIZAGEM E USO DO IDIOMA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof^a Dra. Azenaide Abreu Soares Vieira – Titular
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS – *Campus Nova Andradina*

Prof^a Dr^a Aline Saddi Chaves – Titular
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dra. Adriana Escobar Chaves de Barros – Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono – Suplente
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Dissertação aprovada pela Comissão Examinadora em 08/06/2018

Campo Grande – MS

2018

Aos meus amados pais João Estevão (*in memoriam*) e Irene Silva por serem o alicerce da minha construção identitária; assim como ao meu marido Luiz Cláudio e ao meu filho Vinícius por estarem ao meu lado nesta caminhada e por me incentivarem na realização desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por iluminar meus pensamentos e conceder-me sabedoria em todos os momentos de minha vida, e também pela saúde, persistência e determinação, concedidos a mim pela Tua infinita graça. Por colocar pessoas de luz em meu caminho para orientar-me nesta caminhada. Certamente, tudo o que sou não seria possível sem a Tua presença.

A Nossa Senhora, Rainha dos anjos e Santos, por sempre passar na frente de todos os obstáculos e não me deixar desanimar, intercedendo por mim em todas as etapas deste caminho.

Às pessoas que foram anjos de Deus em minha vida, me apoiando, inspirando, e orientando, dessa forma contribuíram para a realização desta dissertação, a saber:

Aos meus pais João Estevão (*in memoriam*) e Irene Silva, pela dedicação e amor incondicional, por serem grandes incentivadores da busca pelo conhecimento, sendo minha fonte de inspiração para a realização de meus sonhos.

Ao meu orientador Professor Dr. João Fábio Sanches Silva, minha sincera admiração por sua didática, compreensão e orientação, possibilitando o suporte teórico necessário para a realização deste estudo.

Aos meus irmãos Rogério Silva, Mônica Silva e Verônica Lima por vibrarem com minhas conquistas. Nossos corações estão sempre unidos. Não há distância quando existe amor.

À minha tia Maria do Carmo Silva, minha eterna gratidão pelo amor e carinho, e também por assumir financeiramente, junto com meus irmãos Mônica e Rogério, o curso de professores de inglês para que eu não desistisse de meus sonhos quando meu pai me faltou. Sem o seu apoio talvez eu não estivesse alcançando esta conquista.

Ao meu marido Luiz Cláudio C. Rodrigues, pela parceria e amor, por entender minhas ausências durante esta caminhada e incentivar-me a ousar e voar em busca de nossos ideais.

Ao meu filho Vinícius Rodrigues, meu orgulho e presente de Deus, que eu possa ser inspiração para que você vá em busca da realização de seus sonhos.

Aos participantes desta pesquisa Felipe, Jean, Judiney, Izaura, Izabel e Rayana, sem os quais não seria possível a conclusão desta dissertação. Obrigada, de coração!

Aos Professores Dr. Ruberval Franco Maciel e Dra. Aline Saddi Chaves que gentilmente aceitaram participar da banca de qualificação e assim contribuíram significativamente para a continuação desta pesquisa.

À comissão avaliadora da minha dissertação, Prof^ª Dr^a Azenaide Vieira e Prof.^a Dr^a Aline Saddy Chaves, por terem julgado o meu trabalho com profissionalismo e sabedoria.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UEMS, por terem contribuído com seus conhecimentos para que eu pudesse realizar este trabalho.

Ao Núcleo de Ensino de Línguas, por me possibilitar a realização desta pesquisa.

Às amigas Maria Acosta e Nelagley Marques por sempre incentivar-me com as palavras certas nas horas certas, me fazendo acreditar na possibilidade da realização deste projeto.

Aos amigos de caminhada: Cinthia Messias, Augusto Teixeira, Thaíssa Prado, José Augusto Albuquerque, Stephany Souza e Maria Helena pelo companheirismo, amizade, e tardes de estudo que compartilhamos.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, e ao Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação da UEMS – PIBAP, pelo apoio financeiro concedido durante a efetivação de minha caminhada enquanto pesquisadora.

Às amigas Carla Corsini e Simone Coelho por estarem sempre dispostas a encontros agradáveis, proporcionando-me momentos de descontração e encorajando-me para que desse o melhor de mim.

A todos os meus familiares e amigos que não foram citados mas, de alguma forma, sempre torceram pelo meu crescimento e sucesso profissional.

RODRIGUES, Kelly Rosane de L. S. **A construção identitária de alunos de Língua Inglesa no Núcleo de Ensino de Línguas – UEMS: suas práticas de aprendizagem e uso do idioma.** 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

RESUMO

A presente pesquisa propôs investigar como um grupo de aprendizes do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, voltado para a aprendizagem e uso da Língua Inglesa como língua estrangeira tem construído suas identidades ao longo das suas experiências de estudo e uso do idioma. Nesse sentido, os objetivos específicos que nortearam este estudo foram: identificar e compreender os investimentos realizados pelos participantes nas práticas da Língua Inglesa; verificar a relação, ou não, dos investimentos realizados pelos participantes com suas comunidades imaginadas; e analisar de que forma as comunidades imaginadas pelos participantes favoreceram, ou não, a emergência de identidades imaginadas. Para entender o processo de construção identitária de aprendizes de línguas, pautei-me nas teorias pós-estruturalistas de linguagem de autores como Block (2007), entre outros. Assim como nas bases teóricas de estudos identitários de Norton (1995). A visão pós-estruturalista de linguagem nos ajuda a entender a construção identitária de aprendizes inseridos nas práticas sociais, e representada pelos discursos assumidos pelos indivíduos nas relações de poder, gerando uma identidade conflitante e contraditória (NORTON, 2000). Para investigar o processo de construção identitária dos aprendizes de língua estrangeira, considero também a noção de investimento sugerido por Norton (2000), pois segundo a autora, a compreensão dos investimentos e comunidades imaginadas pelos aprendizes para a aquisição da língua-alvo nos ajuda a entender o processo de construção identitária em constante mudança. Dessa forma, esta pesquisa traz análises de um estudo de natureza qualitativa e características de cunho etnográfico. Os dados foram gerados por seis participantes, a partir de gravações de áudios das aulas, diários de bordo da pesquisadora, questionário semiaberto e entrevistas semiestruturadas. Os resultados sugerem que a identidade de aprendiz de língua emerge por meio dos investimentos realizados nas práticas do idioma, provocando o desejo em participar de comunidades imaginadas relacionadas a aquisição da Língua Inglesa para serem estudantes de Mestrado ou Doutorado, ao realizarem viagens internacionais para intercâmbio ou turismo, em situações profissionais e para morar fora do país. Assim, ao investirem na língua-alvo, os aprendizes desejam investir na própria identidade, favorecendo o surgimento de identidades imaginadas que os alunos anseiam assumir.

Palavras-chave: NEL/UEMS. Identidade. Identidade de aprendiz de Língua Inglesa. Investimentos. Comunidade imaginada. Identidade imaginada.

RODRIGUES, Kelly Rosane de L. S. **A construção identitária de alunos de Língua Inglesa no Núcleo de Ensino de Línguas – UEMS: suas práticas de aprendizagem e uso do idioma.** 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

ABSTRACT

The current research proposed to investigate how a group of learners from the language teaching center, of the State University of Mato Grosso do Sul, aimed at learning and using the English Language as a foreign language have constructed their identities throughout their experiences of studying and using the idiom. In this sense, the specific objectives that guided this research were: to identify and understand the investments made by the participants in the English language practices; to check the existence, or not, of the relationship of the investments made by the participants with their imagined communities; and analyze how the imagined communities favored the emergency of imagined identities. To understand the identity construction of language learners, I was guided by language poststructuralist theories of Block (2007) and others. As well as in the theoretical identity studies of Norton (1995), among others. The poststructuralist theories help us to understand the construction identity of learners inserted in the social practices, and represented by the discourses admitted by the subjects in the relations of power, creating a conflicting and contradictory identity (NORTON, 2000). To investigate the process of identity construction of the foreign language learners, I also considered the investment notion suggested by Norton (2000), because according to the author, the comprehension of the investments and imagined communities by the learners to the acquisition of the target language help us to understand the process of identity construction in constant change. Thus, this research brings analyzes of a qualitative study with ethnographic characteristics. The data were produced by six participants, from audio classes recording, a diary made by the researcher, semi-open questionnaire and semi-structured interview. The results suggest that the identity of language learner emerges through the investments made in the language practices, provoking the desire to participate in imagined communities related to the acquisition of the English language, such as: to participate in post-graduation programs, to travel abroad for exchange programs and tourism, in professional situations and to live abroad. Thus, by investing in the target language, the learners want to invest in their own identity, favoring the emergence of imagined identities that students yearn to take on.

Keywords: NEL/UEMS. Identity. English language learning identity. Investments. Imagined community. Imagined identity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCAA	Centro Cultural Anglo-Americano
CEE	Conselho Estadual de Educação
CEFR/ QERC	Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (<i>Common European Framework of Reference for Languages</i>)
LI	Língua Inglesa
LE	Língua Estrangeira
NEL	Núcleo de Ensino de Línguas
PIBAP	Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação da UEMS
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UU/CG	Unidade Universitária de Campo Grande

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivos Específicos	16
2. CAPÍTULO I – EMBASAMENTO TEÓRICO	17
2.1 Identidade e Subjetividade	19
2.1.1 Das concepções sobre identidade	23
2.1.2 A proposta pós-estruturalista na construção identitária.....	28
2.1.3 Identidade de aprendiz.....	31
2.2 Investimento na aprendizagem de língua estrangeira.....	38
2.3 Comunidades imaginadas e identidades imaginadas.....	41
3. CAPÍTULO II – OS CAMINHOS DA PESQUISA	45
3.1 Natureza da pesquisa	45
3.2 Contexto de pesquisa.....	47
3.3 Participantes da pesquisa.....	49
3.4 Geração de dados.....	50
3.5 Análise de dados.....	51
4. CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	53
4.1 A identidade de aprendiz de Língua Inglesa em construção a partir dos investimentos nas práticas da língua alvo.....	54
4.2 Comunidades imaginadas na busca do conhecimento do idioma	74
4.2.1 A composição das identidades a partir das comunidades imaginadas.....	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE	99
APÊNDICE A – Carta convite	99
APÊNDICE B – Cartas convite assinadas pelos alunos.....	100
APÊNDICE C – Questionários.....	106
APÊNDICE D – Entrevistas	118

1. INTRODUÇÃO

A identidade de uma pessoa

[...]

A identidade significa complexidade

A identidade se identifica com a realidade

A identidade carrega toda vaidade

Como uma pessoa se identifica com a identidade?

Você se define baseado em quê? [...]¹

(SYLVIA CHIDI, 2006 – Tradução minha)

O trecho da epígrafe em destaque refere-se à identidade da pessoa pois, em poucas palavras, a autora nos faz refletir sobre o que é identidade, o que ela representa, e como nos definimos como pessoas em nossas realidades, contradições, conflitos e vaidades.

Nossa identidade não é única, fixa e ou imutável (WEEDON 1997), pois uma pessoa pode ao mesmo tempo assumir várias identidades, ou posições subjetivas, de acordo com o contexto social a que pertence, ou seja, pode ser mãe, esposa, profissional, filha, entre outras. Conforme nos diz Moita Lopes, “a natureza fragmentada das identidades sociais se refere ao fato de as pessoas não terem uma identidade social homogênea” (MOITA LOPES, 2003, p.62), ou seja, essa identidade não pode ser explicada em um único contexto, fazendo com que adotemos várias identidades. Essas, porém, são complexas e múltiplas.

A multiplicidade das identidades pode ser uma característica da “complexidade da vida moderna que exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito” (WOODWARD, 2014, p.32) quando nos é exigido que assumamos determinadas atitudes de acordo com os papéis desempenhados por nós em diferentes situações. Nesse sentido, Weedon (1997) entende que a subjetividade pode ser diversa, contraditória e dinâmica.

Entendo que construímos nossas identidades desde que nascemos, e vamos nos reconstruindo ao longo de nossa trajetória de vida. Ao longo de nossas histórias, vamos construindo e reconstruindo nossas identidades à medida que enfrentamos diversos desafios

¹Identity Of A Person

Identity of a person

Identity signifies complexity

Identity identifies with reality

Identity is the bearer of all vanity

How does a person identify with identity?

You define yourself based on what? [...]

Sylvia Chidi (2006)¹ <https://www.poemhunter.com/poems/identity/page-1/3403841/>

para alcançar nossos objetivos no decorrer da vida.

Dada a importância da construção identitária dos indivíduos a partir de suas escolhas, neste trabalho intento refletir a respeito da construção identitária de aprendizes de Língua Inglesa, com o objetivo de elucidar meus questionamentos a respeito da aprendizagem desse idioma e contribuir com os estudos relacionados ao ensino e aprendizagem de línguas, envolvendo professores e profissionais que estejam conscientes da importância de incentivar seus alunos a investir no aprendizado da língua alvo, de acordo com seus objetivos e interesses pessoais.

Para explicar o motivo que me levou a estudar a construção identitária de aprendizes de Língua Inglesa, reportarei à minha trajetória como aprendiz, profissional de ensino de Língua Inglesa e pesquisadora.

Comecei a estudar inglês ainda na infância, quando me encantei pela Língua Inglesa ao ver minha irmã mais velha cantando as músicas que ouvíamos em inglês. Sonhava com o dia em que pudesse também aprender aquela língua que ouvia nas músicas. Sempre estudei em escola pública, mas meu pai fazia um esforço para pagar o cursinho de inglês para mim e minha irmã. Foi então que, aos 11 (onze) anos de idade, comecei a estudar inglês no Centro de Cultura Anglo-Americano (CCAA) e não parei mais, construindo a minha identidade de aprendiz de Língua Inglesa.

O fato de conseguir me comunicar em outra língua sempre me encantou. Adorava quando meu pai perguntava como tinha sido a aula, e como eu tinha me saído, para poder lhe contar alguma situação que tinha ocorrido, pois seu interesse me motivava a conhecer cada vez mais a língua. O desejo de me comunicar bem em Língua Inglesa e realizar um sonho de criança, de um dia viajar para Orlando para conhecer a Disney, exemplificava meus investimentos no aprendizado da Língua Inglesa naquele momento de minha vida.

Entendo que dentro daquele contexto que vivia, aquele era o sonho que me motivava a continuar estudando a Língua Inglesa. Embora não fosse um sonho fácil de ser alcançado por mim naquela época, de alguma forma eu imaginava que um dia eu conseguiria conquistar aquele objetivo, então aproveitava momentos que me permitiam estar mais em contato com a Língua Inglesa: indo às aulas de conversação, assistindo a filmes que passavam no curso de inglês, comprando revistas e gibis em inglês e também alugando filmes para assistir em casa. Dessa forma eu investia no aprendizado da Língua Inglesa a partir de práticas de contato com a língua.

Naquela época eu sonhava pertencer a uma comunidade. Para Norton (2013), o investimento na língua alvo vai depender da relação que os aprendizes têm com suas

comunidades imaginadas. Por conseguinte, de alguma forma eu investia naquele aprendizado por imaginar que um dia meu sonho poderia tornar-se realidade, e aquela comunidade imaginada por mim, se tornaria uma comunidade real.

Acredito que eu já estava construindo minha identidade de aprendiz de línguas, pois segundo Norton (2000), ela usa o termo identidade para referir-se a “como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e no espaço, e como ela entende as possibilidades para o futuro”² (NORTON, 2000, p. 5, tradução minha). Consequentemente, eu estava construindo minha identidade, minha relação com o mundo, minha história e meu futuro.

Quando eu sonhava em um dia conhecer a Disney, eu imaginava que o aprendizado da língua poderia me aproximar da realização daquele sonho de criança. No início eu não imaginava me tornar professora de inglês, mas após 6 anos de estudo no curso de inglês, comecei a considerar a ideia.

Foi então que fiz o curso de professores do CCAA, e também me formei como professora de Inglês pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Assim, minhas experiências profissionais foram ministrando aulas em cursos de inglês, aulas particulares, e em escolas públicas de âmbito Municipal e Federal, em vários estados brasileiros. Pelo exposto posso me considerar uma professora de inglês realizada, por conseguir alcançar êxito em minha vida profissional, e por ter a oportunidade de trabalhar de maneira que me satisfaça profissionalmente.

O fato de interessar-me em agregar conhecimentos para minha carreira de professora de Língua Inglesa, levou-me a cursar, em 2002, a especialização *lato sensu* em Ensino de Língua Inglesa: Novas perspectivas, pela Universidade Católica Dom Bosco, tendo concluído em abril de 2004.

Ao longo de minha vida, o aprendizado e ensino da Língua Inglesa estiveram muito presentes. Dessa forma, acredito que minha identidade de aprendiz de Língua Inglesa, e posteriormente também de professora, foi sendo moldada a partir das minhas experiências pessoais com o contato e prática desta língua, como argumenta Silva (2013) ao dizer que os indivíduos são formados por suas histórias sociais, mas também formam suas histórias com o passar do tempo.

O interesse pelo estudo da construção identitária de aprendizes de Língua Inglesa deu-

²“I use the term identity to reference how a person understands his or her relationship to the world, how that relationship is constructed across time and space, and how the person understands possibilities for the future” (*loc. cit.*).

se a partir da reflexão sobre minha própria identidade de aprendiz e professora de língua estrangeira. Ao estudar o tema identidade e ensino de línguas, refletia a respeito da motivação que envolvia os alunos a investirem no estudo de outra língua por motivos diversos. Foi então que as leituras sobre investimentos no aprendizado de línguas me levaram a questionar por que encontrava alunos desmotivados com a aprendizagem de Língua Inglesa, e o que poderia fazer para estimular esses alunos a investirem no aprendizado do idioma.

Dessa forma, entendi que precisava estudar mais a fundo sobre essa questão, para que pudesse entender como acontece a construção de suas identidades de aprendizes, para que assim, pudesse contribuir com o aprendizado mais efetivo, e também estimular meus alunos na construção de suas identidades de aprendizes de Língua Inglesa. A partir deste estudo, como pesquisadora, pretendo compreender melhor como acontece o processo de construção identitária dos aprendizes de línguas, e do mesmo modo, continuar buscando novos conhecimentos e novas pesquisas na área da linguística aplicada ao ensino de línguas.

A justificativa da realização desta pesquisa explica-se pela importância do entendimento da construção da identidade dos participantes como aprendizes/usuários de uma língua estrangeira. A relevância da aprendizagem da Língua Inglesa para o mundo é inegável, e como aponta Leffa “não conhecer uma língua estrangeira no mundo atual é como desconhecer a escrita numa sociedade letrada [...], apenas mais uma garantia de ser excluído dos bens que a sociedade tenta preservar para o usufruto de seus eleitos” (LEFFA, 2009, p. 123). Diante dessa preocupação, entendo o quanto é relevante o aprendiz construir sua identidade como estudante de Língua Inglesa, visto a importância do conhecimento do idioma atualmente.

No contexto de comunicação global, a Língua Inglesa tem se destacado como um dos principais meios de comunicação entre falantes de diversas línguas (LEFFA, 2002). Segundo Crystal (2003), existe a necessidade de uma língua global que seja utilizada nas comunidades acadêmicas, nos negócios mundiais e também para comunicação individual entre falantes do mundo todo. Assim, a Língua Inglesa tem se tornado uma língua internacional, não só por ser falada por um número maior de não nativos do que de nativos, mas também por ser o idioma preferencialmente utilizado no mundo dos negócios e acadêmico (LEFFA, 2002).

O estudo da questão identitária de aprendizes de Língua Inglesa tem despertado interesse no cenário brasileiro, de forma que vários autores apresentaram pesquisas sobre essa questão, como por exemplo: Assis (2013); Longaray (2009); Leffa (2012); Silva (2013); Paulino (2016); Mastrella (2007), entre outros. Proponho, nesta pesquisa, apresentar um estudo sobre a construção identitária de um grupo de aprendizes do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL/ UEMS), com o intuito de promover a reflexão dos indivíduos envolvidos no processo

de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, na tentativa de entender cada vez melhor o desenvolvimento da construção identitária desses aprendizes, além de estimular futuras pesquisas neste ambiente.

Na sequência, apresentarei os objetivos desta pesquisa, com o intuito de poder esclarecer minha intenção com este estudo ao investigar como participantes de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul voltado para a aprendizagem e uso da Língua Inglesa como língua estrangeira têm construído suas identidades ao longo das suas práticas de estudo e uso do idioma.

1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esta dissertação tem por objetivos:

- a) identificar e compreender os investimentos realizados pelos participantes nas práticas da Língua Inglesa;
- b) verificar a relação, ou não, dos investimentos realizados pelos participantes com suas comunidades imaginadas;
- c) analisar de que forma as comunidades imaginadas pelos participantes favorecem, ou não, a emergência de identidades imaginadas.

Em seguida, farei um resumo da estrutura pensada para esta dissertação, sendo apresentado da seguinte forma: a primeira parte conta com a introdução, sequencialmente estão os capítulos (I, II e III), sendo o primeiro “A revisão de literatura”, o segundo “A metodologia da pesquisa”, o terceiro “Análise e discussão dos dados”, e em seguida a seção de Considerações Finais. Dessa maneira, considero que todas as partes possuem relevância pois se completam.

No Capítulo I, apresento a revisão de literatura. Nesta seção, são explorados conceitos de Identidade, Investimento na aprendizagem de LE, comunidades imaginadas e identidades imaginadas. Esses conceitos são fundamentais para a análise dos dados. No Capítulo II, apresento a metodologia da pesquisa e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Outrossim, os participantes na pesquisa, e os procedimentos de geração de dados. No Capítulo III, analiso os dados gerados com base nos conceitos teóricos apresentados no Capítulo I. Para finalizar, apresento as considerações finais, onde procuro discutir os aspectos relevantes desta pesquisa.

Após essas explanações sobre como está organizada esta dissertação, apresentarei o referencial teórico que dará suporte para esta pesquisa.

2. CAPÍTULO I – EMBASAMENTO TEÓRICO

Estudar as questões de identidade tem sido objeto de interesse em muitas esferas do conhecimento. De acordo com Mastrella (2013), podemos encontrar pesquisas relacionadas a esse tema nas áreas da Linguística, Psicologia, História, Filosofia, entre outras. Dessa forma, o estudo das questões de identidade está relacionado às diversas práticas sociais e também ao ensino e aprendizagem de línguas.

Observa-se nos últimos anos o crescente interesse pelo estudo da construção identitária relacionado à Linguística Aplicada, tanto na literatura internacional, a exemplo de Norton (2000, 2013), Rajagopalan (2003), Norton e Toohey (2011), Pavlenko (2003), entre outros; quanto em pesquisas nacionais.

Entre as muitas pesquisas relacionadas ao conceito de identidade, conduzidas no contexto brasileiro, destaco aqui as pesquisas de Silva (2013), Longaray (2009), Mastrella (2007), Assis (2013), Leffa (2012) e Paulino (2016). A seguir farei uma breve descrição de algumas dessas pesquisas mencionadas, desenvolvidas no contexto brasileiro.

Mastrella (2007) apresentou uma pesquisa sobre a construção da relação do sujeito aprendiz com a Língua Inglesa, tendo como foco a realidade de ensino e aprendizagem de professores de inglês. Em seu trabalho, Mastrella buscou analisar o modo como os professores se comprometem e constroem sua relação com a língua estrangeira. A partir de relatos de histórias de vida dos professores de inglês, a pesquisadora encontrou indícios de relações com a língua estrangeira construídos com base em anseios de dominar a Língua Inglesa para alcançar sucesso profissional, valorização pessoal e social. Sua pesquisa também mostrou indícios de relações marcadas por lutas e conflitos contra a exclusão social (MASTRELLA, 2009).

Silva (2013) adotou a compreensão de identidade a partir de uma perspectiva pós estruturalista com o objetivo de compreender a construção identitária de futuros professores de inglês como língua estrangeira ao longo de suas experiências de aprendizagem e uso do idioma. Os resultados da pesquisa mostraram indícios de que a identidade dos participantes e futuros professores era um espaço de conflitos, com posições subjetivas em constante mudança, contraditórias e apresentando contextos sociais e práticas que limitavam outras oportunidades de identificação subjetivas. Os resultados ainda sugeriram que os investimentos realizados nas práticas da Língua Inglesa reforçaram o senso identitário, permitindo oportunidades de prática da língua, além de sugerirem que as identidades são discursivamente construídas em práticas e contextos sociais variados (SILVA, 2013), envolvendo conflitos de interesses entre o real e desejado (SILVA, 2014).

Paulino (2016) pesquisou o processo de construção identitária de alunos do curso de inglês básico do Pronatec, a partir das representações do aprendizado da Língua Inglesa, e também as comunidades imaginadas pelos alunos e seus investimentos. Seus resultados mostraram que as comunidades imaginadas pelos aprendizes estavam relacionadas a grupos de profissionais de turismo que têm mais oportunidade de trabalhar por conta do conhecimento da Língua Inglesa, viajantes internacionais e também mães de famílias interessadas em ajudar seus filhos a obterem sucesso com o uso da Língua Inglesa. A autora ainda concluiu que as representações, identidades e comunidades imaginadas pelos participantes são construídas a partir dos discursos presentes nos diferentes contextos vividos pelos aprendizes e tais discursos apresentavam relações de poder que, por vezes, poderiam dificultar ou incentivar seus investimentos no aprendizado da língua estrangeira (PAULINO, 2016).

A pesquisa de Assis (2013) investigou como as identidades de dois adolescentes aprendizes de um centro de idiomas público no Distrito Federal foram construídas ao longo do processo de aprendizagem. Segundo Assis, a construção identitária dos participantes de sua pesquisa está relacionada a diversos elementos do processo de ensino, como os seus professores, colegas de sala e os ambientes escolares. Assim, por esses fatores relacionados ao mundo social e histórico dos aprendizes, o autor considera que as formações de identidades são entendidas para além do âmbito psicológico e biológico (ASSIS, 2013).

Visto o interesse pelo entendimento da formação de nossas identidades, entendo a relevância que esse assunto representa para o ensino e aprendizagem de línguas. Assim sendo, parto do princípio que as identidades assumidas pelos aprendizes de línguas estrangeiras estão presentes em todo o processo de ensino e aprendizagem. Elas estabelecem estreita relação com o contexto vivenciado, sendo socialmente construídas, influenciando as ações e interações assumidas por esses aprendizes e sendo por elas também influenciadas (HALL, 2006; NORTON, 2000).

A pesquisa aqui apresentada difere-se das demais por se tratar de uma investigação em um ambiente de curso de extensão em uma universidade pública, voltado para o aprendizado de línguas estrangeiras. Assim, este trabalho foi realizado com aprendizes adultos de uma turma de Língua Inglesa do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL- UEMS). Esta se tornou a primeira pesquisa realizada no Núcleo de Ensino de Línguas desde a sua criação, em 2013, fazendo cumprir com um dos objetivos do projeto de Extensão Universitária da UEMS no âmbito da pós graduação, que visa “articular o Ensino e a Pesquisa com as demandas sociais, econômicas, tecnológicas, culturais e artísticas buscando o comprometimento da comunidade universitária com interesses e necessidades da sociedade” (RESOLUÇÃO CEPE-UEMS Nº 1645 - 2016).

Em momento adequado o contexto da pesquisa será retomado e descrito apropriadamente.

O principal objetivo da pesquisa foi investigar de que forma participantes de uma turma, de um projeto de extensão na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, voltado para a aprendizagem e uso da Língua Inglesa como língua estrangeira, têm construído suas identidades ao longo das suas experiências de estudo e uso do idioma. Dessa forma, pretendo ainda identificar os investimentos realizados pelos participantes; verificar a possibilidade desses investimentos estarem relacionados, ou não, com suas comunidades imaginadas; e ademais, analisar de que forma essas comunidades favoreceram, ou não, a emergência de identidades imaginadas. A partir dessa investigação, intento compreender melhor como acontece o processo de construção identitária desses aprendizes para então procurar estimular meus alunos no aprendizado da Língua Inglesa e na formação de suas identidades de aprendizes de línguas.

Para investigar o processo de construção identitária dos aprendizes de língua estrangeira, Norton (2013), sugere entender seus investimentos e comunidades imaginadas em relação à língua-alvo. O desejo por conhecer um idioma estrangeiro pode estimular atitudes de investimentos por parte do aprendiz, uma vez que, “um investimento na língua-alvo é também um investimento em sua própria identidade de aprendiz, que está em constante mudança no tempo e no espaço”³ (NORTON, 2000, p.11, tradução minha). Assim, os conceitos de identidade, investimento e comunidades imaginadas são pontos fundamentais para entender esta pesquisa e serão apresentados no decorrer deste capítulo.

2.1 IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE

Nossa subjetividade é construída nos ambientes sociais em que vivemos (WEEDON, 1997) e assim, construímos o entendimento de quem somos e quem não somos. Sendo assim, sugere-se estar atento ao contexto das instituições sociais para interpretar o poder vinculado pelas ideologias a partir da linguagem, que contribui para a formação de nossa identidade nas relações no dia a dia.

Conforme apontado por Prado, “A língua não é mero instrumento de comunicação, mas sim um espaço de veiculação de ideologias, poder e, além de tudo, o lugar em que as identidades são construídas e renegociadas” (2017, p. 21). Assim, a subjetividade é construída

³ [...] an investment in the target language is also an investment in a learner's own identity, an identity which is constantly changing across time and space (NORTON, 2000, p.11)

a partir da formação das relações de poder num ambiente social, quando a pessoa manifesta uma atitude em determinado discurso apresentando seus interesses (WEEDON, 1997).

Dentre os vários teóricos que apresentam pesquisas relacionadas a questões de identidade no contexto de ensino e aprendizagem de línguas, este estudo usa como referência, as concepções de Norton (2000). A pesquisadora utiliza o termo identidade para se referir “a como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e espaço, e como ela entende as possibilidades para o futuro”⁴ (NORTON, 2000, p. 5 – tradução minha). Assim, consciente da importância de se entender a questão identitária no ambiente de aquisição de segunda língua, a autora enfatiza a necessidade de se desenvolver estudos que levem em consideração a concepção de identidade relacionada com estruturas sociais mais amplas, desiguais e injustas que são reproduzidas na interação social do cotidiano.

Parto do princípio que as identidades dos aprendizes de línguas podem ser consideradas múltiplas, cambiantes e contraditórias (NORTON, 2000; HALL, 2014; WEEDON, 1997; WOODWARD, 2014). Por conseguinte, esses aprendizes formam suas identidades nos contextos sociais em que estão inseridos. Dessa forma, inicio a apresentação do conceito de subjetividade pelo entendimento de alguns teóricos. Os termos Identidade e Subjetividade são utilizados de forma semelhante por muitos autores. São termos considerados intercambiáveis (WOODWARD, 2014), uma vez que expressam a “compreensão que temos de quem somos, de quem os outros são e também da forma como somos identificados pelos outros” (MASTRELLA, 2013, p.42).

Tanto Woodward (2014) quanto Weedon (1997) apresentam definições semelhantes com relação ao entendimento de subjetividade. Weedon (1997, p.32) utiliza o termo subjetividade para se referir a “pensamentos e emoções conscientes e inconscientes de nós mesmos e as formas de compreender essa relação com o mundo”⁵. Nesse sentido, Woodward (2014) também entende que a subjetividade relaciona-se com “pensamentos e emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem nós somos” (p. 56).

A subjetividade e o entendimento de quem somos são construídos pela língua, pois ambos formam-se pelas práticas discursivas das relações econômicas, sociais e políticas, em que o indivíduo enfrenta um desafio contínuo para atingir poder (WEEDON, 1997). É por meio de nossas identidades que nos apresentamos ao mundo e a nós mesmos, sobretudo porque as

⁴I use the term identity to reference how a person understands his or her relationship to the world, how that relationship is constructed across time and space, and how the person understands possibilities for the future. (NORTON, 2000, p. 5)

⁵Conscious and unconscious thoughts and emotions of the individual, her sense of herself and her ways of understanding her relation to the world.” (WEEDON, 1997, p. 32)

identidades nos posicionam nos contextos sociais em que vivemos. Entendo que, no espaço de aprendizagem de língua estrangeira, os alunos vão se posicionando como sujeitos em um processo de reconstrução de suas identidades, ao tornarem-se aprendizes de línguas.

Para Weedon (1997), a língua influencia a construção de nossas identidades e também delinea nossas ações nas práticas institucionais. Assim, o indivíduo vai construindo sua identidade; e sua história, sendo construído pelas relações sociais, conforme nos diz Silva ao argumentar que as identidades são negociações de “novas posições de sujeito no entrelaçamento do passado, presente e futuro. Os indivíduos são moldados por suas histórias sociais, mas também moldam suas histórias à medida que a vida continua”⁶ (SILVA, 2013, p. 31 – tradução minha).

Silva (2013) ainda sugere que o aprendizado da língua e as identidades dos aprendizes devam ser entendidos como uma relação de comprometimento, no qual os alunos estão conhecendo, além do sistema linguístico, também as diversas práticas socioculturais envolvidas no aprendizado; que fazem parte de um contexto mais amplo, no qual também estão incluídas relações de poder. Dessa forma, entendo que, conforme os aprendizes de línguas vão envolvendo-se cada vez mais no aprendizado, eles vão reconstruindo suas identidades, posicionando-se como aprendizes de língua e assumindo essa identidade a partir de práticas de uso da língua.

Para compreender essa reconstrução identitária e como se dá o processo de posicionamento identitário dos aprendizes de línguas, recomenda-se levar em consideração que, conforme apontado por Weedon (1997), ao adquirirmos uma língua, nós aprendemos a dar voz e significado às nossas experiências e a entender o modo como pensamos em determinados discursos, precedendo à entrada na língua-alvo. Logo, “As formas de pensar constituem nossa consciência, e as posições nas quais nos identificamos constroem nosso senso de nós mesmos, nossa subjetividade”⁷ (WEEDON, 1997, p. 32, tradução minha).

Ao convivermos com as pessoas em sociedade, construímos um espaço de relacionamento pessoal. Essa ligação nos enquadra dentro de ambientes de representações sociais, numa grande rede de relações, na qual cada indivíduo executa sua função como responsável por contextos específicos em sociedade. Esses sujeitos realizam papéis diferentes

⁶ “I argue that identities are about negotiating new subject positions at the crossroads of the past, present and future. Individuals are shaped by their sociohistories but they also shape theirsociohistories as life goes on.” (SILVA, 2013, p. 31)

⁷ These ways of thinking constitute our consciousness, and the positions with which we identify structure our sense of ourselves, our subjectivity” (WEEDON, 1997, p. 32)

de acordo com o lugar e a situação que vivenciam, desempenhando assim, as distintas funções assumidas pelos agentes na formação da identidade do indivíduo.

De acordo com os diferentes papéis desempenhados pelos indivíduos, podem ocorrer atitudes de resistência nas relações sociais, quando as pessoas se encontram em posição de vantagem ou desvantagem nas relações desiguais de poder (NORTON, 1995). Esse sentimento de estar em situação de desvantagem ou inferioridade, ou até mesmo vantagem em relação a outros falantes da língua-alvo, pode provocar atitudes de resistência por parte dos aprendizes, fazendo com que deixem de participar das práticas discursivas que lhes são apresentadas.

As práticas discursivas das relações de poder podem provocar a emergência de discursos específicos (WEEDON, 1997). Os discursos são considerados formas de construir conhecimento, junto com as práticas sociais, as formas de subjetividade e as relações de poder, segundo a teoria do discurso de Foucault (1981, apud WEEDON, 1997). Para Michel Foucault (1981), um discurso não é homogêneo, ele é atravessado por vários discursos, ou várias formações discursivas. Além disso, “os discursos são mais do que modos de pensar e produzir significado. Eles constituem a natureza do corpo, inconsciente, consciente e emocional dos sujeitos que procuram governar”.⁸ (WEEDON, 1997, p. 105 – tradução minha)

O processo discursivo que envolve os sujeitos nos ambientes sociais é visto como um envolvimento contínuo com outras pessoas, quando os indivíduos participam das atividades diárias, conforme Block (2007). Assim, as pessoas vão se posicionando subjetivamente e também são posicionadas por outros, em situações que constituem sua subjetividade nas atividades envolvidas no tempo e no espaço (BLOCK, 2007). Nas relações sociais vivenciadas por essas pessoas, observa-se a mudança do papel do sujeito no discurso, conforme sua representação na organização social da qual faz parte. O discurso do falante não é considerado como impotente ou inocente, e nem mesmo dominante a todo momento, uma vez que há a possibilidade de mudança na posição de sujeito (MASTRELLA, 2013).

Ainda sobre discurso, Weedon (1997) acrescenta que o indivíduo é inconsciente do outro, e é formado pelos discursos das pessoas que estão próximas a ele: pai, mãe, professores, entre outros. Portanto, a pessoa não é completamente “dona” do seu discurso, por esse ser atravessado por outros discursos (FOUCAULT, 1981). No entendimento de Woodward (2000), somos recrutados a assumir determinadas posições de sujeitos que contribuem para a construção de nossa identidade, visto que “quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos

⁸ “Discourses are more than ways of thinking and producing meaning. They constitute the ‘nature’ of the body, unconscious and conscious mind and emotional life of the subjects which they seek to govern” (WEEDON, 1997, p. 105)

pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos” (WOODWARD, 2000, p.56).

Sendo a subjetividade construída na constituição discursiva das relações sociais, ela direciona e constitui a mente, o corpo e as emoções do indivíduo. Como apontado por Weedon (1997), a identidade não tem sentido fora dos discursos articulados. Todavia, as formas como os discursos constituem a consciência das pessoas são sempre parte de uma grande rede de relações de poder, frequentemente com bases institucionais bem fortes: na lei, na medicina, no bem-estar social, na educação, na organização da família e do trabalho e assim por diante. Por isso, tais instituições são locais de disputa pelo poder, fazendo com que os discursos dominantes que governam as organizações e práticas sociais sejam constantemente desafiados.

Considero que ter o entendimento de todo esse processo seja fundamental para compreender a formação identitária dos aprendizes de línguas estrangeiras. Logo, coaduno com as ideias de Weedon (1997), quando apresenta três pontos da subjetividade que considera importantes para esse entendimento, sendo eles: a natureza múltipla dos sujeitos, a subjetividade como espaço de conflito e a subjetividade que se transforma com o passar do tempo (WEEDON, 1997). Nesse sentido, entendo que o indivíduo possui múltiplas identidades que podem ser conflituosas e sofrer transformações à medida que o tempo passa.

Temos a impressão de que o tempo passa cada vez mais rápido, devido às transformações ocorridas na sociedade contemporânea e aos inúmeros papéis desempenhados por nós, conforme os afazeres aos quais nos dedicamos diariamente. Dessa forma, noto a necessidade de entender como essas transformações influenciam a construção identitária dos indivíduos.

Na próxima seção, passo a apresentar um panorama sobre os conceitos de identidade ocorridos a partir das transformações sociais no tempo e no espaço.

2.1.1 Das concepções sobre identidade

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea têm influenciado a construção das identidades. Portanto, para refletir sobre a questão da identidade do indivíduo relacionada ao aprendizado de língua estrangeira, entendo ser importante levar em consideração o contexto histórico para compreender o panorama das concepções a respeito das identidades ao longo do tempo.

Dentre os autores que discorrem sobre identidade, destaco aqui o trabalho de Hall (2003), o qual apresenta o conceito de identidade no campo das Ciências Sociais. O autor expõe três concepções de identidade que se transformam de acordo com o tempo e o espaço: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico, e sujeito pós-moderno. O conceito de sujeito do iluminismo é apresentado por Hall (2006) como “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior [...] permanecendo essencialmente o mesmo” (HALL, 2006, p.10 -11).

De acordo com esse pensamento, o sujeito do iluminismo pode ser entendido como um indivíduo centrado na razão, pessoa dotada de certezas e que não sofre transformações em sua identidade no decorrer de sua vida, permanecendo a mesma identidade, não admitindo a possibilidade de mudanças identitárias. O sujeito sociológico ainda é visto nessa fase como centrado, pessoa estável, responsável pela articulação e organização com a sociedade, uma vez que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior, que é o ‘eu real’ mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’” (HALL, 2006, p.11). Assim, o sujeito sociológico não se define sozinho, mas se constitui em comunicação com o mundo exterior e pela existência do outro (LEFFA, 2012). O indivíduo é formado a partir de uma base central que vai sendo moldado pelo contexto social em que vive.

Por último, na concepção do sujeito pós-moderno, a pessoa é vista como plural, contraditória e inconstante, pois “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de seu eu coerente”. (HALL, 2006, p.13). Por isso, o sujeito pós-moderno vive um momento histórico marcado por transições, deslocamentos, questionamentos e incertezas, no qual o indivíduo assume diferentes identidades em cada um dos contextos em que vive, em situações diversas.

Nessa perspectiva, Bauman nos diz que nós, os habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes:

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (2005, p. 32)

Hall ainda acrescenta que “as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (2014, p. 112). Dessa forma, os sujeitos precisam assumir posições subjetivas de acordo com as representações que ocupam nos contextos sociais. A esse respeito, Norton (2000) considera que a identidade social relaciona o

indivíduo com o mundo mais amplo, inserido nas instituições sociais como família, escola, trabalho, entre outros.

Outro entendimento do conceito de identidade é apresentado por Leffa (2012). Segundo o autor, as identidades variam em relação a dois eixos principais, denominados horizontal e vertical. No eixo horizontal, a identidade está em processo de evolução do “indivíduo para a coletividade, chegando eventualmente à globalidade planetária” (LEFFA, 2012, p. 51). Ou seja, a identidade começa a evoluir a partir do seu interior para o mundo exterior em que está inserido. Já no eixo vertical, o autor entende a identidade numa “evolução histórica”, que começa com a “identidade sólida”, muda para a “identidade líquida” e evolui para “identidade vaporosa” (2012, p. 51), de acordo com as exigências impostas pelas pessoas, interações e instituições sociais.

Ainda em relação aos estudos sobre construção identitária, Leffa (2012) define a identidade de acordo com três possibilidades, que ele chama de dimensão geográfica, dimensão histórica e dimensão dialética. A dimensão geográfica explica-se pela expansão do indivíduo em relação ao outro, aumentando ou diminuindo a fronteira que os separa. Isso porque, conforme vamos crescendo, nossa identidade se expande e incorpora-se às outras identidades, ou seja, a identidade da família, do bairro, da cidade, e assim por diante.

O conceito de identidade na dimensão histórica apresenta o entendimento da identidade que muda com o tempo, conforme a história evolui e nas situações em que vivenciamos. A dimensão histórica é comparada por Leffa (2012) ao “descentramento do sujeito” que provoca uma “crise de identidade” (HALL, 2006), quando o indivíduo vive um momento de contradições e transformações de sua identidade. Já na dimensão dialética, a identidade é entendida na diferença com o outro, quando a pessoa pertence a um grupo ou comunidade que a diferencia do outro indivíduo. Essa diferença pode gerar situações de confrontos que se constroem para legitimar a possibilidade de se pertencer a determinado grupo, gerando uma negociação e também uma aceitação da diferença em relação ao outro (LEFFA, 2012).

De acordo com essas perspectivas, entendo que as transformações da identidade se caracterizam pela necessidade do indivíduo em adequar-se ao tempo, ao outro, e ao contexto social vivenciado, conforme suas responsabilidades, objetivos e interesses. A esse respeito, Woodward diz que “diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais” (2014, p. 32), e acrescenta que “as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (2014, p. 33).

Assim, entendo que apresentamos diferentes identidades, assumindo posições e sendo posicionados pelas expectativas sociais de acordo com a situação que estamos vivenciando. Essas diferentes identidades assumidas por nós podem ser conflituosas e são características da complexa vida moderna.

O que é denominado vida moderna pode ser entendido como contemporaneidade, ou pós-modernidade, quando “o sujeito é visto como fragmentado, composto por diferentes identidades que podem ser contraditórias ou não resolvidas; e (trans)formadas continuamente” (ASSIS, 2013, p.27). A sociedade passou a vivenciar transformações sociais significativas. Essas transformações provocam o que os autores chamam de “crise de identidade” e são características da modernidade tardia, que segundo Giddens (1990) e Hall (2000), causam uma desestabilização da identidade que antes era considerada fixa, estável e imutável.

Nesse sentido, Bauman (2005) acrescenta que “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (p. 33). Desse modo, os sujeitos reconstituem suas novas e conflitantes identidades em meio às transformações globais da vida contemporânea que não admitem inflexibilidades do sujeito.

As transformações globais geram mudanças no modo de produção e consumo, interferindo nos fatores econômicos e culturais da sociedade, provocando identidades novas e globalizadas (WOODWARD, 2014). A esse respeito, Mastrella, Machado e Oliveira (2016) acrescentam que “o sujeito se constitui em um cenário de crise e conflito consigo mesmo, marcado pela globalização, pela transposição de fronteiras, pelo acesso aos bens de consumo [...]” (p.100).

As mudanças na economia global também provocam novas posições de identidade, mudanças culturais e novos estilos de vida. Isso posto, de acordo com Woodward (2014), a interferência na heterogeneidade cultural pode promover um distanciamento da identidade em relação à comunidade e cultura local ou pode gerar resistência, fortalecendo assim as identidades nacionais e locais. Além disso, todo esse processo também pode acarretar o surgimento de novas posições de identidade, possibilitando formas não previstas de identidades (WOODWARD, 2014).

Conforme já apresentado anteriormente, o conceito de identidade sofreu uma evolução ao longo dos anos. Segundo Bauman (2005), o que era sólido passa a ser fluido, “e os fluidos não conseguem manter a forma por muito tempo [...] continuam mudando de forma sob a influência das menores forças” (BAUMAN, 2005). Assim, as identidades vão se transformando

e “ganham livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35).

Leffa (2012) ainda acrescenta que a identidade era vista como sólida, depois tornou-se líquida e nos dias atuais ela tende a tornar-se vaporosa, o que fez o sujeito tornar-se fragmentado, sendo constituído em função de múltiplas identidades. O indivíduo que antes pertencia a um lugar, hoje “flutua” pelo espaço virtual, “constituindo-se em *nicknames* e avatares nas inúmeras redes sociais que recobrem o planeta. As identidades reais unem-se às virtuais” (LEFFA, 2012, p. 68).

Diante das perspectivas de mudanças de estilos de vida, Hall (2006) argumenta que as identidades estão se tornando cada vez mais:

Desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’”, devido a uma vida social que se torna influenciada pelo mercado global, pelos sistemas de comunicação midiáticos conectados globalmente, assim como também pelos “lugares, imagens, e viagens internacionais” (HALL, 2006, p. 75).

Compreender o panorama das identidades ao longo do tempo nos ajuda a entender a relação entre identidade e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Diante das transformações geradas pelo mercado global, onde as fronteiras são transpostas a partir de um clique, surge cada vez mais a necessidade do conhecimento de línguas estrangeiras, em especial a Língua Inglesa, para comunicação em todas as interações entre falantes de línguas diferentes. A esse respeito, Leffa (2009) acrescenta que “não conhecer uma língua estrangeira no mundo atual é como desconhecer a escrita numa sociedade letrada [...] apenas mais uma garantia de ser excluído dos bens que a sociedade tenta preservar para o usufruto de seus eleitos” (LEFFA, 2009, p. 123).

Diante dessas considerações a respeito das transformações identitárias ao longo do tempo e do espaço, entendo a importância dos professores de línguas estrangeiras estarem cientes dessas transformações e de sua influência na aprendizagem de línguas, para que assim possamos entender a formação identitária do aprendiz de Língua Inglesa, seus investimentos e comunidades imaginadas no processo de aquisição da língua.

Na próxima seção, apresento as bases teóricas pós-estruturalistas da linguagem que influenciaram pesquisadores no estudo da construção identitária de aprendizes de línguas.

2.1.2 A proposta pós-estruturalista na construção identitária

Para entender a formação identitária de aprendizes de línguas, é importante buscar as bases teóricas pós-estruturalistas de linguagem que influenciaram muitos teóricos nos últimos anos, como Weedon (1997), Pennycook, (1990), Norton (1995), Pavlenko (2000) e Block (2007). O pós-estruturalismo surgiu como reformulação do estruturalismo, sendo entendido como uma visão filosófica motivada pelo trabalho de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger em oposição ao pensamento científico do estruturalismo, segundo Peters (2000).

Conforme veremos a seguir, encontramos afinidades entre o estruturalismo e pós-estruturalismo, bem como inovações teóricas distintas. Porém:

O pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um movimento de pensamento - uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente, interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes. (PETERS, 2000, p. 29)

As teorias estruturalistas da linguagem foram influenciadas no formalismo europeu do final do século XIX, transformando-se, sob a inspiração combinada pelas concepções teóricas de Ferdinand Saussure (1857-1913) e de Roman Jakobson (PETERS, 2000). Conforme Mastrella (2013), a teoria de Saussure contribuiu para o estabelecimento do estruturalismo linguístico, “uma vez que concebe a língua como uma estrutura estável, formada por signos linguísticos (significante e significado) que se definem dentro do sistema a partir de uma relação de diferença” (MASTRELLA, 2013, p. 34).

Sendo assim, a noção de língua defendida pelos estruturalistas é a de um sistema que apresenta sentido fixo, com significado arbitrário e comunidades linguísticas um tanto homogêneas. Em contraposição a esse pensamento, os pós-estruturalistas consideram a possibilidade de haver diferentes significados para diversas falas numa comunidade linguística. Assim, surgiu a objeção a esse pensamento de Saussure, que considerava a língua um sistema fechado e cada signo composto de significantes e significados fixos. Para Saussure (1997), cada comunidade linguística tem seu conjunto de práticas significativas que dão valor a determinados signos em uma língua (MASTRELLA, 2013)

Em oposição ao pensamento estruturalista, Derrida (1991) apresentou o conceito de *différence*, criticando a estrutura do sistema linguístico tido como estável por Saussure (1997). Assim, Derrida (1991) desenvolve a noção de que as características do signo linguístico

determinam a instabilidade da língua, desestabilizando-a. Para Derrida, o signo não traz em si o objeto que o nomeia, sendo um objeto concreto, uma ideia ligada a um objeto concreto, ou mesmo um conceito abstrato. Dessa forma, não há a possibilidade de haver significantes e significados com sentidos fixos, ou seja, os significantes são localizados no contexto discursivo e seus significados podem variar de acordo com o ambiente em que se inserem (MASTRELLA, 2013). Portanto, o processo discursivo faz parte do envolvimento com outras pessoas em interação com o meio social.

Nessa perspectiva, Hall (2000) reafirma o papel da linguagem para a construção e apropriação identitária por meio do discurso, uma vez que, segundo o autor, “as identidades são construídas dentro e não fora do discurso” (p. 109). Dessa forma, “precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2014, p. 109).

Moita Lopes (2002) reconhece a natureza social do discurso, sendo visto como uma forma de coparticipação social, em virtude dos participantes discursivos construírem significado ao se comprometerem, e ao comprometerem outros no discurso em eventos culturais, históricos e institucionais específicos. O discurso é visto como uma forma de ação no mundo, em que os participantes envolvidos agem por meio da linguagem e assim constroem sua “realidade social e a si mesmos” (MOITA LOPES, 2002).

Na visão pós-estruturalista, a linguagem é vista como uma prática social, e as identidades são representadas pelos discursos que os indivíduos assumem, sendo suas subjetividades construídas em diferentes contextos sociais e estruturadas por relações de poder, que podem influenciar o indivíduo a se apropriar de diferentes posições subjetivas, muitas vezes conflitantes e contraditórias (NORTON, 2000).

Nesse sentido, o pensamento pós-estruturalista também sugere que se leve em conta as relações de poder, gênero e raça, que podem levar um indivíduo a apresentar diferentes atitudes subjetivas num discurso, bem como afetar o modo como as pessoas aprendem uma segunda língua (PAVLENKO, 2002; SILVA, 2014). Levando em consideração esse pensamento, a pesquisadora Chris Weedon (1997) utilizou as ideias pós-estruturalistas para teorizar sobre questões de gênero, identidade, linguagem, a visão patriarcal das sociedades, subjetividade e poder. Ela defende que os indivíduos são influenciados pelas relações sociais e instituições para formar e impor seus discursos de poder.

Na aquisição de segunda língua, a concepção pós-estruturalista influenciou os estudos sobre identidade, sugerindo argumentações sobre a necessidade de se “repensar” a aquisição de línguas levando em consideração o indivíduo inserido em relações sociais, políticas e culturais

(PAVLENKO, 2002). O sujeito, na visão estruturalista, é entendido como homogêneo, autoconsciente, indivisível e centrado. Por outro lado, o pós-estruturalismo vê o sujeito em constante conflito, o que permite a construção de formações discursivas influenciadas por ambientes sócio culturais diversos.

Considerando por essa ótica, Pavlenko (2002) aponta algumas vantagens a respeito do uso da abordagem pós-estruturalista para teorizar as questões identitárias com relação à aprendizagem de línguas, pois segundo a autora, essa abordagem possibilita uma visão mais sensível do contexto social e do impacto no aprendizado, e uso da língua-alvo (PAVLENKO, 2002). Nesse sentido, Silva (2014) acrescenta que a visão pós-estruturalista compreende a construção identitária em contínua mudança e “relacionada ao entendimento de uma pessoa sobre ela mesma e sobre seu posicionamento frente aos diferentes discursos” (p. 107).

Pesquisadores de aquisição de segunda língua (ASL) tendem a considerar em suas pesquisas a realidade contemporânea. Dessa forma, evitam uma visão de valorização de uma única cultura ou língua, e consideram os indivíduos como usuários de múltiplos recursos linguísticos e variadas comunidades de prática. Esse conceito possibilita aos pesquisadores “avaliarem contextos situacionais de pesquisa” e oportuniza aos “usuários de segunda língua a transição entre diferentes contextos ou a criação de identidades híbridas” (PAVLENKO, 2002, p. 295).

Esses contextos diversos favorecem a participação de múltiplas culturas e o desejo dos aprendizes em pertencer a comunidades de prática da língua-alvo, criando identidades étnicas e linguísticas diferenciadas, sem a necessidade de aprendizes possuírem pronúncias perfeitas e próximas à nativa (PAVLENKO, 2002). De acordo com essas perspectivas, Pavlenko (2002) ainda acrescenta que a língua limita e constitui a identidade dos falantes, por vezes até mesmo sem intenção. Por isso, é possível admitir que as identidades no processo de aprendizagem são problemáticas e heterogêneas.

A língua torna possível a definição e a contestação de formas de organização social e suas consequências políticas. Para a teoria pós-estruturalista, é por meio da língua que é possível analisar os significados sociais, a organização social, o poder e a consciência individual (WEEDON, 1997). Assim, de acordo com a teoria pós-estruturalista, Acosta (2017) entende que:

O pós-estruturalismo passou a considerar que há um vínculo entre as estruturas da linguagem com as demais estruturas sociais, econômicas, mentais entre outras, que poderão estar diretamente relacionadas com a construção das identidades (ACOSTA, 2017, p. 33)

Dessa forma, para entender a relação entre língua e identidade, sugere-se levar em consideração a teoria pós-estruturalista de linguagem como discurso, de acordo com Norton (2010). A autora explica que quando a pessoa fala, está construindo e reconstruindo sua identidade no tempo e espaço com implicação das questões de gênero, raça, etnia, orientação sexual, entre outras características que influenciam na negociação de sua identidade (NORTON, 2010).

Entendo que seja por meio da língua, inseridos em contextos sociais, que construímos a consciência de quem somos ou quem não somos, e assim, expressamos a pluralidade de nossas identidades, uma vez que, segundo Weedon (1997), “a língua é o lugar em que formas atuais e possíveis de organização social [...] são definidas e contestadas. E ainda, também é o lugar em que nosso senso de nós mesmos, nossa subjetividade é construída”⁹ (p. 21, tradução minha). Norton (2000) coaduna com essa ideia quando se refere a Heller (1987), ao dizer que é pela língua que a pessoa negocia seu senso de identidade no tempo e no espaço. A autora menciona também que é pela língua que o indivíduo ganha ou perde acesso às relações sociais que podem proporcionar oportunidades de falar. (HELLER, 1987 apud NORTON, 2000).

Na sequência, passo a apresentar o conceito de construção identitária de aprendizes de línguas na visão de alguns autores.

2.1.3 Identidade de aprendiz

Nas seções anteriores, foram apresentados o conceito de identidade a partir da visão de vários autores e o panorama das transformações ocorridas nas identidades ao longo do tempo e do espaço. Nesta seção, o objetivo é ampliar a compreensão do conceito com relação à aquisição de segunda língua (ASL), para entender a construção da identidade de aprendiz de língua estrangeira. Sendo assim, apresento alguns autores que discorreram sobre o ensino de línguas e a formação identitária de aprendizes, como Norton (1995) e (2000), Rajagopalan (2003), Canagarajah (2007), Block (2007), Paiva (2009), Sade (2008), Paschoal (2013) e Leffa (2012).

Norton (1995) apresenta uma discussão a respeito da dificuldade que estudiosos de aquisição de segunda língua (ASL) encontram em conceituar a relação entre o aprendiz de línguas e o mundo social. De acordo com a autora, não há uma teoria que explique a integração

⁹ “Language is the place where actual and possible forms of social organization and their likely social [...] are defined and contested. Yet it is also the place where our sense of ourselves, our subjectivity, is *constructed*.” (WEEDON, 1997, p. 21)

do aprendiz e o contexto de aprendizagem, e nem as relações de poder que envolvem as interações entre os aprendizes e os falantes da língua-alvo (NORTON, 1995).

Em sua pesquisa desenvolvida com imigrantes como aprendizes de Língua Inglesa no Canadá, Norton utiliza os conceitos de identidade social ou subjetividade na visão pós-estruturalista feminista proposta por Weedon (1997). Assim, Norton (1995) menciona que as identidades sociais dos aprendizes são “complexas, múltiplas e sujeitas a mudanças” e também recomenda que professores de segunda língua possibilitem aos aprendizes a chance de pleitearem o direito a falar fora do ambiente de sala de aula, ou seja, em outros contextos sociais, oportunizando a interação social com falantes da língua-alvo.

Como já apresentado nas seções anteriores, a identidade é construída nas interações sociais e históricas nas quais os indivíduos estão inseridos, interferindo na reconstrução e definição de suas identidades. Nesse sentido, Norton (2000) entende que as identidades são construídas socialmente e que o aprendiz de línguas tem múltiplos desejos e uma identidade social complexa. Com isso, a autora apresenta sua concepção de identidade em referência a “como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e no espaço, e como a pessoa entende as possibilidades para o futuro”¹⁰ (NORTON, 2000, p. 5 – tradução minha).

Sendo a identidade construída na e pela língua, quando o aluno deseja aprender uma língua estrangeira, ele estaria, então, desejando reconstruir sua própria identidade, e agregar a nova identidade de aprendiz de línguas. Para tanto, Norton menciona que, quando o aprendiz investe na língua-alvo, ele investe na sua identidade social que está sempre em mudança no tempo e no espaço (NORTON, 2000).

As mudanças provocadas pela globalização no mundo contemporâneo possibilitam uma grande variedade de novos discursos e novas identidades linguísticas construídas socialmente, provocadas pela extinção das fronteiras culturais, conforme Rajagopalan (2003). A partir da fala do autor, reflito se a necessidade de comunicação com pessoas que falam outras línguas pode levar ao interesse pelo aprendizado de línguas estrangeiras (LE). O estudo de língua estrangeira pode provocar identidades contraditórias nos aprendizes, ao passo que, ao desejarem aprender uma nova língua, os alunos também (re)definem suas identidades construídas anteriormente, muitas vezes inconscientemente, segundo Paschoal (2013). Assim,

¹⁰I use the term identity to reference how a person understands his or her relationship to the world, how that relationship is constructed across time and space, and how the person understands possibilities for the future (NORTON, 2000, p.5).

essa redefinição das identidades dos aprendizes faz parte do processo ensino-aprendizagem de línguas, no entendimento de Rajagopalan (2003).

Entendo que, no contexto de LE, os estudantes trazem suas identidades, ou seja, a profissional, da família, de gênero, de etnia, entre outras, não sendo possível separá-las do contexto de aprendizagem. Porém, emerge uma nova identidade, a do aprendiz de línguas. Segundo Canagarajah (2007), a identidade linguística do indivíduo corresponde às comunidades e linguagens que consideramos importantes em diferentes contextos. Em situações de contato com a língua-alvo, os aprendizes constroem suas identidades linguísticas. Em conformidade com essa ideia, para Block (2007), a identidade linguística pode ser entendida na relação atribuída, ou assumida entre o senso do próprio indivíduo e a linguagem.

Ao observarmos a complexa identidade do aprendiz de línguas sendo construída no contexto de aprendizagem, e também a partir de diversos outros contextos, sugiro que sejam consideradas, também, as crenças (BARCELOS, 2001), e representações trazidas pelos alunos com relação ao aprendizado da língua estrangeira. Segundo Barcelos (2001), não existe uma definição única a respeito de crenças sobre aprendizagem de línguas, porém a autora considera que as crenças “podem ser definidas como opiniões e ideias que os alunos (e professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas” (p.72).

De acordo com Barcelos (2004), muitos outros autores utilizam vários termos e definições para referirem-se às crenças sobre aprendizagem de línguas, as quais destaco aqui algumas, como: Representações (RILEY,1994), em relação às ideias populares sobre a natureza, estrutura e uso da língua, e também sua relação com pensamentos, identidades e aprendizagem de línguas; Crenças culturais (GARDNER, 1988), no que diz respeito às “expectativas na mente dos professores, pais e alunos referentes a toda aquisição de segunda língua” (p. 110); e Crenças (WENDEN, 1986), que são as opiniões de pessoas que são importantes para os alunos, e assim influenciam no modo como eles agem.

Para Barcelos (2004), as crenças estão ligadas a nossa emoção e identidade, uma vez que referem-se ao eu do indivíduo. Assim, Barcelos sugere que as crenças estão relacionadas à construção da identidade, à medida que somos aquilo em que acreditamos. Nesse sentido, Riley (1994) também menciona que as crenças podem influenciar as atitudes, a motivação e as estratégias de estudo utilizadas pelos alunos na aprendizagem de línguas.

Diante do exposto sobre crenças, entendo a importância de também levar em consideração esse conceito para o entendimento da identidade de aprendizes de Língua Inglesa, visto que, segundo Barcelos (2003), compreender as crenças dos alunos significa compreender seus mundos e suas identidades.

A identidade dos aprendizes pode intervir na aprendizagem de língua estrangeira, à medida que o processo de construção identitária compreende vários atributos pessoais e sociais que surgem da interação entre os indivíduos e os grupos sociais que fazem parte de suas vidas (SADE, 2008). Dessa forma, Paiva (2009) pontua que “esse processo de construção e reconstrução está associado às várias fases do percurso desse sistema complexo e caótico chamado ASL” (PAIVA, 2009, p.7). Nesse sentido, Norton (2000) sugere que teóricos precisam desenvolver uma concepção de identidade que seja compreendida de acordo com as interações das relações sociais do dia a dia para se entender o processo de aquisição de uma segunda língua.

Todo esse processo de ensino e aprendizagem faz parte de um sistema muito mais abrangente, entendido por Rajagopalan (2003) como “redefinição cultural”, pois é a partir da linguagem que nossas identidades são reformuladas. Sendo assim, entendo que essa redefinição cultural também pode gerar conflitos de identidades nos aprendizes, uma vez que nossas identidades são múltiplas, conflitantes e sujeitas a mudanças (NORTON, 2000).

Ao se apropriarem de conhecimentos socioculturais e signos linguísticos que estão inseridos na nova língua que aprendem, os estudantes estão em processo de formação da nova identidade de aprendiz de línguas. Dessa forma, Paschoal (2013) menciona a importância de se considerar os aspectos culturais no processo de aprendizagem de línguas, uma vez que “a língua é uma parte da cultura e a cultura é uma parte da língua, estando ambas intrinsecamente relacionadas” (PASCHOAL, 2013, p.14). Sendo assim, a autora considera importante compreender o processo de ensino e aprendizagem como parte de contextos sócio históricos que estão suscetíveis a fatores externos, e sugere ainda que sejam observadas as práticas sociais nas quais os indivíduos fazem parte, para inseri-las no contexto de sala de aula.

Outro fator importante a respeito de abordagens sobre identidade é, segundo Block (2007), o reconhecimento de que a identidade não está contida exclusivamente no indivíduo e também não depende de como os outros o interpretam. Assim, o autor sugere que os indivíduos precisam ser considerados como sujeitos que se constituem e também são posicionados como sujeitos pelos outros no ambiente vivenciado.

É a partir da linguagem e de nossos discursos que transmitimos às outras pessoas a nossa identidade; porém, ao entrarmos em contato com uma nova língua, nossa identidade se redefine. No contexto de sala de aula de língua estrangeira, ocorre a troca de código (*code-switching*) para afirmar uma identidade étnica, como apresentado por Leffa (2012). Conforme mencionado pelo autor, no contexto de LE, a troca de código se dá quando o aprendiz precisa

mudar de uma língua para outra, ou seja, ele precisa assumir uma nova identidade, mas na verdade ainda não se sente preparado quando é exigido que se expresse na língua-alvo.

A meu ver, por não estar preparado para assumir a nova língua, a identidade do aluno entra em conflito, por vezes gerando silêncio, o que pode ser entendido como uma atitude de resistência. Segundo Leffa (2012), os alunos têm dificuldade em aceitar essa troca de códigos linguísticos e muitas vezes sentem medo de falar: “quando mudamos de código, mudamos também de identidade” (LEFFA, 2012, p. 73). Nesse sentido, o autor alega que o estudante de língua estrangeira tem pelo menos duas identidades construídas em momentos distintos: “a identidade de falante da língua materna e a identidade de falante da língua estrangeira” (LEFFA, 2012, p. 73).

Outro aspecto importante a se levar em conta em relação ao aprendizado de língua estrangeira e a identidade de aprendiz, é a relação de poder envolvida nas situações de aprendizagem da língua-alvo. Em vista disso, menciono Norton (2000), quando ela apresenta o termo “poder” em referência às relações sociais formadas entre as pessoas, suas comunidades e instituições das quais fazem parte.

Nas relações sociais são gerados, divididos e legitimados o poder material, entendido como recursos financeiros e propriedades; e o poder simbólico, entendido como língua, educação e amizade (NORTON, 2000). Dessa forma, as relações de poder não são palpáveis e sofrem alterações nas relações sociais, levando a mudanças de atitude. Tendo por base os conceitos de Norton (2000), entende-se que tanto o poder relacionado às instituições, ou em nível menor das relações entre as pessoas, suscita diferentes acessos aos recursos materiais e simbólicos que são produzidos na língua.

Em relação ao contexto de língua estrangeira, quando o aluno começa a se apropriar do conhecimento da língua-alvo, ele tem a possibilidade de acesso a situações que vão lhe dar poder e privilégios e vão influenciar no modo como esse aluno compreende sua relação com o mundo, além de suas possibilidades para o futuro (NORTON, 2000), o que pode ser entendido como oportunidades que se apresentam aos aprendizes ao se apropriarem da língua-alvo.

Ao sugerir a compreensão da conexão do aprendiz de línguas com o mundo, Norton (2000) se vale da relação entre identidade e poder simbólico, apresentada por Pierre Bourdieu (1991). O autor argumenta que o discurso proferido pelo indivíduo não pode ser entendido fora da pessoa, ao mesmo tempo que a pessoa não pode ser separada do contexto social. Assim, a respeito da competência comunicativa dos indivíduos, Bourdieu (1991) chama de “direito ao discurso”, o que Norton (2000) ressignificou para “direito a fala”.

Teóricos pós-estruturalistas, como Bourdieu (1991) e Weedon (1997), consideram a língua como lugar de construção de identidades e capital simbólico. A esse respeito, Pavlenko (2004) também considera a língua como lugar de organização social, poder e forma de capital simbólico, o qual pode ser entendido como a união do capital cultural, capital social e capital financeiro conquistados pelo indivíduo ao longo de sua trajetória.

Sendo a língua considerada um capital simbólico com variações de valor social, de acordo com Leffa (2012), essas variações são usadas por grupos ou instituições específicas, e em certas situações em proveito do próprio falante como forma de impor poder, sem possibilidade de negociação entre os falantes. Dessa forma, no ambiente de sala de aula, a imposição de formas de poder por determinados alunos, quando esses possuem maior competência linguística que outros, ou até mesmo pelo professor, pode “servir para habilitar ou restringir a emergência de identidades que o aprendiz pode negociar em suas salas de aula e comunidades”¹¹ (NORTON, 2000, p. 9 – tradução minha).

Entendo então, que a resistência ou a não participação em sala de aula, ou até mesmo em outras situações de prática da língua-alvo, não legitima a competência linguística do aprendiz, fazendo com que sua identidade de aprendiz seja contraditória. Nesse sentido, Leffa (2012) entende que numa relação desigual de poder entre interlocutores, reduz-se a possibilidade de interação e de aprendizagem. Assim, quando o aluno deixa de participar em determinadas situações de prática da língua-alvo, marcadas por relações de poder, ele perde a oportunidade de legitimar sua competência linguística e afirmar sua identidade de aprendiz.

Apesar dos diferentes contextos pesquisados no Brasil, há um ponto que se mostra em comum nas pesquisas sobre identidade, no que se refere ao fato de identidades serem construídas a partir de discursos presentes nas práticas e contextos sociais que fazem parte do cotidiano dos aprendizes. Portanto, vejo a importância de levar em conta que as identidades são construídas nas práticas discursivas que fazem parte da realidade em que vivemos, para entender a construção da identidade dos aprendizes de línguas.

Usando aqui uma metáfora, ousou dizer que ao estar envolvido com o aprendizado da Língua Inglesa, o aluno pode ser visto como uma pessoa que nunca entrou no mar. O mar deve ser entendido aqui, como a prática da língua estrangeira. Ele olha o “mar”, tem vontade de entrar e sabe que pode ser prazeroso, à medida que ele vê outras pessoas falantes da língua-alvo e deseja ser fluente. Mesmo desejando ter habilidades linguísticas na língua estrangeira, às vezes não consegue dar o primeiro passo para entrar nesse “mar”.

¹¹ “relations of power can serve to enable or constrain the range of identities that language learners can negotiate in their classrooms and communities” (NORTON, 2000, p. 9).

Quando o aprendiz tem a iniciativa de dar o primeiro passo nas práticas da língua, muitas vezes se sente inseguro e indeciso. Ao se sentir inserido no “mar” da nova língua que deseja dominar, ou seja, no ambiente de sala de aula, ou em outra situação de prática da língua, sua identidade entra em conflito, pois sua primeira identidade linguística, que seria a língua materna, está sendo reformulada ao entrar em contato com a nova língua.

Estando nesse ambiente, no “mar”, o aluno percebe que está vindo uma onda, que comparamos aqui às dificuldades e situações de poder enfrentadas pelos aprendizes em suas práticas da língua-alvo. Ao se deparar com situações comuns, que fazem parte das etapas do aprendizado como dificuldades, relações de poder em contato com a língua-alvo, o aluno pode ter várias atitudes: voltar e desistir; ou enfrentar e mergulhar de cabeça na aprendizagem, assumindo atitudes de participação e investimento na língua-alvo; ou simplesmente não fazer nada, deixando a ‘onda’ lhe derrubar ou passar. Nesse último caso, sua atitude seria de resistência em contato com a língua-alvo.

O uso dessa metáfora se dá para que se possa entender o aprendiz de línguas vivendo num contexto social, em meio a transformações constantes, que influenciam na construção de suas identidades por meio de desejos, atitudes, investimentos e imaginações. Essa resistência pode ser entendida como parte da construção identitária do aprendiz que vive num contexto social específico.

Quando o aluno decide aprender uma língua estrangeira, ele deseja apropriar-se de capital cultural suficiente para lhe proporcionar grandes chances de conquistar seus objetivos, uma vez que o aprendizado da nova língua poderá oportunizar contato com novas pessoas e novas situações em relação à língua-alvo. Esse contato com a língua pode gerar diferentes comportamentos no aprendiz, como resistência ou não participação ao reivindicar o direito à fala (NORTON, 2000). Essas atitudes de resistência ou não participação demonstram a ideia do conceito de identidade como um lugar de conflitos, como proposto por Norton (2000). Assim, entendo que a identidade do aprendiz também pode estar em conflito ao ter contato com a língua que deseja aprender.

Em síntese, compreendo que a identidade de aprendiz de línguas se constrói no meio social a partir de seus anseios, ações e investimentos. Dessa forma, essa construção identitária pode gerar conflitos e resistências. Por isso, o professor de línguas estrangeiras deve estar ciente das possíveis atitudes e reações dos aprendizes durante o processo de ensino-aprendizagem que envolve a aquisição de línguas, para então orientar e ajudar seus alunos nas situações de aprendizagem e uso da língua-alvo. Assim, Norton (2000) sugere que “professores de línguas

precisam entender os investimentos dos alunos na língua-alvo e suas identidades em mudança”¹² (NORTON, 2000, p. 133- tradução minha).

Assim sendo, a seguir discorrerei sobre o conceito de investimento na aprendizagem de língua estrangeira com a finalidade de tentar entender os desejos ou as resistências dos participantes desta pesquisa em adquirir novos conhecimentos de Língua Inglesa.

2.2 INVESTIMENTO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Nesta seção, apresento a noção de investimento sugerida por Norton (2000). Sua teoria nos ajudará a refletir a respeito dos aspectos que envolvem o aprendizado da língua estrangeira e o processo de reconstrução da identidade dos participantes desta pesquisa, e consequentemente, a construção da identidade de aprendiz de línguas.

Retorno ao entendimento de que o aprendiz de línguas é visto como possuidor de uma identidade social complexa, que se constrói nos ambientes sociais desiguais, geralmente nas interações do dia a dia. (NORTON, 2000). A autora ressalta a necessidade de se desenvolverem pesquisas que considerem a compreensão da construção identitária em relação a estruturas sociais mais amplas, desiguais e injustas que são reproduzidas no convívio social, em consonância com os estudos de aquisição de segunda língua.

Em sua pesquisa realizada com mulheres imigrantes como aprendizes de Língua Inglesa no Canadá, Norton (2000) apresentou a noção de investimento como complemento ao conceito de motivação. Até então, as pesquisas sobre aprendizagem de segunda língua levavam em consideração o conceito de motivação apresentados por Gardner e Lambert (1972), para entender como se dava a aquisição de segunda língua. Os estudos entendiam a motivação como um construto psicológico, uma característica fixa e individual do aprendiz, sem levar em conta as relações de poder existentes entre os aprendizes de línguas e os falantes da língua-alvo.

Os teóricos de ASL consideravam a motivação como peça fundamental para a aquisição de segunda língua; porém, viam o aprendiz com uma identidade única e coerente, responsável pela intensidade e o tipo de motivação do aprendiz. Dessa forma, quando o aluno não lograva sucesso na aprendizagem do idioma, entendia-se que o aprendiz não possuía motivação suficiente para manter o envolvimento na aquisição do conhecimento (NORTON,

¹² [...] That language teachers need to develop an understanding of their students’ investments in the target language and their changing identities (NORTON, 2000, p. 133).

2000). Para Norton, o conceito de motivação não era suficiente para explicar por que alguns alunos, mesmo estando motivados, não conseguiam assimilar o aprendizado da língua-alvo.

Levando em consideração os aprendizes de línguas como indivíduos com múltiplos desejos e identidades conflituosas, Norton Peirce (1995) apresentou a noção de investimento como um construto sociológico. Pela perspectiva sociológica, o conceito busca apresentar uma relação entre o anseio por se apropriar da língua-alvo, seu empenho em aprender a língua e sua identidade em constante mudança, que é construída na e pela linguagem. A noção de investimento complementou o conceito de motivação, pois apresentou de maneira mais adequada a complexa relação entre o aprendiz de línguas possuidor de uma história social complexa e seus múltiplos anseios em relação à aprendizagem do idioma.

Pelo entendimento da noção de investimento proposta por Norton, quando o aprendiz fala, ele não está apenas trocando informações com falantes da língua-alvo, mas sim organizando e reorganizando suas identidades e sua relação com o mundo social (NORTON, 2000). Nesse sentido, Norton (2000) entende que, ao investir na língua, o aprendiz está investindo em sua própria identidade de aprendiz, que está em constante mudança no tempo e no espaço (NORTON, 2000):

A motivação do aprendiz é mediada por outros investimentos que podem entrar em conflito com o desejo de falar – investimentos que podem estar conectados na contínua transformação da identidade de aprendiz e seus desejos para o futuro¹³ (NORTON, 2000, p. 120 – tradução minha).

O conceito de investimento nos ajuda a compreender a vontade do aprendiz em interagir em comunidades de prática, conforme mencionado por Norton (2013). Ao assumir uma atitude de comprometimento com o idioma desejado, investindo nesse aprendizado, o aprendiz o faz com a intenção de adquirir recursos simbólicos e materiais, os quais lhe darão oportunidade de aumentar seu “capital cultural”¹⁴. Com o aumento do capital cultural ele terá chance de ter acesso a recursos até então inatingíveis. (NORTON, 2000).

Os estudos sobre investimentos em língua estrangeira mostram que os aprendizes podem muitas vezes estar altamente motivados no aprendizado da língua, porém apresentam poucos investimentos nas práticas que favorecem aquisição da língua-alvo (NORTON, 2013). De acordo com Norton, a comunidade de prática de sala de aula pode provocar resistência no

¹³A learner’s motivation to speak is mediated by other investments that may conflict with the desire to speak – investments that are intimately connected to the ongoing production of the learners’ identities and their desires for the future (NORTON, 2000, p. 120).

¹⁴O termo “Capital cultural” foi usado por Bourdieu e Passeron (1977) em referência ao conhecimento adquirido pelos indivíduos. Em seu estudo, Bourdieu (1991) entendeu que existem diferentes formas de capital cultural de acordo com as diferentes relações sociais.

aprendiz de forma a inibir a sua participação em práticas interativas com atitudes de racismo, ceticismo, elitismo ou homofobia. Quando isso acontece, os aprendizes podem resistir às práticas que, de alguma forma marcam suas identidades negativamente (NORTON, 2013). Por isso, entendo que essa situação pode causar a falta de investimentos em oportunidades de prática em diferentes contextos fora do ambiente de aprendizado de sala de aula.

Ao buscar por oportunidades de prática da língua-alvo, o aluno está também construindo sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa. Este processo de construção identitária pode causar conflitos de identidade ou resistência. Esses conflitos podem provocar nos alunos a reivindicação de identidades alternativas mais poderosas, que podem contribuir para a aquisição da aprendizagem (NORTON, 2013).

Voltando à ideia de que a identidade é (re)construída na língua e nas práticas sociais, Norton (2013) reforça o entendimento de que a identidade é influenciada pelas práticas comuns às instituições das quais fazemos parte. Essas práticas também possibilitam recursos simbólicos e materiais que vão dar acesso a novos ambientes de prática do idioma, e assim favorecerão a produção e negociação de novas identidades (NORTON, 2013).

A construção dessa nova identidade de aprendiz pode estar ligada às práticas e investimentos assumidos para a aquisição do conhecimento na língua-alvo. Essa reflexão nos leva a entender que as práticas da língua estrangeira de sala de aula devem se apresentar consistentes e atrativas para favorecer expectativas de aprendizagem e, conseqüentemente, o comprometimento em atitudes de investimento nas práticas do idioma, tanto em sala de aula como fora dela.

Diante desses conceitos, entendo que os contextos de aprendizagem da língua-alvo devam levar em conta os desejos e interesses dos alunos, além do contexto social no qual eles se inserem para que a aprendizagem faça sentido e provoque atitudes de investimento por parte dos aprendizes. Em suma, julgo importante levarmos em consideração os conceitos sobre investimentos na língua-alvo para perceber as ações adotadas pelos aprendizes, e assim compreendermos de que forma pode estar emergindo a identidade de aprendiz de línguas nas práticas de aprendizado do idioma. O investimento no estudo pode sugerir também o surgimento de comunidades imaginadas, que podem aumentar a perspectiva de oportunidades e anseios com relação ao conhecimento da língua estrangeira.

A seguir, discorrerei sobre comunidades imaginadas, com a finalidade de tentar entender os anseios ou as resistências dos participantes desta pesquisa em adquirirem a nova identidade de aprendiz.

2.3 COMUNIDADES IMAGINADAS E IDENTIDADES IMAGINADAS

Ao assumir uma postura de comprometimento com o aprendizado da língua estrangeira, o aluno investe nesse aprendizado e começa a formar sua identidade de aprendiz. De acordo com Norton (2013), a noção de investimento nos auxilia a compreender a vontade do aluno em interagir em comunidades de prática. Ao adotarem uma atitude de empenho e investimento no aprendizado da língua-alvo, “os aprendizes esperam ter um bom retorno desse investimento, um retorno que vai lhes dar acesso a recursos até então inatingíveis”¹⁵ (NORTON, 2000, p. 10 – tradução minha).

Ao desejarem adquirir conhecimento na língua estrangeira, os estudantes anseiam por aumentar seu capital cultural que vai lhes possibilitar acesso a comunidades de prática da língua-alvo. Esse acesso possibilitará a emergência de identidades imaginadas, uma vez que as comunidades, de práticas ou imaginadas, influenciam nas atitudes dos alunos com relação ao aprendizado do idioma (NORTON, 2000). Assim, “uma extensão de interesse em identidade e investimento diz respeito a comunidades imaginadas que os aprendizes de línguas aspiram quando aprendem uma língua”¹⁶ (NORTON 2013, p.8 – tradução minha).

O termo “comunidade imaginada” foi utilizado pela primeira vez por Benedict Anderson (2006), ao definir o conceito de nação. O autor entende que o termo “nação” denomina uma comunidade política imaginada pelos membros que fazem parte de grupos. Os membros desse grupo podem nunca se conhecerem ou ouvirem falar uns dos outros; porém, de alguma forma, eles podem ter o sentimento imaginado de união com essas pessoas. (ANDERSON, 2006). Dessa forma, podemos ter o sentimento de comunidades com pessoas que desejamos nos encontrar no futuro (NORTON, 2013).

Nesse mesmo sentido, é pelo poder da imaginação que nos conectamos a comunidades imaginadas, que referem-se a grupos de pessoas, não necessariamente alcançáveis. Em nosso cotidiano, interagimos com diferentes tipos de sociedades reais (o grupo familiar, acadêmico, do trabalho, do bairro, da igreja, entre outros), mas também podemos nos conectar a outros tipos de comunidades por meio da imaginação (NORTON, 2013). Ao planejar fazer parte de grupos imaginados, nos unimos às pessoas no tempo e no espaço, despertando o sentimento de comunhão com indivíduos que ainda nem conhecemos, mas que esperamos talvez encontrar algum dia (NORTON, 2013). Nesse sentido, entendo que as identidades imaginadas vão

¹⁵ “Learners expect or hope to have a good return on that investment – a return that will give access to hitherto unattainable resources”. (NORTON, 2000, p. 10)

¹⁶ “An extension of interest in identity and investment concerns the imagined communities that language learners aspire to when they learn a language” (NORTON 2013, p.8)

emergindo quando o aprendiz de língua estrangeira deseja adquirir o conhecimento do idioma para ter acesso a grupos no futuro.

A compreensão das comunidades imaginadas no ambiente de aprendizado de línguas estrangeiras, conforme mencionado por Norton (2013), nos ajuda a averiguar a ligação do aprendiz com os grupos imaginados da língua-alvo, uma vez que esse engajamento pode influenciar suas atitudes e afetar sua trajetória de aprendizado do idioma. Algumas vezes, as comunidades imaginadas pelos alunos estão relacionadas a futuras afiliações que só existem na imaginação do aprendiz. Porém, essas comunidades imaginadas são muito relevantes ao aprendizado, pois segundo Norton (2013) “essas comunidades imaginadas não são menos reais que as comunidades nas quais os aprendizes têm comprometimento diário e podem ter um impacto maior em suas ações e investimento”¹⁷(NORTON, 2013, p. 8, tradução minha).

A presença de comunidades imaginadas pelos aprendizes de línguas possibilita a emergência de identidades imaginadas. Assim, o investimento do aluno deve ser entendido em consideração a este contexto (NORTON, 2000). Para a autora, quando o aprendiz deseja pertencer a um determinado grupo social, ele também deseja construir uma determinada identidade; mas a construção dessa identidade depende do seu comprometimento e desejo em relação à língua-alvo. Nesse sentido, para Silva (2014), “o desejo de pertencer a uma comunidade inacessível parece ajudar a moldar a agência de uma pessoa ao passo que ela constrói sua identidade” (p. 115).

Sendo assim, por intermédio das comunidades imaginadas, os alunos resolvem investir no idioma pretendido ou não, influenciando o rumo do aprendizado. Para Assis (2013), os aprendizes brasileiros podem enxergar na Língua Inglesa a possibilidade de ascensão social e melhores oportunidades de vida, provocando assim um sentimento de pertença a uma comunidade imaginada relacionada à língua alvo. Por isso, as identidades, os investimentos, e as comunidades imaginadas dos aprendizes de línguas estão relacionadas ao conhecimento da língua estrangeira. A partir disso, podemos entender as identidades “não apenas com relação aos nossos investimentos no mundo real, mas também de acordo com os investimentos nos mundos possíveis”.¹⁸ (KANNO; NORTON, 2003, p. 248- tradução minha).

Assim como as comunidades imaginadas, as comunidades de práticas também podem exercer influência na formação identitária dos aprendizes de línguas. Porém, as comunidades

¹⁷ These imagined communities are no less real than the ones in which learners have daily engagement and might even have a stronger impact on their current actions and investment. (NORTON, 2013, p. 8)

¹⁸ “Our identities then must be understood not only in terms of our investment in the “real” world but also in terms of our investment in *possible* worlds.” (KANNO & NORTON, 2003, p. 248)

de prática apresentam algumas características para que os aprendizes sejam considerados participantes. Nesse sentido, segundo Lave e Wenger (1991), os alunos fazem parte de comunidades de prática quando se envolvem nas atividades, têm contato com os integrantes mais antigos e têm chance de participação nas interações.

A noção de “comunidade de prática” foi proposta por Lave e Wenger (1991) para desenvolver sua pesquisa de investigação em contextos sociais. A comunidade de prática é formada por um conjunto de pessoas envolvidas em algum processo de aprendizagem coletiva. Algumas características são necessárias para se considerar uma comunidade de prática, que são chamadas de *domain*, *community* e *practice* (WENGER, 2006). Caso o grupo não apresente essas características, será considerado apenas uma comunidade, ou conjunto de pessoas com interesse comum.

Na primeira característica, observa-se um interesse comum por parte dos participantes do grupo, relacionando-se com a identidade e o comprometimento dos mesmos. Na segunda (*community*), os participantes trocam informações e conhecimento, interagindo em atividades e debates sobre assuntos de interesse diversificado, contribuindo assim, para a aprendizagem coletiva. O último aspecto (*practice*) se forma na prática dos conhecimentos adquiridos pelos encontros do grupo. Na interação com os participantes do grupo, são solucionados problemas que podem ocorrer, compartilhadas experiências, histórias e recursos que contribuam para o aprendizado dos indivíduos (WENGER, 20016).

As práticas de aprendizagem da Língua Inglesa vão surgindo a partir das oportunidades geradas em contextos específicos, de que o estudante de línguas participa, como mencionado por Block (2007). Entendo que a partir das participações nas comunidades de práticas, os alunos vão construindo suas identidades de aprendizes de línguas. A esse respeito, Lave (1991) aponta que a construção da identidade acontece nas atividades de práticas nos discursos dos participantes. O autor ainda acrescenta que a participação dos agentes envolvidos nas atividades depende da validação dos outros participantes mais antigos nas trocas de conhecimento, visto que, sem a interação com outras pessoas, a identidade não é construída.

Para compreender como aprendizes de línguas estrangeiras têm construído suas identidades ao longo das suas experiências de aprendizagem e uso do idioma, é importante levar em consideração a sugestão de Norton (2011), ao incentivar que professores de línguas devam questionar o quanto os aprendizes de segunda língua estão verdadeiramente investidos e comprometidos em comunidades de prática da língua-alvo.

Ao se pensar no contexto de aprendizagem de língua estrangeira no Brasil, nos deparamos com as dificuldades que os alunos enfrentam em pertencer a comunidades reais de

falantes da língua alvo fora da sala de aula. Dessa forma, segundo Menezes e Braga (2009), o contato dos alunos com filmes, músicas, revistas, entre outros, os ajuda a desenvolver proficiência na Língua Inglesa e criar comunidades imaginadas. Para as autoras, as comunidades imaginadas são representadas pelos cantores, atores e filmes da Língua Inglesa que dão impulso para o aprendizado expandir, pois “as comunidades imaginadas oferecem aos aprendizes o começo que eles precisam para aprender a língua” (MENEZES; BRAGA, 2009, p. 2)

Sobre esse assunto, Pavlenko (2007) aponta que para entender os investimentos dos aprendizes, é necessário que se entenda suas diversas comunidades de prática, e também, quem pode e quem não pode se imaginar como legítimo falante em determinada situação. Sendo assim, quando o aprendiz afirma que seu objetivo é utilizar o Inglês em viagens, por exemplo, ele se imagina capaz de desenvolver habilidades linguísticas naquele contexto, e assim possibilita o surgimento de identidades imaginadas.

Enfim, diante do exposto, verifica-se que as comunidades imaginadas pelos aprendizes de línguas, estão associadas aos seus investimentos. À medida que os aprendizes anseiam pertencer a comunidades imaginadas, eles investem no aprendizado e nas práticas da língua, criando identidades imaginadas e possibilidades de acesso às comunidades de prática, contribuindo assim para a formação identitária do aprendiz de línguas.

3. CAPÍTULO II – OS CAMINHOS DA PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo apresentar a metodologia utilizada para a condução desta pesquisa. Primeiramente, descrevo a natureza da pesquisa, o contexto investigado e os participantes. Em seguida, passo a relatar os instrumentos utilizados para geração de dados, seguidos pela análise dos mesmos.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Partindo do entendimento que a formação identitária do aprendiz de Língua Inglesa não poder ser quantificada em dados numéricos, uma vez que as identidades são múltiplas e em constante transformação (NORTON, 2000), devemos levar em consideração a compreensão das relações humanas e sociais envolvidas no processo de construção identitária dos participantes desta pesquisa.

Com a intenção de entender como se dá o processo de formação identitária dos aprendizes de Língua Inglesa ao longo das experiências de uso e aprendizagem do idioma, utilizo a pesquisa qualitativa, uma vez que, Denzin e Lincoln (2006) entendem a pesquisa qualitativa como uma atividade que situa o observador no mundo. As interpretações são feitas a partir de práticas materiais que incluem notas de campo, entrevistas, questionários e fotografias, com intuito de compreender o significado do fenômeno estudado, que é conferido pelas pessoas envolvidas no processo.

A pesquisa qualitativa leva em consideração fatos da realidade que não podem ser mensurados, como mencionado por Gerhardt e Silveira, “centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). A esse respeito, Minayo (2001) acrescenta que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, correspondendo assim, a uma visão mais intensa das “relações, dos processos e dos fenômenos” (p. 14).

Esta pesquisa objetiva estudar a formação identitária de aprendizes de Língua Inglesa, do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, localizada no município de Campo Grande – MS. Com essa investigação, busco dar “ênfase no processo e não no resultado final”, e também procuro entender a “visão dos pesquisados sobre suas experiências” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 41), para entender seus investimentos e as comunidades imaginadas apresentadas no processo de aprendizado da língua-alvo.

A pesquisa qualitativa busca entender a realidade de forma subjetiva e múltipla, construída de diferentes maneiras, conforme os conceitos de Bogdan e Taylor (1986). Nesse

sentido, de acordo com Strauss e Corbin, este estudo “pode referir-se a pesquisar a vida das pessoas, as experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos”¹⁹ (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 11 – tradução minha).

Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador deve estar completamente envolvido no campo de atuação dos pesquisados. Dessa forma, esse tipo de investigação considera a comunicação direta com os investigados, permitindo assim, a expressão livre dos participantes da pesquisa, segundo os conceitos de Bogdan e Taylor (1986). Além disso, os dados são obtidos no contexto natural e permitem uma análise subjetiva do pesquisador na busca pelo conhecimento.

Na pesquisa qualitativa, os dados coletados são analisados de acordo com um determinado contexto, que expressa parte da realidade dos indivíduos envolvidos. Assim, González Rey (2005) afirma que:

A realidade é um domínio infinito de campos inter-relacionados independente de nossas práticas; no entanto, quando nos aproximamos desse complexo sistema por meio de nossas práticas, formamos um novo campo de realidade em que as práticas são inseparáveis dos aspectos sensíveis dessa realidade (González, 2005, p. 5).

Esta pesquisa também apresenta características de cunho etnográfico, uma vez que, um de seus aspectos é o fato da fonte direta dos dados ser o ambiente natural e a pesquisadora ser a principal agente na reunião dos dados, conforme Bogdan e Biklen (1994). Sendo eu pesquisadora e professora ministrante da turma escolhida para análise, tornei-me a principal agente na condução da geração dos dados, na qual utilizei o ambiente natural do grupo.

Outro aspecto da pesquisa etnográfica, é o fato desta estudar um grupo específico. Assim, segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa etnográfica usa da observação dos investigados e também há interação direta entre a pesquisadora e o objeto de estudo. Essas características podem ser observadas em minha pesquisa, uma vez que, como professora e pesquisadora da turma analisada, estabeleço contato direto com os participantes.

Ao fazer uma pesquisa etnográfica, o pesquisador “baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade” (TRIVINOS, 1987, p.121). Por esse motivo, levo em consideração o fato das subjetividades serem constituídas nos sujeitos individuais e nos espaços sociais aos quais esses sujeitos estão inseridos (GONZÁLEZ, 2005).

¹⁹It can refer to research about persons' lives, lived experiences, behaviors, emotions, and feelings. (STRAUSS & CORBIN, 1998, p. 11)

Como pesquisadora envolvida na comunidade a qual estou pesquisando, procuro inspirar-me nas características da pesquisa etnográfica para captar e compreender os investimentos adotados pelos aprendizes para formação de suas identidades, orientando-me por princípios e estratégias gerais, consciente de que minha atividade “está marcada por traços culturais peculiares”, mas procuro interpretar os dados buscando significados da realidade que investigo, não fugindo às minhas próprias concepções (TRIVINOS, 1987, p.121).

A seguir, apresento o contexto investigado, com o objetivo de mostrar, com uma breve descrição, onde se encontravam os participantes desta pesquisa.

3.2 CONTEXTO DE PESQUISA

O contexto escolhido para a realização desta pesquisa foi uma turma de iniciantes em Língua Inglesa, do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL). O NEL utiliza como parâmetro o Quadro Europeu Comum de Referência (QECR)²⁰, para classificação dos níveis estudados pelos alunos. Dessa forma, ao longo de três semestres de estudos, a turma pesquisada cursou a maior parte do módulo Elementar.

Conforme Chaves e Ramos (2017), para o curso do NEL, os módulos de estudo estão classificados em: Elementar (A1- Iniciação; A2 – Elementar); Independente (B1 – Limiar e B2 – Vantagem); E Proficiente (C1 – Autonomia e C2 – Maestria). Cada módulo corresponde a 4 semestres de estudos. Assim, o módulo Elementar corresponde ao inglês I, II, III e IV.

O Núcleo de Ensino de Línguas (NEL) foi criado em 2013, como projeto de extensão do curso de Letras da UEMS de Campo Grande, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Em 2018, o Núcleo passou a fazer parte da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEC) da Uems,. Assim, o Nel é um setor da divisão de extensão, e passou a integrar o organograma da universidade, ao lado das duas outras pró-reitorias (Ensino - PROE e Pesquisa - PROPP). Ele foi criado por professores da instituição, com experiência acadêmica e profissional no ensino e aprendizagem de línguas, estando envolvidos em projetos de pesquisa em nível nacional e internacional. Segundo Chaves e Ramos, a criação do projeto de extensão visava “contribuir para o papel de protagonista da UEMS no que se refere à produção e circulação do conhecimento no estado do Mato Grosso do Sul” (2017, p. 2).

²⁰ O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) é um documento oficial da União Europeia, criado para fornecer uma base comum para elaboração de políticas linguísticas na Europa, como programas de línguas, linhas de orientação curricular, exames, manuais, entre outros. O QECR apresenta o que os estudantes de uma língua alvo precisam saber para serem capazes de comunicarem-se nessa língua, assim como os saberes e capacidades têm de desenvolver para serem eficazes na comunicação. (CHAVES & RAMOS, 2017, p. 52).

O NEL oferece cursos de línguas estrangeiras (Inglês, Espanhol, Francês) para a comunidade interna: professores, acadêmicos, técnicos e terceirizados da UEMS em Campo Grande, bem como para comunidade externa local de Campo Grande: estudantes, professores da rede pública e privada de ensino, pesquisadores, profissionais liberais, bem como, toda e qualquer pessoa interessada em aprender uma língua estrangeira. O objetivo do curso é oferecer ensino e aprendizagem de línguas com qualidade e baixo custo, além de proporcionar ao aluno uma ligação com o universo sociocultural da língua-alvo. Sendo assim, a principal razão para a criação desse projeto de extensão é o compromisso da UEMS em devolver à sociedade os conhecimentos gerados pela universidade.

Dentre os diversos objetivos de funcionamento do Núcleo de Ensino de Línguas referidos na Resolução CEPE – UEMS nº 1.645 de 2016, destaco os seguintes: A articulação do ensino e pesquisa com as demandas da sociedade; integração entre o saber popular e o conhecimento científico, no qual visa a produção de conhecimentos com permanente articulação entre teoria e prática; democratização do conhecimento científico que possibilite a participação da sociedade no cotidiano da Universidade; a ampliação, consolidação de ações de assistência estudantil; e ampliação, consolidação, fortalecimento e divulgação da produção acadêmica da UEMS à sociedade.

Podem ser alunos do projeto quaisquer pessoas que estejam interessadas em aprender uma língua estrangeira ou aperfeiçoá-la a partir de aulas com enfoque comunicativo. Ou seja, durante as aulas são desenvolvidas atividades que proporcionem o exercício das quatro habilidades linguísticas consideradas necessárias à comunicação: compreensão oral e escrita e produção oral e escrita. As aulas de língua estrangeira, ofertadas pelo NEL ocorrem semanalmente, realizadas duas vezes por semana, com a duração de uma hora e meia cada aula. A carga horária total de cada módulo semestral é de 45 horas.

No intuito de contextualizar o ambiente no qual os participantes desta pesquisa estão inseridos, descrevo a sala de aula onde acontecem as aulas. Para oportunizar um ambiente que facilite a comunicação e interação entre os participantes, as carteiras são organizadas em formato de semicírculo. Esporadicamente as aulas também acontecem no laboratório de informática, com intuito de estimular os alunos na busca por um contato maior com a Língua Inglesa por meio de sites educativos.

No próximo item, faço uma breve descrição dos participantes desta pesquisa.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa são alunos do curso de Inglês do NEL/ UEMS. Inicialmente, havia 10 alunos na turma de Inglês I, que iniciou no segundo semestre de 2016. Essa turma deu continuidade no ano de 2017, tornando-se a turma Inglês II, porém, dos 10 (dez) alunos que começaram na turma, apenas 6 (seis) alunos continuaram o curso no ano de 2017. Ao final do primeiro semestre de 2017, a turma concluiu o nível A1. No segundo semestre de 2017, a turma passou a ser chamada de Inglês III, iniciando assim, o nível A2.

A turma pesquisada é composta em sua maioria de integrantes da comunidade externa, sendo apenas uma aluna bolsista da comunidade interna. No primeiro semestre de 2017, mais 3 (três) alunos se matricularam nessa turma. Em 2017, a turma passou a ter 9 (nove) alunos. Dos nove alunos que ficaram na turma no nível III, apenas 6 (seis) enquadraram-se satisfatoriamente nos objetivos da pesquisa, ao apresentarem investimentos e comunidades imaginadas referentes ao aprendizado da Língua Inglesa, por responderem ao questionário, e participarem da entrevista, desta forma totalizando um universo de 6 participantes da pesquisa.

Em 2016, as aulas referentes ao curso de Inglês I foram ministradas às segundas e quartas-feiras, das 18:30 às 20hs, nos meses de agosto a dezembro. Já em 2017, a turma passou a ser Inglês II, e em seguida, Inglês III, sendo as aulas ministradas às terças e quintas, no mesmo horário, no período de março a junho (primeiro semestre) e de agosto a dezembro (segundo semestre). A turma Inglês I, iniciou no segundo semestre de 2016 e evoluiu para Inglês II no primeiro semestre de 2017, e para inglês III no segundo semestre de 2017, referindo-se então, a mesma turma, dando apenas continuidade na sequência dos níveis (níveis AI e AII). Eu sou a professora ministrante da turma desde o início dos níveis.

A justificativa para a escolha deste grupo de alunos como objeto de pesquisa se deu pelo fato de eu mesma ser a professora que ministrava aula, o que facilitaria a coleta de dados e o contato com os participantes de maneira direta, tentando não causar desconforto ou incômodo durante a observação das aulas.

Esclareço que todos esses participantes autorizaram a utilização dos dados coletados da pesquisa, e que os alunos indicaram que gostariam de ter seus nomes verdadeiros utilizados, ou seja, não recorri ao uso de pseudônimos, conforme apêndice B.

Os participantes desta pesquisa são todos adultos. Entre eles estão: um policial civil, um publicitário, uma psicóloga, uma pedagoga e advogada, um desenvolvedor de sistema de informática, e uma estudante do curso de Geografia, com faixa etária entre 23 e 47anos.

Pelo apresentado, findo essa descrição dos participantes, assim como o contexto compartilhado em sala de aula. Desta forma, exponho na próxima seção quais foram as ações tomadas para a geração de dados nesta pesquisa.

3.4 GERAÇÃO DE DADOS

A geração de dados para esta pesquisa visa entender a formação identitária de aprendizes de Língua Inglesa a partir de suas práticas de investimentos na língua-alvo e o desejo desses aprendizes em pertencer a comunidades de práticas. Portanto, para gerar as informações necessárias a essa pesquisa, utilizei gravação de áudio de 9 aulas, no período de outubro de 2016 a junho de 2017, diário de bordo da pesquisadora, questionário semiaberto e entrevistas semiestruturadas.

Os dados foram coletados a partir de gravações de áudio durante as aulas. Em certos momentos eu aproveitava o assunto abordado nas aulas para perguntar aos alunos de que forma eles estudavam a Língua Inglesa, quais eram seus objetivos e como se imaginavam utilizando esse idioma no futuro, ou seja, quais eram seus investimentos e comunidades imaginadas relacionadas ao aprendizado da língua-alvo.

Sendo eu mesma a professora ministrante das aulas da turma pesquisada, não tive dificuldade em gravá-las. Assim, após a gravação em áudio, ouvia as aulas e fazia anotações para a confecção do diário de bordo. Considerei importante gravá-las em áudio como suporte para confecção do diário de bordo, visto que, segundo Bogdan e Biklen (1994), este documento é importante para que os pesquisadores registrem suas observações, mesmo que sejam utilizadas gravações em áudio ou em vídeo durante a coleta de dados da pesquisa.

No diário de bordo eu anotava a data e relatava a situação de aula, fazia comentários e reflexões sobre fatos observados em sala e a respeito de comentários dos alunos. Nele estão relatadas minhas observações e reflexões surgidas ao observar a turma, e no momento de reprodução dos áudios. Para Polit, Beck, e Hungler (1995), o pesquisador pode registrar suas análises e interpretações das anotações feitas a partir de acontecimentos relevantes para a pesquisa. Assim, após ouvir o áudio, registrava minhas análises do que tinha observado no diário de bordo, pois para Bogdan e Biklen (1994), no diário de bordo é feito um relato por escrito do que o pesquisador viu, ouviu, vivenciou e refletiu durante a coleta de dados.

Outro instrumento utilizado para coleta de dados desta pesquisa foi o questionário semiaberto, empregado para captar mais informações ainda não observadas e confirmar outras

informações a respeito das práticas de uso da Língua Inglesa pelos participantes. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), o questionário utilizado em pesquisas “objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

Elaborei um questionário semiaberto, ou seja, com questões abertas e fechadas. Neste questionário, por vezes, o participante respondia livremente sobre o que foi perguntado e, em outras questões, deveria escolher dentre as respostas aquela que mais correspondia ao que foi pedido. Quando necessário, o participante deveria acrescentar a informação que complementasse a resposta da questão.

Por fim, outro instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada. A partir desta técnica de interação individual com os participantes, busquei complementar as informações coletadas anteriormente, pois segundo Triviños(1987), “a entrevista semiestruturada é um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados” (p. 145). Gerhardt e Silveira (2009) acrescentam que essa “é uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação” (p. 72). Então, procurei seguir um roteiro de questões com intuito de compreender os investimentos realizados pelos participantes e as comunidades imaginadas, emergidas pelas práticas de uso da língua-alvo.

Durante as entrevistas, procurei incentivar o entrevistado a falar livremente a respeito dos assuntos que iam emergindo como continuação do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Dessa forma, conduzi a conversa de acordo com os objetivos propostos por esta pesquisa de modo que os participantes me fornecessem informações que complementassem as respostas do questionário aplicado anteriormente, sempre levando em consideração o processo de formação identitária dos participantes e a realidade social dos entrevistados.

A seguir, passo a explicar de que forma se deu a análise e discussão dos dados coletados.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Para proceder à análise dos dados, foi necessário organizar as informações coletadas em categorias. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a análise dos materiais tem como objetivo agrupar os dados de forma que seja possível responder às perguntas da pesquisa. Assim, constituí as categorias que estavam relacionadas à formação identitária de aprendizes de línguas, seus investimentos e comunidades imaginadas, ao analisar as informações percebidas.

Para esta análise, considerei as perspectivas pós-estruturais sobre identidade sugeridas

por Norton (1995) e Block (2001), além dos conceitos sobre investimentos (NORTON, 2000) e comunidades imaginadas (WENGER, 1998) e (KANNO & PAVLENKO (2007). A partir da descrição da metodologia empregada nesta pesquisa, passo ao próximo capítulo, no qual apresento a análise e interpretação dos materiais gerados pelos participantes desta pesquisa.

4. CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo, procederei à análise dos dados coletados no grupo pesquisado. Para tornar possível a análise, esta será feita com base no referencial teórico apresentado anteriormente. Os dados analisados foram gerados a partir de quatro instrumentos, no período de outubro de 2016 a dezembro de 2017: gravação de áudio das aulas (6 áudios foram utilizados); anotações do diário de bordo da pesquisadora, questionário semiaberto e entrevistas semiestruturadas.

Durante a análise dos instrumentos procuro verificar de que forma ocorre o processo de construção identitária dos aprendizes de Língua Inglesa nas práticas de sala de aula e fora dela, a partir dos investimentos assumidos pelos alunos, tendo como base teórica a visão da linguística aplicada ao ensino de línguas; levando em consideração as ideias pós-estruturalistas de linguagem ao refletir a respeito do conceito de identidade relacionado ao contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Minha intenção com esta pesquisa é entender como os participantes do projeto de extensão, Núcleo de Ensino de Línguas (NEL), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, voltado à aprendizagem e uso da Língua Inglesa como língua estrangeira têm construído suas identidades ao longo de suas experiências de aprendizagem e uso do idioma. Assim, pretendo investigar os investimentos realizados pelos aprendizes nas práticas do idioma, e analisar a emergência de comunidades imaginadas relacionadas à aquisição do idioma e suas identidades imaginadas.

Dessa forma, a análise e discussão dos dados são organizados por categorias. Nas seções apresentadas a seguir, retomarei e analisarei cada um dos objetivos específicos propostos nesta pesquisa que orientaram o estudo. Sendo eles:

1. Identificar os investimentos realizados pelos participantes nas práticas da Língua Inglesa;
2. Verificar a relação, ou não, dos investimentos realizados pelos participantes com suas comunidades imaginadas;
3. Analisar de que forma as comunidades imaginadas pelos participantes favorecem, ou não, a emergência de identidades imaginadas.

4.1 A IDENTIDADE DE APRENDIZ DE LÍNGUA INGLESA EM CONSTRUÇÃO A PARTIR DOS INVESTIMENTOS NAS PRÁTICAS DA LÍNGUA ALVO.

A emergência de identidades é um fator importante para aquisição de segunda língua. Nesse sentido, retomamos ao entendimento de Norton (2000) a respeito do conceito de identidade. Para a autora, é a partir da identidade que a pessoa entende sua relação com o mundo, sendo essa relação construída no tempo e espaço, possibilitando ao aprendiz entender as possibilidades para o futuro. Segundo Heller (1987) apud Norton (1995):

É pela língua que as pessoas negociam seu senso de si [...] É pela língua que os indivíduos ganham ou têm acesso negado à poderosa rede social que dá aos aprendizes a oportunidade de falar²¹. (p.13 – tradução minha).

Portanto, entendo que ao investir no aprendizado da Língua Inglesa, os alunos anseiam por essa negociação de quem eles são, e pleiteiam possibilidades de ganhar acesso às redes sociais que lhes possibilitarão oportunidades de expressar-se na língua-alvo (HELLER,1987). A seguir, passo a descrever os indícios da formação identitária dos aprendizes de Língua Inglesa a partir dos investimentos observados nos participantes desta pesquisa.

A primeira participante descrita chama-se Izaura. Para entender como Izaura está investida no aprendizado da Língua Inglesa, é necessário considerar a noção de identidade e investimento apresentada por Norton (2000), pois, segundo a autora, quando o aluno faz um investimento na língua-alvo, ele faz também um investimento na própria identidade de aprendiz.

Levando em consideração o contexto de aprendizagem de inglês como língua estrangeira, interpreto como ações de investimento, as atitudes que favorecem a prática e o aprendizado do idioma. Assim, além de investir no aprendizado da Língua Inglesa por meio das aulas do Núcleo de Ensino de Línguas (NEL) da UEMS, Izaura assiste a filmes e vídeos em inglês, ouve os áudios das lições e utiliza aplicativos para reforçar o aprendizado da língua que está aprendendo. Percebo que as atitudes de prática da Língua Inglesa assumidas pela Izaura mostram indícios de investimentos no aprendizado, conduzindo a aluna a ter mais confiança e gerando ações com relação à prática do idioma, conforme veremos a seguir.

Izaura é pedagoga e advogada. Ela faz pós graduação em pedagogia, ministra aulas para o ensino infantil, e presta ainda consultoria jurídica. Essa aluna começou a estudar inglês

²¹ “It is through language that a person negotiates a sense of self [...] it is thought language that a person gains to - or is denied access to – powerful social networks that give learners the opportunity to speak” (HELLER , 1987, apud NORTON, 1995, p. 13)

com o intuito de viajar para os Estados Unidos, conseguir melhores oportunidades de emprego e comunicar-se com falantes de Língua Inglesa. Ela considera importante o conhecimento da língua estrangeira, expressando a necessidade de aprender a língua em sua entrevista:

[...] Na verdade eu comecei a aprender por necessidade, né. Que eu vi que tanto por necessidade pessoal quanto profissional que precisava. Na verdade eu perdi alguns empregos em outra cidade por causa da Língua Inglesa, aí assim... eu gosto, eu acho bonito, eu quero **MUITO** ((ênfasis na palavra)) aprender [...] (Izaura, informação verbal obtida em entrevista em 2017)

Em outro trecho da entrevista, ao ser perguntada sobre a influência de sua viagem para o aprendizado, ela responde:

[...]Ah! Em muito, acho que em tudo, em tudo, né? Que eu já comecei fazer - uns cinquenta por cento foi por causa da viagem, né - eu já sabia que a Alana²² tava com projetos de ir... então eu tenho que fazer - se vê que como que eu gosto e que eu tenho dificuldade [...] acho que vai influenciar bastante - pena que é só 12 dias, né!? Não dá para ficar mais, né?! [...] (Izaura, informação verbal obtida em entrevista em 2017)

A partir de seus objetivos, posso inferir que Izaura entende que o conhecimento do idioma poderá lhe proporcionar o ingresso a redes sociais às quais ela deseja pertencer.

Izaura comenta que sua filha estudou inglês desde pequena, e sempre incentivou a mãe a estudar também. Sua filha tem obtido êxito e oportunidades profissionais que sem o conhecimento da Língua Inglesa não seriam possíveis. Penso que este fato seja um encorajamento para Izaura investir na aquisição do idioma com o intuito de também alcançar seus sonhos a partir dos acessos gerados pela habilidade linguística.

Entendo que esse incentivo seja fundamental para Izaura continuar no seu propósito de aprender a língua, pois no início do curso, essa aluna teve certa dificuldade para entender as estruturas gramaticais da língua, e com isso acabou tendo um desempenho pouco satisfatório na primeira avaliação.

Após a entrega da nota da primeira avaliação, tivemos uma conversa sobre seu desempenho na prova. Nessa conversa, Izaura relatou que teve dificuldade para dedicar-se aos estudos da Língua Inglesa devido a outros compromissos ocorridos no primeiro mês de aula. Ela relata que quando tem tempo, utiliza a internet para ver vídeos e ouvir áudios em inglês. A aluna não ficou satisfeita com sua nota, e diz que se estivesse estudado um pouco mais, teria tido desempenho melhor. No final dessa conversa, a aluna prometeu investir mais para melhorar seu aprendizado.

²² Alana é a filha de Izaura

Após a conversa registrada nos áudios, observei que Izaura passou a dedicar-se mais ao estudo da Língua Inglesa, pois segundo ela, estudava as lições dadas, fazia os exercícios propostos, ouvia os áudios das lições e passou a utilizar o aplicativo Duolingo²³ para praticar mais a gramática da Língua Inglesa.

Sua atitude após o resultado da prova foi de investimento no seu aprendizado. Izaura intensificou seus hábitos de estudo e pôde, ademais, melhorar seu desempenho. O aprendizado da Língua Inglesa tem sido um desafio constante para a aluna. Por isso entendo que Izaura está investindo em sua identidade de aprendiz, e essa identidade está em constante mudança ao longo de sua trajetória, conforme sugere Norton (2000).

Durante as aulas que seguiram-se, Izaura apresentou melhora gradativa de seu desempenho. Ela passou a estudar com a filha, que é fluente em inglês, e continuou utilizando o aplicativo para praticar a língua-alvo. Além disso, ela estava sempre interessada em tirar dúvidas. Ao analisar sua atitude com relação ao aprendizado do idioma, é possível fazer uma analogia à concepção de investimento apresentada por Norton (1995), que expressa a “ligação social e histórica construída pelo aprendiz em relação à língua-alvo e seu desejo ambivalente de aprendê-la e praticá-la”²⁴. (NORTON, 2000, p.10 – tradução minha).

A partir do seu desejo de aprender a Língua Inglesa, a aluna demonstra indícios de que começa a construir essa ligação social com o aprendizado da língua. Quando ela deseja aprender o idioma com objetivo de conhecer outro país e ter mais oportunidades profissionais, ela pode estar buscando formas de tornar o idioma parte de sua história de vida.

A partir do momento em que Izaura passa a exercer sua agência na construção da aprendizagem de inglês, ela precisa lidar com as expectativas geradas por suas dificuldades:

[...] eu tenho bastante dificuldade até por que não tenho tempo de ficar treinando, de ficar ouvindo música, até ouço música, mas na hora da tradução, até as vezes eu entendo, mas na hora de falar, meu problema é falar, mas estou gostando, estou confiante, acho que vou conseguir [...] (Izaura, informação verbal obtida em entrevista 2017)

Como observado na entrevista, em outras situações Izaura também relatou suas angústias e dificuldades com a aprendizagem da língua, afirmando que estudar inglês com mais idade era complicado e que tinha dificuldade porque não entendia o que estava sendo dito nos

²³O *Duolingo* é um aplicativo gratuito utilizado para aprender um novo idioma.

²⁴[...] socially and historically constructed relationship of learners to the target language, and their often ambivalent desire to learn and practice it. (Norton, 2000, p.10)

áudios das lições, pois, segundo ela, era falado muito rápido. Porém é possível observar também sua vontade de superar suas dificuldades.

Vejo assim, uma relação com o conceito de subjetividade apresentado por Norton (2000), quando a autora afirma que a subjetividade representa um lugar de lutas constantes, por ser construída no decorrer do tempo e do espaço, e ser sujeita a mudanças. Dessa forma, Izaura enfrenta as dificuldades de falta de tempo, e luta pela construção do conhecimento que ela almeja.

Desta maneira, pude notar que Izaura passou a adotar uma postura mais confiante em relação ao aprendizado da Língua Inglesa, de tal forma que ela começa a apresentar indícios de formação de sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa, quando ela demonstra uma certa liderança junto aos seus colegas de sala. Durante a prática para a avaliação oral proposta em novembro de 2016, Izaura sugere para o grupo uma conversação que ela havia preparado em casa em um domingo de manhã. Em suas palavras “(...) eu estava inspirada ontem de manhã, acordei 8 horas e não consegui dormir mais – fiz ontem de manhã” (Izaura, informação gravada em áudio em 2016). Observei que ela demonstra estar investida no aprendizado à medida que liderava a organização da conversação com seus colegas na preparação da mesma. Nesta atividade, ela organizava as falas e propunha ações da conversação.

Nesse momento, sugeri que os alunos gravassem a conversação para ajudá-los no estudo em casa, o que foi logo acatado pela Izaura. Ela depois sugeriu que praticassem por vídeo conferência. Em seguida ela propõe “(...) vamos gravar? – vou gravar para corrigir, tem que perder a vergonha” (Izaura, informação gravada em áudio em 21 de novembro de 2016). Sua sugestão foi acatada pelo grupo que concordou em gravar para ouvir em casa e praticar. Depois o grupo ouviu o áudio e a Izaura propõe que gravem novamente, pois ela não fica satisfeita com o primeiro diálogo praticado e sugere que continuem exercitando para uma próxima gravação, e assim terem um resultado melhor.

Ao refletir sobre seu comportamento, posso fazer referência a autora Weedon quando ela refere-se ao discurso que constitui o sujeito nas práticas sociais e nas relações de poder vividas entre as pessoas em seus grupos (WEEDON, 1997). Então entendo que a atitude de Izaura, nas práticas de exercícios da Língua Inglesa em sala de aula e a postura de liderança com o grupo são investimentos que podem estar contribuindo para a formação da identidade de aprendiz de Língua Inglesa.

Suas práticas de estudo da língua têm lhe ajudado a evoluir no aprendizado. Izaura começou a estudar inglês para ter condições de comunicar-se em situações de viagens. No início da pesquisa ela estava motivada com a possibilidade da sua filha ir morar em Nova York, fato

que concretizou-se ao longo da pesquisa. E pude observar que sua filha continua sendo incentivadora das práticas de aprendizado da Língua Inglesa. Izaura comenta que a filha deixou a assinatura do Netflix²⁵, para que ela possa assistir filmes e séries em inglês para ter mais contato com a língua-alvo.

Observei que a filha da Izaura continua incentivando a mãe a prosseguir em seus estudos na Língua Inglesa. Em sua entrevista, ela comenta que a filha já falou para seus amigos de Nova York que a mãe irá visitá-la, assim, eles vão ajudá-la a praticar o inglês também. O que pode ser observado no diálogo:

K: Em que situação você acha que vai conseguir se sair melhor?

I: Ah, acho que é em família mesmo, entre amigos, né – principalmente por que os amigos da Alana lá, tem alguns que são brasileiros, né – daí - tipo eles vão me forçar a falar inglês – a Alana já me falou né [...]. É tem as amigas dela do projeto que estão lá também (+)

K: Então tá todo muito envolvido prá /

I: É me esperando/

K: Pra te dar aquele apoio. Que legal Izaura!

I: Eles sabem que eu estou fazendo o curso, né. Daí tá aquela coisa:

– Mãe você não vai falar português aqui!

– Tá bom, filha! Mas você vai ter que ter paciência com a mãe! (Izaura, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Para analisar esse trecho da entrevista, retomo às ideias de Norton e Toohey (2012) ao considerarem que a aprendizagem de língua estrangeira envolve a identidade dos aprendizes numa prática social complexa, de atribuição de valor e significado a quem fala. Nesse sentido, Mastrella (2009) aponta que as atribuições de valor e de significado têm a ver com a forma como os aprendizes se identificam e são identificados enquanto sujeitos e participantes em um determinado contexto de interação. Assim, entendo que no processo de construção de sua identidade de aprendiz, Izaura tem o apoio de amigos e da família que podem reconhecê-la como uma aprendiz da língua alvo disposta e determinada a praticar a língua nas situações de interação que encontrar em sua viagem.

Além disso, Izaura compartilha com seus colegas de turma sua experiência de aprendizado no aplicativo Duolingo: “vou no reforçar, reforçar, enquanto ele não me dá verdinha, eu volto nos erros” (Izaura, informação obtida em áudio de novembro de 2016). Ela faz questão de incentivar seus colegas de turma a também utilizarem o aplicativo para praticar inglês, fato que acabou os motivando pois após relatos de aprendizado e prática através do aplicativo, vários outros alunos também sentiram-se encorajados a utilizarem esse recurso para praticar vocabulário e gramática do idioma.

²⁵O **Netflix** é a plataforma global muito popular atualmente, utilizada para assistir a filmes e séries de TV online.

Têm sido notáveis os investimentos de Izaura, melhorando a cada dia mais e conseguindo superar suas dificuldades. Ela comenta sobre a evolução de suas notas: “**Estou me esforçando ao máximo!**” (Izaura, informação de áudio de dezembro de 2016). Nessa fala podemos notar sua dedicação e vontade de fazer o que está ao seu alcance para melhorar seu conhecimento no idioma, vencer as dificuldades e atingir seus objetivos. Faço um comparativo ao que Bauman (2005) apresenta sobre a identidade, como um objetivo a ser alcançado “uma coisa que se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela” (p. 23).

Quando Izaura diz que está esforçando-se ao máximo, ela está lutando para construir sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa. Logo, ela acrescenta: “**Estava brigando com esse inglês aí [...] eu tirei 9!**” (Izaura, informação gravada em áudio de dezembro de 2016) – de acordo com a ideia argumentada por Lacan (1977)²⁶ apud Woodward (2014), quando diz que “a subjetividade é dividida e ilusória, pois a identidade surge a partir de algo fora de si mesma, pela falta, pelo anseio e identificação daquilo que queremos ser” (p.65).

Quando Izaura utiliza o pronome “esse” em sua fala, ela demonstra um certo distanciamento, algo que ela deseja apropriar-se, mas que ainda permanece distante. Mas ao mesmo tempo, ela utiliza o verbo no passado “**estava brigando com esse inglês aí!** (Izaura, informação obtida em áudio de dezembro de 2016)”, apresentando uma certa contradição, ou seja, ela não está mais “brigando” com o inglês. Sua fala sugere que em seu entendimento ela teria conseguido identificar-se com a Língua Inglesa, mostrando nessa fala o anseio e o possível reconhecimento daquilo que ela deseja ser, algo que está fora, mas que ela deseja apropriar-se. Apesar dos conflitos e dificuldades enfrentadas pela aluna, ela esforça-se para superar, e isso tem contribuído para a transformação de suas identidades e a construção da identidade de aprendiz de Língua Inglesa.

Aprender inglês em um país onde a Língua Inglesa não é falada, é uma tarefa um tanto árdua, visto que o maior ambiente de contato com a língua estrangeira é o ambiente de sala de aula. Izaura é consciente da necessidade de praticar o idioma estudado para reforçar seu aprendizado. Por isso, ela tentava praticar o idioma no trabalho com uma companheira de trabalho e também colega de sala nas aulas de inglês.

Em sua entrevista, Izaura demonstra seu interesse em exercitar a Língua Inglesa e relata que continua estudando no aplicativo Duolingo:

²⁶Lacan, J. *Ecrits: A Selection*. New York: Norton, 1977.

[...] faço o Duolingo todos os dias [...] Tenho seguido todas as orientações todos os dias, se eu não faço as atividades ele me cobra né, então eu tenho que fazer (+) dá uma média assim 10 minutos mas assim, final de semana ou quando eu chego em casa à noite, eu tô mais tranquila eu faço mais atividades mais, eu fico mais tempo fazendo além do normal dele ali que é 10 minutinhos pra você fazer, aí ele corrige e diz se você fez certo ou se você fez errado, ‘cê’ ouve, ‘cê’ vê, ‘cê’ escreve, ‘cê’ ouve + final de semana eu tenho feito mais que daí tem os desafios, tantas palavras que você tem que fazer (+) o mínimo é 250 palavras aí eu tento fazer os desafios deles lá (Izaura, informação verbal obtida em entrevista em 2017).

A aluna também comenta que o aplicativo Duolingo ajuda a aprender vocabulário e gramática, mas não trabalha as conversações do dia a dia. Ela diz que o aplicativo não exercita a língua dentro de um contexto, mas ajuda. Com a fala da Izaura, notei que ela já sente a necessidade de algo mais em sua prática da Língua Inglesa. Quando ela diz que não há diálogo no Duolingo, ela pode indicar a necessidade de praticar diálogos para adquirir proficiência e segurança para comunicar-se com falantes da Língua Inglesa. Acredito que conforme ela avança de nível no Duolingo, ela sente a necessidade de exercitar o vocabulário que está aprendendo em situações reais, mas o aplicativo não dispõe dessa atividade. Sendo assim, nas aulas do curso ela está sempre interessada em praticar os diálogos e atividades propostas.

Ao longo das análises da evolução de Izaura nos investimentos da Língua Inglesa, coaduno-me com o pensamento de Norton (2000) quando ela fala da relação social e histórica construída entre os aprendizes e a língua-alvo, à medida que desejam aprender e praticar o idioma. No momento em que ocorre em Izaura o desejo de praticar o idioma, ela quer ser capaz de comunicar-se. Sendo assim, segundo Norton, quando o aprendiz comunica-se, ele não apenas troca informação com falantes do idioma, mas ao mesmo tempo, está constantemente numa organização e reorganização de consciência de quem ele é, e como se relaciona com o mundo social ao qual pertence.

Dessa forma, vejo em Izaura o possível desejo de interagir com falantes da Língua Inglesa, então ela prepara-se para isso, investindo no aprendizado, e ao mesmo tempo organizando a compreensão de quem ela é e quem ela deseja ser, traçando suas metas e compondo sua identidade atual e futura. Após a discussão dos dados gerados pela participante Izaura, na sequência, passo para a apresentação e análise dos dados gerados pelo participante Jean.

O segundo participante que apresentou indícios de investimento no aprendizado da língua-alvo é o Jean. Este aluno é um jovem publicitário que demonstra grande interesse em tornar-se fluente na Língua Inglesa. O aluno menciona que o inglês é: **“Pré-requisito para ascensão profissional”** (Jean, informação de áudio de maio de 2017).

Jean acrescenta que pretende trabalhar com marketing político. Ele entende que o domínio do idioma lhe proporcionará muitas oportunidades profissionais para alcançar seus objetivos de viajar, fazer intercâmbio, comunicar-se com pessoas falantes da Língua Inglesa, e também continuar seus estudos para futuro ingresso no mestrado e doutorado. Isso pôde ser demonstrado em suas palavras:

[...] Por que hoje em dia quem não fala inglês vive dentro de uma bolha, né. Eu considero. (+) Principalmente na minha área que eu sou formado em comunicação. É um pré-requisito para que eu consiga ter uma ascensão profissional e não só profissionalmente, mas pessoalmente falando- ir ao cinema, assistir um filme, entender a maior parte do filme sem precisar depender da legenda, não a maior parte, mas ter uma boa noção do que se está falando ali [...].

[...] Por que o mercado da comunicação... a comunicação ela também é algo que (+) precisa ser internacionalizado. Então eu preciso que um idioma me possibilite isso. Eu preciso desse conhecimento para ter acesso, por exemplo a um mestrado, que hoje em dia é questão de ordem, né [...]

[...]e também para fazer o intercâmbio, pra chegar lá já respaldado. [...]

[...]quem não tem um segundo idioma hoje em dia, não tem muitas possibilidades de desenvolvimento no mercado de trabalho[...] se você não tem um segundo idioma, [...] Você pode ter toda competência, toda habilidade, mas só que você sempre vai ficar pra trás. E sem contar que fazer uma viagem internacional pra qualquer lugar do mundo que você vá, tem alguém que fale inglês. Não interessa se você vai pra um país da Ásia, onde o inglês passa longe de ser [...] uma língua nativa, mas alguém lá vai falar inglês, entendeu? Então eu acredito que quem não busca essa atualização, nos tempos de hoje, no século XXI, é uma pessoa que tende a ficar pra trás. (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Os desejos de Jean em apropriar-se do idioma, demonstram seu interesse em que a língua faça parte de sua história de vida, indicando a relação histórica e social que ele está formando com a língua-alvo e seu desejo de aprendê-la e praticá-la (NORTON, 2001). Portanto, ao investir no aprendizado da Língua Inglesa, o aluno espera ter um retorno que talvez lhe possibilite novas oportunidades profissionais, podendo ser privilégios para falantes da Língua Inglesa. Assim, ele comenta: **“o aprendizado da língua me abrirá portas. Acredito, por inspiração em amigos e outros profissionais, que a bagagem proporcionada pelo inglês me abrirá um leque de possibilidades”** (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Nesse sentido também vale lembrar que Norton (2000) leva em consideração os conceitos de West (1992) para relacionar a identidade ao desejo por reconhecimento, afiliação, segurança e proteção. Por isso, entendo que quando o aluno deseja dominar o idioma, ele investe no aprendizado e conseqüentemente em sua identidade de aprendiz para alcançar reconhecimento e poder, que podem ser atribuídos às pessoas falantes da Língua Inglesa, uma vez que de acordo com West (1992)²⁷ apud Norton (2000):

As pessoas que têm acesso a grande quantidade de recursos numa sociedade, terão acesso a poder e privilégio, que por sua vez influenciam o modo como eles entendem

²⁷West, C. (1992). A matter of life and death. *October*, 61 (summer), 20–3.

sua relação com o mundo e suas possibilidades para o futuro²⁸ (WEST, 1992, *apud* NORTON, 2000, p. 8 – tradução minha).

Jean começou a acompanhar a turma em março de 2017. No início ele pareceu um pouco resistente às práticas da Língua Inglesa em sala de aula, mas aos poucos se aproximou do grupo e participou com mais entusiasmo. Sobre essa resistência em participar, refiro-me a Block (2007), quando o autor associa esta não participação à falta de sentido nas atividades praticadas na língua-alvo. Dessa forma, imagino que no momento que o aluno expressou falta de interesse em participar da atividade proposta, ele não viu sentido na execução da atividade para a prática da Língua Inglesa, ou até mesmo não tenha se sentido motivado a participar por não estar integrado ao grupo naquele momento específico, por ser um aluno recém chegado.

No entanto, pude observar que, após os primeiros contatos com o grupo, Jean conseguiu uma boa interação com a turma, o que pode ter facilitado a construção de sua identidade de aprendiz. Segundo Norton e Toohey (2011), a participação dos aprendizes em contextos específicos de prática criam possibilidades para a aprendizagem da língua. Além disso, Machado, Mastrella, e Oliveira (2016), acrescentam que “a figura do professor, a escola, o ambiente de sala de aula, os colegas de classe, o material didático e as metodologias de ensino exercem grande influência sobre o aprendiz de línguas” por fazerem parte do processo de construção de suas identidades (p.101). Esse conceito pode ser subentendido nas palavras de Jean:

[...] Eu tive muita facilidade por que a turma é bem entrosada e foi uma turma receptiva também para que eu me integrasse mas óbvio, cheguei meio quieto, ouvindo, assistindo porque você já tinha um contato e eu gostei muito da forma como a senhora dá aula. Por que a senhora é muito didática e está aberta também a reexplicar. [...] O conteúdo, a forma como a senhora explica é bem didática. Eu gosto muito e (+) eu acho que o material é bem embasado [...] Acho que é muito facilitado. Quando você tem um material que é bom, e uma explicação que seja didática, fica fácil de dá andamento no conteúdo. (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

No decorrer do semestre, Jean procurou-me algumas vezes no fim da aula para conversarmos a respeito das aulas e tirar dúvidas. Sua atitude demonstrou um maior interesse no aprendizado da Língua Inglesa e nas atividades propostas, apresentando formas de investimentos na língua-alvo. Em conversas informais, ele relatou que assiste a séries em inglês. Jean considera o nível do inglês da série bastante difícil por ser um assunto específico da área

²⁸People who have access to a wide range of resources in a society will have access to power and privilege, which will in turn influence how they understand their relationship to the world and their possibilities for the future. (WEST, 1992, *apud* NORTON, 2000, p.8)

de medicina, porém ele gosta do tema, e já assistiu várias vezes a mesma série em língua portuguesa, por esse motivo, ele agora só assiste em inglês para melhorar a compreensão auditiva e sua prática da Língua Inglesa.

Seu contato com a Língua Inglesa ajuda a progredir no aprendizado. Ele tem um bom rendimento em sala de aula. Jean contribui bastante com a turma, pois suas dúvidas e observações são muito pertinentes e favorece a evolução do aprendizado coletivo. Foi possível perceber que Jean tem uma ótima compreensão dos áudios exercitados em sala de aula, e o próprio aluno percebe seu desenvolvimento: **“O fato por exemplo, de assistir um filme facilita na hora de ouvir um listening, por exemplo em sala de aula, isso com certeza é um (+) algo que soma no aprendizado”**. (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Além disso, o aluno também tem o hábito de ler em inglês, e fazer as atividades propostas pelo livro didático. Suas práticas de estudo têm feito com que ele se destaque positivamente durante as atividades em aula. Em suas, palavras Jean expressa seu entusiasmo com o aprendizado da língua e a forma como ele se entende como aprendiz:

Eu acredito que eu tenha tido um bom progresso desde o início. É tô aprendendo ainda cada vez mais. [...] Acho que não é impossível que eu domine a língua dentro de alguns anos. É só me dedicar. [...]eu gosto muito de – eu não consigo dormir, por exemplo, com uma pendência, sem pesquisar, se eu achei uma frase que eu não sei o significado, uma palavra, alguma coisa interessante. Eu quero saber, eu quero traduzir. Eu não consigo dormir sem pensar nisso. Então eu acho que eu sou um estudante curioso.

[...] pessoalmente eu gosto muito do idioma então é mais fácil pra eu... eh desbravar e aprender... eu sigo várias páginas nas redes sociais em inglês, justamente pra ir praticando de alguma forma. (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Jean sempre responde em inglês, inclusive quando dirige-se a mim para tirar dúvidas ou conversar. Dessa forma, noto que ele é consciente da importância da prática do idioma dentro e fora de sala de aula. Em sua entrevista, ele relata algumas situações de prática com amigos:

Foi super legal porque eu achei que eu não ia conseguir desenrolar e desenrolei bem até. Óbvio, não com a perfeição que eles que já tem um contato muito grande com a língua. Aprenderam desde criança (+). Mas foi legal.[...] Tive essa oportunidade. A gente sempre faz isso, na verdade, de ficar conversando. Recentemente eu tive a oportunidade de traduzir um negócio com amigo meu que não sabia. Eu falei: gente, olha só! (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Entendo que o investimento no estudo da Língua Inglesa o faz sentir-se seguro para praticá-la. Retomo, então, o conceito de investimento apresentado por Norton (2000), quando refere-se aos estudos de Bourdieu (1977) para reforçar a posição de que, quando os aprendizes investem na língua-alvo, eles o fazem com a consciência de que vão adquirir recursos

simbólicos e matérias que lhes vão permitir aumentar seu conhecimento no mundo social do qual fazem parte, e no qual desejam participar.

Sendo assim, quando Jean investe na aquisição da Língua Inglesa, ele também investe em sua identidade de aprendiz, aproveitando o ambiente de sala de aula para praticar, e também criando possibilidades para a prática da língua fora de sala de aula com amigos que falam o idioma. Ao criar as possibilidades de prática, Jean está investindo no aprendizado que pode lhe proporcionar a aquisição de recursos simbólicos e materiais ao alcançar seus objetivos.

Após a análise dos investimentos indicados por Jean, a seguir apresentarei os investimentos demonstrados pelos participantes Rayana e Felipe para que possamos discutir os dados gerados e analisar a formação identitária desses aprendizes.

Eu tenho que me esforçar pra aprender, pra ter tempo, para me dedicar demanda um pouco de esforço sim. Eu também pensei em determinação que é algo que eu realmente quero que aconteça, mas eu não estou me dedicando o quanto eu deveria, então eu acho que esforçada seria melhor ((definindo sua condição de aprendiz de Língua Inglesa)). (Rayana, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

No trecho destacado, a aluna Rayana descreve seu entendimento a respeito de sua identidade de aprendiz, mostrando seu conflito ao dizer que primeiramente pensou em dizer que era determinada, mas ela mesmo chegou à conclusão que este não era o melhor adjetivo para descrever sua condição de aprendiz, então ela nomeia-se como esforçada, pois apesar de desejar ter o conhecimento da língua, a aluna não se dedica da forma como acha que deveria.

Os alunos Rayana e Felipe são namorados e estudam juntos. Eles relataram que procuram assistir filmes que já assistiram com legendas e áudios em inglês para terem mais contato com a Língua Inglesa. Rayana diz que gosta muito de ver desenhos em inglês, mas que não tem o hábito de estudar inglês com frequência, e diz: **“a gente fica envolvida com outras coisas e não se dedica como deveria”**, a aluna acrescenta:

É uma coisa que a gente tem que se forçar porque a gente fica fazendo outras coisas, envolvido com outras coisas, mas eu sempre tento ler outras coisas em inglês pra ver se eu consigo, porque senão, é só aqui mesmo e não adianta (Rayana, informação de áudio de outubro de 2016)

Em sua fala, é possível verificar que a aluna está consciente de que precisa ter o hábito de praticar a Língua Inglesa em ambientes fora da sala de aula também. Rayana, inclusive, igualmente demonstra isso em sua entrevista:

Acho que quando a gente está num curso de inglês, acho que tudo acaba sendo uma forma de aprendizagem, né. É você ficar mais focada ainda no inglês, diferente de quando você não está fazendo um curso, aí tudo é estímulo, né! É a música que você ouve que você tem que prestar mais atenção, é o filme que você assiste, né! É a

entrevista em inglês que você tenta entender o que tão falando, então eu me vejo sim como estudante. (Rayana, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Desse modo, reporto-me ao conceito de Lave (1991) ao sugerir que o aprendizado é entendido como um fenômeno social constituído nas práticas de participação no mundo e através da “participação periférica legítima em práticas sociais contínuas”²⁹ (LAVE, 1991, p. 64– tradução minha). Como a própria aluna menciona, ela vê-se como uma estudante de Língua Inglesa nas práticas sociais vivenciadas, ao aproveitar os momentos em que tem contato com a língua-alvo como forma de aprendizagem.

Dessa forma, entendo que Rayana sente a necessidade de ter mais práticas de estudo e vivência com a Língua Inglesa fora do ambiente de aula, então ela procura ter esse contato através dos filmes ou vídeos que assiste, das músicas que ouve e assim por diante. Portanto, a partir dessas práticas, a aluna está compondo a sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa e essas ações são seus investimentos no aprendizado da língua, primeiramente em sala de aula, a fim de ganhar confiança em estabelecer diálogos com pessoas que falam o idioma fora deste ambiente.

Rayana é psicóloga e bastante envolvida com as atividades em sala de aula. Apesar de admitir que não dedica-se muito fora do ambiente de sala, tem a consciência de que é importante ter contato com a língua para desenvolver práticas de uso. Portanto, ela gosta de assistir desenhos e filmes, que ela já assistiu em português, mas com legendas e áudio em inglês; e também ouvir música em inglês, para tentar entender:

[...] as músicas, os seriados, os filmes, são uma forma da gente está dentro da língua e da cultura. [...] Eu tento prestar atenção nos fonemas, no som das palavras com a legenda, de tentar associar aquela palavra em inglês com a palavra em português, eu tento treinar o ouvido para ver se eu consigo entender cada palavra dita, tanto nos filmes e até nas músicas, né. Quando o refrão não é muito corrido, em músicas mais lentas, eu tento prestar mais atenção pra conseguir distinguir. (Rayana, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Entendo que seus investimentos na prática de uso da língua-alvo têm ajudado a aluna a compreender melhor os áudios. Isso pode ser observado no próprio relato de aula da aluna, onde ela comenta que tinha dificuldade de entender os falantes da Língua Inglesa em situação real de comunicação e diz: “**passo um aperto para entender**” (Rayana, informação de áudio de outubro de 2016), mas com a prática de assistir aos vídeos, ela desenvolveu sua habilidade auditiva e no semestre seguinte ela já conseguia entender melhor os áudios e diz: “**parece que a gente escuta até melhor as palavras**” (Rayana informação de áudio de março de 2017).

²⁹ Through legitimate peripheral participation in ongoing social practice (LAVE, 1991, p. 64)

Essa participante também relata no questionário que faz os exercícios propostos no livro, assim como outros extras em sites educativos.

Rayana e seu namorado Felipe sempre foram participativos em aula. Dessa maneira, pude notar que eles apresentavam bom entendimento tanto dos textos, quanto dos áudios aplicados em aula, e isso lhes dava certa segurança para participar na aula, respondendo aos questionamentos que eu fazia para verificar o entendimento dos alunos com relação a textos ou áudios trabalhados em sala.

Felipe é desenvolvedor de software. Segundo ele, seu trabalho exige muita leitura em inglês, pois os cursos que ele faz relacionados à sua profissão indicam referências em inglês, e por isso ele precisa ler e entender os textos para manter-se atualizado em sua área. Na entrevista, ele diz:

Sou desenvolvedor de sistema. Os artigos são escritos em inglês e toda documentação que eu preciso pra entender o que eu estou fazendo está em inglês. Então estou sempre em contato. Se eu estou em dúvida eu busco na internet em inglês, e leio textos em inglês. Então pra mim, é praticamente 100 por cento do que eu faço profissionalmente é em inglês. (Felipe, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Para complementar o aprendizado e ter contato com a Língua Inglesa fora de sala de aula, o aluno investe na utilização de aplicativos para aprender inglês, leitura de textos, participa de comunidades no Facebook relacionadas ao aprendizado do idioma, e também assiste a filmes com legendas em inglês. Ao comentar sobre seu contato com a língua em relação ao seu trabalho, ele afirma que faz leituras relacionadas a assuntos do trabalho, e assiste a cursos em inglês pra tentar praticar o *listening*.

Ele comentou que conseguia entender as legendas, mas ainda não sentia-se preparado para estabelecer uma conversação em inglês com falantes porque precisa de mais prática da língua para sentir-se mais confiante. Porém, em sua entrevista, Felipe relatou sua experiência de conversação em inglês:

Eu fiz uma entrevista. Eu consegui conversar. Nossa! Foi a primeira vez mesmo que realmente eu conversei com alguém, né. Eu fiquei muito nervoso, mas eu consegui conversar e ela conseguiu me entender. [...] Foi bom! Não está 100 por cento, mas eu consegui compreender tudo. (Felipe, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Mesmo dizendo que não sentia-se preparado para conversar em inglês, Felipe ficou feliz ao conseguir estabelecer um conversação em inglês, o que me faz lembrar dos conceitos de Weedon (1997) quando ela diz que nossa subjetividade é construída pela língua, sendo essa contraditória, um lugar conflitos. E também, Norton(2000) apresenta o conceito de identidade

como um lugar de lutas. Assim, Felipe conseguiu enfrentar seus medos e inseguranças para estabelecer uma conversa com uma pessoa falante da língua alvo.

Ao analisar seus investimentos e as tentativas de expressar-se nas aulas de inglês, entendo que Felipe está construindo sua subjetividade pela língua, apresentando uma identidade contraditória. Ou seja, mesmo tendo observado em que Felipe aparentava ter mais facilidade para entender e expressar-se, ele não sentia segurança para estabelecer um diálogo fora de sala de aula. Talvez isso deva-se ao fato de seu investimento maior com a Língua Inglesa estar relacionado à leitura de textos. Por isso, ele sentia mais segurança lendo e menos falando. Porém, observei que a partir do momento em que Felipe começou a ouvir os áudios de cursos em inglês, ele sentiu-se mais confiante para arriscar uma conversa na língua alvo.

Essa situação do aluno Felipe, sugere uma alusão à pesquisa de McKay e Wong (1996), com imigrantes chineses nos Estados Unidos, onde a noção de investimento apresentada por Norton (1995) foi expandida. Nessa pesquisa, eles investigaram os investimentos dos alunos nas quatro habilidades, ou seja: leitura, escrita, fala e compreensão auditiva, e argumentaram que “investimento em cada uma dessas habilidades pode ser altamente seletivo e que diferentes habilidades podem ter valores diferentes em relação à identidade de aprendiz”³⁰ (NORTON, 2000, p. 11 – tradução minha).

Nesse sentido, entendo que por seu investimento maior ser feito na leitura e compreensão de textos em inglês, conseqüentemente, acarreta para ele maior confiança na leitura. Porém, sua atitude de assistir aos filmes com legendas em inglês também é uma forma de desenvolver a capacidade de falar, quando ele expressa opiniões em inglês nas atividades orais em sala de aula e também ao lograr êxito em sua entrevista sobre trabalho.

Dessa forma, sua identidade de aprendiz está em processo de transformação e também em conflito. Entendo que a transformação ocorreu quando Felipe mostrou-se confiante nas práticas de uso do idioma em sala de aula, porém o conflito apresentou-se para ele quando alegou que não sentia-se capaz de desenvolver uma comunicação com falantes da Língua Inglesa fora de sala de aula. Assim, no momento em que Felipe teve oportunidades de falar com uma pessoa em inglês, ele apresentou nervosismo: “**Eu fiquei muito nervoso**”, demonstrando sua insegurança, porém em seguida sentiu-se gratificado: “**mas eu consegui conversar e ela conseguiu me entender [...] Eu fiquei feliz.**” (Felipe, informação verbal obtida em entrevista de entrevista, 2017).

³⁰[...] investment in each of these skills can be highly selective and that different skills can have different values in relation to learner identities. (NORTON, 2000, p. 11)

A partir da análise dos dados gerados por Felipe, pude observar o processo de transformação de sua identidade, podendo demonstrar que as atitudes de investimentos assumidas por ele o fizeram adquirir confiança para enfrentar a insegurança que sentiu quando precisou se comunicar na língua que está aprendendo. Nesse sentido, Felipe aparenta estar consciente do processo de aprendizagem ao dizer

Eu acho que o ‘speaking’ é como se fosse a prova do que você aprende, né. Por que na hora do ‘speaking’ que você realmente usa tudo que você aprendeu. Então a gente fica ouvindo e lendo mas na hora do vamos ver é a hora que a gente vai falar. Eu fiquei feliz. (Felipe, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

É importante lembrar os conceitos de Gardner (1985), pois a confiança adquirida pelo aprendiz cria experiências positivas vividas no contexto de segunda língua, e serve de motivação para o aprendizado. Portanto, acredito que, de acordo com a noção de investimento proposta por Norton (2000), quando os alunos Rayana e Felipe conseguem expressar-se quando têm oportunidade de falar durante as atividades de conversação em sala de aula, com excelente entonação e pronúncia, eles estão não somente trocando informações, mas também planejando e reorganizando o entendimento de quem eles são e a relação com o mundo social ao qual pertencem, e conseqüentemente estão também investindo em suas identidades de aprendizes de língua estrangeira.

Após a análise dos investimentos apresentados pelos participantes Rayana e Felipe, e a discussão sobre a construção de suas possíveis identidades de aprendizes de Língua Inglesa, apresentarei os investimentos demonstrados pelo participante Judiney e as observações identificadas durante a geração dos dados.

Judiney se considera um aprendiz de Língua Inglesa persistente, pois para ele:

Aprender uma nova língua aos 40 anos não é nada fácil. Principalmente no meu caso que na juventude nunca tinha me interessado pelo idioma, sempre preferi o espanhol. Depois de velho é que foi surgir o interesse. [...] Acho que eu deveria me dedicar um pouco mais (Judiney, informação verbal obtida em entrevista, 2017)

Judiney é um policial civil e diz ter curiosidade de aprender o idioma para utilizar em viagens internacionais. Ele parece ser uma pessoa interessada no aprendizado, mas diz não ter muito tempo para dedicar-se ao estudo da língua. Sobre seus investimentos no aprendizado da Língua Inglesa além da sala de aula, ele relata que cadastrou-se no site do livro utilizado para fazer atividades extras e baixou o áudio das lições no pen drive para ouvir no carro. O aluno também relatou: **“Procuo fazer as lições e sempre que posso também leio alguns livros”**, e também busca materiais na internet para praticar, porém, não tem o hábito frequente nem

disciplina para dedicar-se como acha que deveria, e acrescenta **“eu tenho muita dificuldade com vocabulário, procuro palavras novas”**. (Judiney, informação verbal de entrevista, 2017).

O aluno também declara que tenta assistir aos documentários do Discovery Channel³¹ em inglês com legenda. Ele diz: **“eles falam bem devagar e com a legenda eu consigo entender alguma coisa”** (Judiney, informação verbal obtida em entrevista de outubro de 2016).

E acrescenta:

Acho que é mais fácil da gente entender por que eles usam uma linguagem mais técnica e não usam muita gíria.[...] tenho colocado mais em inglês pra entender as palavras, mas aí eu perco muito o significado, mas como você tá vendo ali dá para ter uma ideia mais ou menos do que estão falando. (Judiney, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Pude observar que apesar de o aluno tentar ter contato com a Língua Inglesa fora de sala de aula, ele não apresenta muitos investimentos, conseqüentemente, não sente uma evolução considerável em relação ao aprendizado da língua.

O aluno sente dificuldade nas atividades de compreensão auditiva, observei também que às vezes ele não realiza as atividades propostas pela professora em casa, mas em sala de aula, no momento da correção. Em sua entrevista, ele comenta:

O que eu tenho mais dificuldade mesmo é o listening. Entender as palavras eu tenho muita dificuldade. A parte de gramática não acho tão difícil, consigo entender com mais facilidade, mas quando começa a falar eu fico meio perdido. (Judiney, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

O aluno relata que estuda, mas não considera que seu estudo seja suficiente, porém obteve um bom desempenho nas provas e nas atividades orais, pois tem uma boa pronúncia e entonação.

O aluno relatou que já teve a chance de trocar algumas palavras em inglês com uma senhora que encontrou em um consultório médico, mas não conseguiu sustentar um diálogo e comenta: **“até que tentei [pausa] alguma coisinha eu entendia [pausa] aí eu comecei a tentar conversar e ela ficou brava, acho que ela falou – ele não fala nada”** (Judiney - informação verbal obtida em entrevista de outubro de 2016). Nessa fala de Judiney, é possível notar sua frustração em não conseguir estabelecer uma conversação com a senhora que ele encontrou.

Na situação relatada por Judiney, apesar de ele entender alguma coisa que a pessoa falava, não conseguiu estabelecer um diálogo prolongado, e teve a sensação de não saber falar

³¹O Discovery Channel é um canal de televisão por assinatura onde é possível assistir a documentários, séries e programas educativos sobre ciência, tecnologia, história, meio ambiente e geografia.

nada. Nessa hora ele diz que acha que os falantes da Língua Inglesa se esforçam bem pouco para entender o que a pessoa que não domina a língua quer dizer. Seu discurso demonstra um tipo de resistência às práticas da língua quando ele parece justificar seu silêncio e não participação no diálogo pelo fato dos nativos não facilitarem a comunicação com as pessoas menos fluentes.

Retomo nesse momento a reflexão a respeito do fato de a língua limitar e constituir a identidade dos falantes (PAVLENKO, 2002) nos diferentes papéis desempenhados pelos indivíduos nas relações sociais. Em certas situações, é possível ocorrerem atitudes de resistência quando as pessoas encontram-se em posições desiguais de poder (NORTON, 1995). Por isso, entendo que a falta de habilidade linguística para comunicar-se com a falante nativa da Língua Inglesa pode ter limitado a identidade do aprendiz Judiney, fazendo com que ele silenciase ao encontrar-se numa situação desigual de poder em relação à senhora, conforme sugerido por Norton (1995).

Entendo que a identidade de aprendiz de uma língua estrangeira do aluno Judiney entrou em conflito quando ele não sentiu-se preparado para estabelecer uma conversação em inglês, e apresentou atitude de resistência ao calar-se diante da oportunidade de comunicação com um falante do idioma. Assim, sua atitude de resistência não legitimou sua competência linguística, tornando sua identidade de aprendiz contraditória. Dessa forma, coaduno com Leffa (2012) ao entender que, nessa relação desigual de poder entre os interlocutores, foi reduzida a possibilidade de interação e de aprendizagem, uma vez que Judiney limitou sua participação na conversa. Portanto, o aluno perdeu a oportunidade de legitimar sua competência linguística e afirmar sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa.

Em sua entrevista, Judiney comenta sobre sua impressão a respeito do seu aprendizado e suas expectativas:

Eu vejo que estou tendo algum progresso. Eu imaginava, sinceramente que fosse mais rápido,[...] mas o processo é lento, o processo de aprendizado. Por que eu achava que como já estamos fazendo há um ano e meio, eu achava que eu já estaria falando bem mais, entendendo muito mais. Mas conversando com alguns colegas que fizeram curso, realmente, pra quem não tinha noção nenhuma, leva uns cinco anos [...] Eu imaginava que fosse mais rápido, mas dentro das minhas condições de tempo pra estudar [...] acho que daqui mais uns dois anos, eu tenha um bom entendimento e fale melhor. Conversar o básico, pelo menos. (Judiney, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

E acrescenta sua opinião a respeito da confiança que sente no aprendizado do NEL:

A gente ouve muitas propagandas de cursos, prometem muita coisa, mas aqui, como não tem fim comercial, não tem o apelo pra ganhar dinheiro, né. Então acredito né seja mais voltado mesmo para o ensino duradouro, não é só aprender uns macetes e

tal. Espero aprender realmente. (Judiney, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Em sua fala, observo que Judiney tem a compreensão de que o aprendizado vai se consolidando com o tempo, porém, entendo que a identidade linguística de cada aluno vai se transformando e se consolidando no seu tempo, de acordo com seus investimentos na língua-alvo. Dessa forma, vejo que Judiney não sente segurança para estabelecer um diálogo em inglês por não se identificar enquanto sujeito e participante em um determinado contexto de interação (MASTRELLA, 2009).

Além disso, se refletirmos a respeito das atitudes assumidas por outros aprendizes que começaram a estudar inglês ao mesmo tempo que Judiney, mas que apresentaram maiores investimentos no aprendizado, retomo o conceito de investimento apresentado por Norton (2013) ao mencionar que os aprendizes podem muitas vezes estar altamente motivados no aprendizado da língua, porém não estabelecem muitos investimentos nas práticas que favorecem aquisição da língua-alvo (NORTON, 2013).

Sugiro levarmos em conta a noção de investimento proposta por Norton (2000) ao tentar relacionar o aprendiz de línguas e o mundo social em constante mudança. Ela vê o aprendiz como tendo uma identidade complexa com seus múltiplos desejos. Dessa forma, quando o participante Judiney deseja aprender a Língua Inglesa, mas não está focado nos investimentos desse aprendizado, dedicando-se pouco ao aprendizado, é possível que ele esteja vivendo um conflito ao compor sua identidade de aprendiz.

Considero que, de alguma forma, este participante pode não estar fazendo uma conexão com seu contexto social, e a possibilidade real de utilização da língua estrangeira em um futuro próximo. Talvez por não sentir essa conexão, o aluno não consegue dedicar-se mais e disponibilizar mais tempo para o estudo da língua estrangeira, pois segundo Norton (2000) ela usa o termo identidade em referência a como uma pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída no tempo e no espaço e como essa pessoa entende as possibilidades para o futuro³² (NORTON, 2000, p.05, tradução minha).

Passo, a seguir, à análise dos dados gerados pela aluna Izabel:

Eu participei de um sorteio como vários outros acadêmicos e eu consegui a vaga e aproveitei a oportunidade. [...] Eu acho que evoluí, mas não acredito que evoluí tanto porque é muito difícil. É uma barreira muito grande. (Izabel, informação verbal obtida em entrevista, 2018)

³²I use the term identity to reference how a person understands his or her relationship to the world, how that relationship is constructed across time and space, and how the person understands possibilities for the future (NORTON, 2000, p.5).

O trecho em destaque acima é uma parte da entrevista da aluna Izabel. Esta aluna é estudante do curso de Geografia da UEMS. Conforme relatado no fragmento, ela foi contemplada com uma bolsa de estudos a partir de um sorteio entre alunos interessados no curso do Nel. Desta forma, Izabel decidiu fazer o curso de Língua Inglesa com o intuito de entender melhor os textos acadêmicos em inglês e também para futuramente poder ingressar no Mestrado. Em seu questionário Izabel justifica seu interesse pelo idioma:

Às vezes tem textos nas minhas disciplinas que trazem termos no idioma “English”, então para que eu possa entender melhor eles, eu quis fazer aulas de idioma na tentativa de ter melhor compreensão dos textos e dos autores. (Izabel, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Suas formas de investimento nas práticas da língua são a partir da utilização do aplicativo Duolingo para estudar inglês, faz atividades propostas pelo livro didático utilizado em sala, ouve músicas e assiste a vídeos em inglês, além de leituras relacionadas aos assuntos de suas disciplinas da Graduação. Em sua entrevista, ela relata:

Quando eu chego em casa eu repasso a lição, e antes de vir também, eu passo a nova lição. Por que eu tenho tempo quando acaba a aula, aí fico lá na sala e quando tenho tempo em casa, eu estudo.

[...] Às vezes eu tenho que fazer o trabalho e não acho em português dublado, aí tem que se virar. Eu pego as palavras que eu não entendo, anoto depois eu procuro pra saber o significado.

[...] Quando a gente recebe o artigo para ler, tem uma parte que vem em inglês. (Izabel, informação verbal obtida em entrevista, 2018).

Izabel comenta sobre sua experiência no aprendizado de línguas:

Para mim é gratificante. /.../ Qualquer idioma, não só o inglês, quando eu pego uma música para ouvir, eu quero saber o que ela significa, aí eu procuro uma música no YouTube. /.../ acho uma experiência muito boa por que dá para entender bastante palavras quando a música é mais lenta. Quando ela é muito agitada, só se você ouvir muitas vezes repetida pra entender. Mas é gostoso, eu gosto. (Izabel, informação verbal obtida em entrevista, 2018).

Em sala de aula foi possível observar a transformação de seu aprendizado, Izabel chegou muito tímida e tão calada que quase não se ouvia sua voz, mas aos poucos começou a ter confiança para interagir mais em sala de aula e mostrar que seu aprendizado estava em crescimento. Segundo Mastrella (2014), aprender uma nova língua significa “engajar-se na contínua produção das identidades dos sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem” (p. 30). Nesse sentido, Mastrella (2013) considera importante dar ênfase às identidades no contexto de ensino-aprendizado de línguas, pois possibilita acesso aos tipos de relações sociais presentes nos contextos de ensino, e aos discursos que posicionam os sujeitos e as interações sociais que constroem e (re)negociam identidades.

Dessa forma, entendo que, com o passar do tempo, Izabel sentiu-se mais à vontade para participar e interagir com os colegas de turma à medida que sentiu-se mais engajada com o aprendizado, conseguindo acesso às interações que a prática da Língua Inglesa estava lhe permitindo. Em suas palavras a seguir, Izabel expressa seu entendimento de que com o tempo a interação com o grupo pareceu ajudar em seu aprendizado: **“Tudo é assim na vida, o conhecimento, o tempo que vai indo gradativamente, vai fazendo que as coisas fiquem mais fáceis. [...]”**. Dessa forma, ela também expressa seu desejo de aprender o idioma: **“[...]a gente tem que tentar. Se o objetivo é aprender uma língua diferente, um idioma.”** (Izabel, informação verbal de entrevista, 2018).

A partir da análise dos dados gerados por Izabel, observo indícios de que sua identidade de aprendiz também está em formação, quando a aluna analisa sua forma de estudar inglês e suas práticas de uso da língua, descobrindo no aprendizado da língua uma forma de entender com mais facilidade os textos que precisa ler, ou as letras de músicas. Assim, a aluna comenta sobre sua habilidade em traduzir uma música devido ao seu contato com textos em inglês: **“[...] a pronúncia é mais difícil. /.../ eu penso que se fosse para traduzir a letra, era mais fácil por que eu já conheço bastante palavras.”** (Izabel, informação verbal de entrevista, 2018)

No trecho a seguir, Izabel expressa seu contentamento ao estudar inglês no NEL:

[...] Para mim eu acho que se eu não tivesse aqui, eu não teria aprendido nada, né. O curso é bom. É ótimo. Pra mim pode continuar do jeito que tá, do jeito que acontece dá pra aprender, e para melhorar só se a gente fizesse uma viagem de campo. [...] um intercâmbio. (Izabel, informação verbal de entrevista, 2018).

Foi possível observar que os alunos apresentam diferentes formas de investimentos na Língua Inglesa, mas é importante lembrar que cada um tem sua agência, intensidade e frequência de prática da língua. Essa concepção de prática muda no decorrer do processo de aprendizagem da língua-alvo (LAVE, 1991). Segundo Lave, o processo de aprendizagem forma-se em práticas de estudo em evolução, não necessariamente em contexto de sala de aula com professor e aluno, sendo a aprendizagem ocorrida em práticas de participação efetiva dos aprendizes. Assim, quando Izabel sugere uma viagem de campo, ela se refere a um intercâmbio e dessa forma, pode estar sentindo a necessidade de interagir e ter a participação efetiva nas práticas da Língua Inglesa para melhorar seu aprendizado.

Entendo que o processo de composição da identidade desses aprendizes de língua estrangeira está em desenvolvimento, e pode sofrer mudanças ao longo da aprendizagem. Ainda

que sejam pequenas atitudes de investimento em direção à aquisição de conhecimento da língua-alvo, são investimentos para conquistar os recursos simbólicos e materiais (BOURDIEU, 1977) inseridos no aprendizado da Língua Inglesa. Consequentemente, essas atitudes de investimento no aprendizado podem provocar mudança em suas identidades.

Após essa análise sobre os investimentos apresentados pelos alunos para o aprendizado da língua, em seguida, passo a considerar se esses investimentos influenciaram ou não a emergência de comunidades imaginadas e identidades imaginadas pelos participantes da pesquisa, com relação à aquisição da língua.

4.2 COMUNIDADES IMAGINADAS NA BUSCA DO CONHECIMENTO DO IDIOMA

Nesta seção, intento apresentar as comunidades imaginadas pelos participantes desta pesquisa e ademais verificar a possível relação dos investimentos realizados por eles com suas comunidades imaginadas; e posteriormente analisar de que forma essas comunidades favoreceram, ou não, a emergência de possíveis identidades imaginadas com relação à aquisição da Língua Inglesa. Entendo que analisar a emergência das comunidades e identidades imaginadas possibilitará uma melhor compreensão da relação entre a aprendizagem de línguas estrangeiras e a construção de novas identidades envolvidas nesse processo.

Para Norton (2013), o conceito de investimento nos ajuda a entender o desejo do aprendiz em interagir em comunidades de prática, levando-o a aspirar pertencer a essas comunidades. Segundo Kanno e Norton (2003), as comunidades imaginadas pelos aprendizes podem exercer um papel fundamental nas atitudes e investimentos de aprendizagem da língua-alvo, fazendo com que os alunos tornem-se muito investidos, ou não, na aquisição do conhecimento do idioma. Sendo assim, através do poder da imaginação nos conectamos a comunidades imaginadas, ou grupos de pessoas a que desejamos pertencer, levando-nos a desejar construir identidades. A seguir, discorro sobre as identidades imaginadas pelo grupo de participantes desta pesquisa.

4.2.1 A composição das identidades a partir das comunidades imaginadas

Para analisar as comunidades imaginadas pelos participantes desta pesquisa, considero importante levar em consideração seus objetivos ao estudar a Língua Inglesa, pois, segundo Kanno e Norton (2003), as comunidades imaginadas pelos aprendizes de línguas podem

influenciar na intensidade dos investimentos assumidos por esses alunos para alcançarem seus objetivos.

Há de se considerar que, para Norton (2013), o envolvimento do aprendiz de línguas em comunidades imaginadas pode afetar sua trajetória de aprendizagem na língua-alvo, sendo possível o surgimento de uma identidade também imaginada, fazendo com que o aprendiz veja sentido em investir no aprendizado desta língua.

Para iniciarmos a análise dos dados gerados pelos participantes, vale também ressaltar que, segundo Norton (2001), “diferentes aprendizes têm diferentes comunidades imaginadas, e que estas são melhor compreendidas no contexto do investimento individual do aprendiz na língua-alvo e as condições nas quais ele fala e pratica”³³ (NORTON, 2001, p.165 – tradução minha).

Entendo que essas comunidades precisam ser analisadas levando em consideração os investimentos assumidos por cada participante para alcançar seus desejos e objetivos em relação ao aprendizado da língua escolhida.

A partir da análise dos dados gerados foi possível identificar que os participantes expressaram desejos em fazer parte de comunidades relacionadas a estudantes de mestrado, viagens internacionais e em situações profissionais, tais comunidades estariam conectadas a falantes que usam a língua estrangeira para se comunicar.

Judiney expressou o interesse de utilizar os conhecimentos da Língua Inglesa para realizar viagens internacionais. Em algumas aulas, o aluno demonstrou o desejo de visitar os Estados Unidos para fazer compras, momento no qual ele tentaria falar inglês. O aluno diz que imagina-se utilizando o idioma para estabelecer pequenas conversas, tais como alugar um carro, fazer um pedido em um restaurante, comunicar-se no hotel, enfim, em situações de turismo.

O aluno relata que baixou um arquivo disponibilizado por uma professora de inglês sobre frases úteis para viagens: “50 frases em inglês para viagem”. Judiney afirma que baixou o arquivo mas ainda não analisou com atenção e diz “**dei uma olhadinha muito rápida, mas tem dicas bem legais**” (Judiney, informação verbal de áudio de maio de 2017).

No momento em que o aluno relata ter baixado o arquivo de frases úteis para viagens, ele expressa o anseio por utilizar a língua para se comunicar em situações de turismo. Ao ter essa iniciativa, é possível que o aluno se imagine utilizando essas frases em uma viagem

³³different learners have different imagined communities, and that these imagined communities are best understood in the context of a learner’s unique investment in the target language and the conditions under which he or she speaks and practices it (NORTON, 2001, p.165).

internacional. Diante disso, podemos notar vestígios de que está em formação uma possível identidade de usuário de Língua Inglesa.

Judiney também demonstrou o interesse de ter conhecimento da língua estrangeira para comunicar-se em algum evento de trabalho. Como já foi mencionado antes, ele é policial civil e comentou que durante os jogos Olímpicos (2016), quem falava outro idioma era requisitado para participar da recepção aos integrantes das Olimpíadas. Talvez a consciência da falta de habilidade na Língua Inglesa quando surgiu uma oportunidade no trabalho tenha levado Judiney a sentir necessidade de investir no aprendizado.

O aluno quer estar preparado para uma futura necessidade em seu trabalho, demonstrando desse modo, o desejo de pertencer à comunidade de falantes de Língua Inglesa em situações profissionais. Em referência aos conceitos de Norton (2013), entendo que Judiney investiu no aprendizado da língua a partir do momento em que surgiu o desejo de participar de uma comunidade relacionada ao trabalho. Esse anseio pode ter provocado a emergência de uma nova identidade imaginada para o aluno: a identidade de falante habilitado em Língua Inglesa para situações profissionais.

A identidade de usuário de língua estrangeira emerge do desejo do aluno em utilizar a língua para conversar em situações profissionais e de viagem. O aluno ainda tem pouco conhecimento da língua-alvo, uma vez que, comunica-se de forma básica, pois entende pouco e fala pouco, mas nota-se em sua fala o desejo de utilizar a língua para estabelecer diálogos simples quando viajar. Foi possível observar que Judiney está investindo no aprendizado da língua para participar de comunidades imaginadas por ele.

Judiney expressa o desejo de ser capaz de comunicar-se quando tiver chance, investindo em sua identidade imaginada de falante da língua-alvo. Assim, o aluno confirma essa vontade em sua entrevista: **“Espero nos próximos anos está pelo menos entendendo conversas, filmes sem precisar da tradução da legenda”**. (Judiney, informação verbal de entrevista, 2017).

Nesse sentido, retomo a noção de investimento de Norton (2000) no que diz respeito à esperança de Judiney em estabelecer diálogos e compreender melhor os filmes, fato que para ele ainda não é possível. Ao se colocar como participante de uma comunidade imaginada por pessoas que entendem diálogos e estabelecem comunicação, é possível que tenhamos indícios de que suas comunidades imaginadas estejam favorecendo a emergência de uma provável identidade imaginada de falante de Língua Inglesa nas situações mencionadas por Judiney.

A seguir analiso as comunidades imaginadas por Izabel.

Os dados gerados pela aluna Izabel, me fizeram refletir sobre o que argumenta Pavlenko (2007), pois segundo a autora, para entender os investimentos dos aprendizes é necessário que entendamos suas múltiplas comunidades de prática e também quem pode e quem não pode imaginar-se como legítimo falante em determinado contexto. Nesse sentido, apresento a seguir as palavras de Izabel ao ser perguntada sobre que forma ela se imagina utilizando a língua estrangeira no futuro: **“Com certeza claramente ainda não tenho, mas para fazer um teste por exemplo para entrar no mestrado, seria uma possibilidade. Para viagem não tem previsão.”** (Izabel, informação verbal de entrevista, 2018)

Em suas palavras, Izabel demonstra que não se imagina utilizando a Língua Inglesa em situações de viagem, mas é possível que ela vislumbre a chance dessa utilização para uma prova de mestrado **“seria uma possibilidade”**. Dessa forma, retomando os investimentos de Izabel, destaco que ela faz leituras em inglês e em outro trecho da entrevista ela afirma: **“é bom a gente ter uma língua a mais porque se a gente quiser continuar a carreira de estudante a gente precisa ter um idioma que não é o da gente”** (Izabel, informação verbal de entrevista, 2018)

Assim, observo indícios de que Izabel pode estar almejando pertencer à comunidade imaginada de estudante de mestrado, por isso a aluna pode estar investindo mais em leituras em inglês que possam lhe possibilitar alcançar o desejo de participar do contexto acadêmico de pós graduandos, imaginando-se como legítima usuária da Língua Inglesa nessas situações.

A seguir passo a analisar os dados gerados pela participante Izaura em relação às suas comunidades imaginadas.

Os dados gerados por Izaura, em referência às suas comunidades imaginadas, estão relacionados ao desejo de conectar-se com falantes de Língua Inglesa em situações de turismo. A aluna deseja viajar para Nova York em dezembro de 2017, então ela comenta: **“até dezembro vou estar craque no básico para pedir um cafezinho no aeroporto”** (Izaura, informação verbal obtida em entrevista de março de 2017). Nessa fala é possível observar que a aluna já se imagina utilizando a língua estrangeira para comunicar-se no aeroporto. Ela afirma que tem consciência de que suas práticas da língua são básicas, por isso ainda não tem segurança para estabelecer longos diálogos em inglês, porém ela diz que vai levar um tradutor para ajudá-la a falar no aeroporto.

Izaura quer visitar a filha, que está em Nova York, e diz que vai conhecer a Wall Street e o Central Park. A aluna sabe que pode contar com o apoio da filha para comunicar-se em Nova York, mas diz que vai tentar falar um pouco de inglês em todas as situações. Para estar preparada para falar o idioma, ela continua estudando, praticando, e assistindo vídeos em inglês.

Assim, é possível observar que a aluna deseja comunicar-se na língua que está aprendendo quando chegar o momento de sua viagem, e por esse motivo está investindo em seu aprendizado.

Quando Izaura diz que seu objetivo é utilizar o inglês em viagens, ela pode estar imaginando-se capaz de desenvolver habilidades linguísticas naquele contexto, mesmo que sejam diálogos simples. Por conseguinte, mesmo sentindo insegurança ao imaginar-se naquele contexto, ela prepara-se através das práticas de aprendizado da língua-alvo. Em suas palavras, observamos seu conflito ao expressar sua insegurança e a vontade de se comunicar:

Meu Deus! [...] gente do céu! Como será que vai ser estar no meio daquele povo lá? Entender acho que até eu vou conseguir entender - quando você fala aqui – explica – não sei se é porque tá dentro do contexto – lá também vai tá dentro do contexto! Né?! [...] mas eu acho que pra eu falar com eles (+) Tava estudando aqui esse oral test – quase enfartei [risos]
 [...] Tem até que treinar, né... Vou ficar cinco horas em Brasília, vou ficar treinando.
 [...]
 K: Você tem medo de errar?
 I: Não! Medo de errar, não!
 K: Então?
 I: Então tem que tentar né?
 (Izaura e Kelly, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Segundo Pavlenko e Norton (2007), “a aprendizagem não é apenas acúmulo de habilidades e conhecimento”, visto que ela transforma as pessoas e as torna capazes de agir em determinados contextos, possibilitando ao aprendiz uma experiência de identidade. Quando Izaura imagina-se falando inglês em todas as situações: para pedir um cafezinho no aeroporto, para fazer compras ou visitar lugares novos, ela idealiza aquelas situações. Dessa forma, é possível que o desejo de pertencer à comunidade de viajante tenha impulsionado seus investimentos no aprendizado do idioma, possibilitando assim, a emergência de uma identidade de usuária de Língua Inglesa em situações de viagem.

Após a discussão dos dados gerados por Izaura, a seguir apresentarei os dados gerados pelo participante Jean.

Os dados gerados pelo aluno Jean demonstraram que ele imagina-se utilizando a Língua Inglesa em diversas situações, ou seja, em viagens internacionais, no trabalho para realizar contato com empresas estrangeiras, para conversar com falantes da língua, e para dar continuidade à carreira acadêmica no mestrado e doutorado.

Em uma de nossas conversas, o aluno demonstrou que gosta de estudar inglês e expressou o desejo de fazer intercâmbio para o Canadá. Ele quer preparar-se fazendo o curso básico de inglês, enquanto economiza o dinheiro para esse projeto, pois no momento, ele não

tem condições financeiras para fazer o intercâmbio, mas em sua entrevista, relatou que já pretende se planejar para realizar esse desejo:

Então, (+) ano que vem eu pretendo já buscar alguma coisa, maiores informações para começar a pagar se for o caso porque eu pretendo ir em 2019. [...] É uma pretensão muito grande, mas vamos ver. Se eu não for em 2019, antes dos 30. Eu tenho 23. Então tenho 7 anos ainda. [risos] (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Ele diz que demorou muito para começar a estudar inglês, acredita que se tivesse começado junto com a faculdade estaria bem mais avançado. Ele considera que o inglês pode lhe proporcionar boas oportunidades profissionais na área de marketing político.

Foi possível observar que o aluno tem foco e um objetivo bem definido de adquirir proficiência no aprendizado da língua para ter sucesso na profissão: **“Acho que não é impossível que eu domine a língua dentro de alguns anos. É só me dedicar.”** (Jean, informação verbal de entrevista, 2017). Nesse sentido, o aluno menciona ter inspiração de amigos e outros profissionais bem sucedidos falantes de inglês, que o motivam para investir no conhecimento do idioma. Entendo que essa inspiração provoca em Jean o desejo de pertencer à comunidade de profissional bem sucedido.

Ao ver seus amigos e outros profissionais, com habilidade linguística em inglês, que alcançaram boa ascensão profissional, pode estar emergindo a identidade imaginada de pessoa bem sucedida como usuário de Língua Inglesa. Sobre isso, Mastrella (2011) nos diz que “o aprendiz se pauta em geral pela busca por se assemelhar a um determinado falante, buscando superar suas dificuldades a fim de alcançar sua meta” (p. 96). Entendo que Jean quer alcançar sua meta de ter excelência profissional e para isso estabeleceu um plano de estudo, e investe nesse objetivo.

Para pertencer a uma comunidade imaginada, o aprendiz investe no aprendizado da língua para obter conhecimento, e dessa forma, o investimento do aprendiz provoca a emergência de uma identidade imaginada (NORTON, 2000), que no caso do Jean seria a identidade de profissional bem sucedido como usuário da Língua Inglesa. Em sua fala, Jean mostra que se imagina na condição de ouvinte e também de palestrante em língua estrangeira

Eu tenho muita vontade de crescer na área do marketing político, que é uma área que eu tô trabalhando agora, e não só do marketing político, mas da publicidade em si. Eu vejo que essas trocas de experiências, principalmente em seminários, Convenções etc, eh, (+) por exemplo: tem um evento que é anual, que é realizado em São Paulo, pra área da Publicidade que tem nomes do mundo inteiro, e eles trazem a palestra, e você assistir uma palestra sem precisar de um fone e conseguir interagir, conseguir perguntar para o palestrante sem uma tradução simultânea. Eu acho isso muito massa, né. [...] Eu particularmente acho isso sensacional, então **eu me vejo nessa situação. [...] ser um palestrante famoso um dia, quem sabe?** (Jean, informação verbal obtida em entrevista, 2017).

Analisando os objetivos de Jean faço referência ao que Block (2007) considera com relação a comunidade de prática, pois para o aprendiz participar de comunidades de prática, é necessário que ele acumule capital cultural (BOURDIEU, 1995) suficiente e apropriado para assim sentir-se seguro em participar com eficiência de comunidades de práticas. Ademais, Jean investe no aprendizado da língua-alvo e prepara-se para sentir segurança ao realizar seus anseios de fazer intercâmbio.

Nesse sentido, o intercâmbio seria mais um investimento para adquirir fluência no idioma para utilizá-lo profissionalmente, na carreira acadêmica e em viagens internacionais. Seu desejo e investimento para pertencer à comunidades imaginadas podem estar influenciando na emergência da identidade imaginada de pessoa fluente na língua escolhida.

Após a análise dos dados gerados pelo participante Jean em relação às suas comunidades imaginadas e identidades imaginadas, na sequência apresentarei a discussão a respeito dos dados gerados pela participante Rayana.

Rayana é bastante participativa durante as aulas de inglês. Observo que a aluna sempre voluntaria-se para responder às atividades propostas e procura ajudar os outros alunos a responder. Pude observar durante a análise de dados gerados pela aluna Rayana que ela faz da participação em sala de aula uma forma de praticar a língua-alvo, tornando as aulas uma real comunidade de prática da língua.

A aluna expressa sua opinião a respeito da experiência da atividade oral proposta para a turma. Nessa atividade, os alunos tinham que apresentar um diálogo sem ler, observando entonação e pronúncia adequadas. Nas palavras de Rayana:

Gostei bastante da experiência porque a gente aprende pra isso: pra conversar, pra se virar nos lugares, então é até uma forma da gente perder o medo de encontrar com outra pessoa se for viajar e até mesmo às vezes vai pra outra cidade de férias... sempre tem uns gringo perdido no país... e aí pra falar, pra conversar é uma boa experiência de já ir treinando (Rayana - informação verbal obtida em entrevista de Junho de 2017).

É possível verificarmos indícios de que a aluna imagina-se conversando com “gringos”, ou seja, com falantes da Língua Inglesa que ela poderá encontrar algum dia. Conforme Kanno e Norton (2003) as comunidades imaginadas podem ser definidas como grupos de pessoas que não estão necessariamente acessíveis de modo imediato, mas de alguma forma podem estar conectados através da imaginação. Dessa forma, entendo que Rayana, de alguma maneira, imagina-se encontrando com falantes da Língua Inglesa, que ela chama de “gringos”. Portanto, a aluna acha a atividade proveitosa como forma de prática para perder o medo de se comunicar com pessoas que falam o idioma.

Tanto no questionário aplicado, quanto na entrevista, a aluna relatou o desejo de morar fora do país:

O país que eu pretendo morar é Portugal. Não é um país que tenha o inglês como língua nativa, mas a gente está falando de um país na União Europeia, onde a cultura é diferente, onde o inglês é uma segunda língua, é uma obrigação, onde as pessoas falam o português de Portugal e o inglês. [...] Então, é uma língua que todo mundo fala lá, principalmente pra área acadêmica que eu pretendo, a princípio, né. Eu quero fazer um Mestrado fora. Então, eu acho que seria muito importante também pra questão do lazer, e principalmente na questão de trabalho. Por que pra você fazer um Mestrado, tem muitos artigos que são em inglês, muitos livros, professores que só falam inglês, que ministram as aulas em inglês, então é importante e eu acho muito necessário, fora a questão de trabalho também, né. A gente não sabe com que vai trabalhar. /.../ Eu sou psicóloga, de repente eu não trabalho como psicóloga, mas se eu precisar trabalhar num hotel, por exemplo: eu preciso saber falar o inglês, se eu for trabalhar num restaurante, eu preciso saber falar. Meu foco não é esse. Meu foco é conseguir algo dentro da psicologia, que também é possível a questão do inglês, que às vezes você trabalha numa empresa que de repente tenha contato com outros países, então assim: é uma língua universal, é a língua que você precisa saber falar, entender, pra conseguir seus objetivos. (Rayana, informação verbal obtida em entrevista em 2017).

Ela ainda acrescenta que imagina-se utilizando a Língua Inglesa para conversar em situações profissionais e de viagem, pois seu objetivo ao estudar uma língua estrangeira é para morar fora para fazer mestrado e conseguir um bom emprego no mercado internacional.

Ao observar que Rayana imagina-se utilizando a proficiência em inglês para conversar com falantes do idioma em situações de viagens e profissionais, é possível notar indícios de que a aluna deseja pertencer à comunidade de falantes de Língua Inglesa, e então pode estar também sendo formada sua identidade imaginada.

Após a análise dos dados gerados pela participante Rayana em relação às suas comunidades imaginadas e identidades que deseja compor, na sequência apresentarei a discussão a respeito dos dados gerados pelo participante Felipe.

Felipe é mais um dos alunos que apresenta indícios de querer pertencer a comunidades de falantes de Língua Inglesa em situações de viagens e profissionais. Felipe relatou que imagina-se utilizando o inglês em viagens internacionais e deseja morar fora do Brasil.

Outro aspecto interessante mostrado no questionário desse aluno, é o fato dele já utilizar o inglês no trabalho para comunicar-se por mensagens de texto. E além disso, ele relata que consegue entender os filmes que assiste com legenda em inglês. Acredito que essa prática de assistir a filmes com legendas em inglês pode estar ajudando o aluno a desenvolver seu repertório de vocabulário no idioma estudado.

Em sala de aula foi observado que Felipe é bastante participativo. Ele voluntaria-se nas atividades, parece ter menos dificuldade, e parece sentir-se mais à vontade para responder. Enquanto outros alunos ficam inseguros, ele sempre responde as questões feitas pela professora

em inglês. Apesar disso, o aluno diz não ter segurança para estabelecer uma conversa fora da sala de aula, pois ainda não sente-se preparado, porque precisa de mais prática da língua para ter mais confiança.

Diante do exposto sobre as práticas da Língua Inglesa de Felipe, faço referência a Norton e Toohey (2011) no sentido das autoras sugerirem que as práticas pedagógicas adotadas pelos alunos podem levá-los a assumir posições de poder tanto dentro quanto fora da sala de aula. Para as autoras, os contextos de práticas da língua-alvo podem limitar as oportunidades dos aprendizes em falar, ouvir, ler e escrever, mas também podem possibilitar melhores formas de interação social (NORTON e TOOHEY, 2011). Assim, acredito que os investimentos assumidos por Felipe têm contribuído para melhorar sua interação com as práticas da Língua Inglesa ao apresentar confiança ao participar das atividades em aula.

Durante as apresentações orais feitas em sala de aula, observo que Felipe apresenta muita naturalidade, além de excelente pronúncia e entonação. Observei que sua desenvoltura nas atividades orais o deixa mais à vontade inclusive para participar dos diálogos. Dessa forma, ele faz um relato sobre uma das atividades em que os alunos tinham que apresentar um diálogo sem ler:

Gostei da experiência, a gente sabe um pouco, mas na hora de falar a gente trava né, então foi bom pra gente conseguir soltar, até no começo a gente praticando a gente fica enrolado, mas depois de treinar umas dez vezes (risos) as coisas vão saindo mais natural, e então é legal a gente treinar assim (Felipe, informação de áudio de junho de 2017).

Ao analisar sua fala a respeito da experiência da atividade, ao dizer: “é legal a gente treinar assim”, entendo que o aluno pode estar disposto a investir em práticas de participação social relacionadas ao aprendizado da Língua Inglesa em diversas situações: em situações de viagem, no dia a dia, e principalmente para o trabalho, tanto que, ao ser perguntado de que forma ele imagina-se utilizando o idioma, ele comenta: **“Mais para fazer coisas do dia a dia, né. Pedir uma comida, pedir informações, do dia a dia. [...] Em situação de viagem. Mas meu inglês que eu quero fazer mesmo é para trabalhar né.”** (Felipe, informação verbal obtida em entrevista, 2018)

Nessa perspectiva, Lave e Wenger (1991) entendem que a “aprendizagem não é apenas um processo cognitivo de aquisição de habilidades e conhecimentos mas sim uma troca de participação em comunidades de prática”³⁴ (LAVE; WENGER, 1991).

³⁴learning is not just a cognitive process of acquiring a set of skills and knowledge but part of changing participation in communities of practice. (LAVE & WENGER, 1991)

Para Lave e Wenger (1998), somos capazes de conectar-nos a grupos sociais através de nossa imaginação, mesmo que não tenhamos contato direto com esses grupos, que seriam as comunidades imaginadas. Nesse sentido, Norton (2001) argumenta que aprendizes de segunda língua têm imagens de comunidades a que eles desejam participar no futuro. Essas comunidades imaginadas influenciam em seu aprendizado, mesmo que os aprendizes não vejam uma ligação direta com essas comunidades imediatamente, mas tenham um desejo de participação no futuro. (KANNO; NORTON, 2003).

Tendo esses conceitos em mente, entendo que, ao investir na aprendizagem da Língua Inglesa, Felipe apresenta indícios de desejar pertencer a comunidade imaginada de falantes da língua, não só em situações de viagens internacionais, mas possivelmente em diversas outras situações que a aquisição da língua poderá proporcionar-lhe, como por exemplo em situações profissionais. Também é possível verificar indícios de que pode estar sendo formada sua identidade de falante de Língua Inglesa em diversas situações.

A noção de comunidade imaginada inicialmente criada por Anderson (1991) e expandida por Wenger (1998), cria significados e possibilita o entendimento de novas identidades (PAVLENKO, 2007). O fato de os alunos serem aprendizes de língua estrangeira, pode estar criando novas identidades que os levam a desejar fazer parte de outras comunidades, de um mundo que está em sua imaginação. Esse desejo de participar de comunidades imaginadas pode estar fazendo com que a identidade de aprendiz se expanda, transcendendo novas identidades: a identidade de turista usuário de Língua Inglesa, a identidade de falante da língua em situações profissionais, ou a identidade de falante do idioma em diversas outras situações. Essas novas identidades vão além do ambiente atual em que os participantes vivem e relacionam-se.

Diante do exposto, ou melhor, da análise e discussão dos dados gerados pelos participantes, na próxima seção faço as considerações finais em relação aos resultados dessa pesquisa com a finalidade de torná-los úteis para outras reflexões e pesquisas, tanto na área de ensino de línguas como em outras áreas de conhecimentos afins.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, essa pesquisa levou em consideração as concepções pós-estruturalistas de identidade no contexto de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, à luz das teorias propostas por Norton (2000). A autora enfatiza o entendimento de que as identidades assumidas pelos aprendizes de idiomas são socialmente construídas na língua e influenciadas pelos discursos ideológicos do meio social, influenciando as ações e interações assumidas por esses aprendizes e sendo por elas também influenciadas (NORTON, 2000, WEEDON, 1997).

A construção subjetiva dos aprendizes é entendida como diversa, contraditória e dinâmica (WEEDON, 1997). Sendo assim, é necessário o entendimento da construção identitária dos alunos levando-se em conta as relações sociais, políticas e culturais, assim como também as relações de poder, gênero e raça, que podem levar um indivíduo a assumir diversas atitudes subjetivas num discurso. Essas atitudes podem influenciar na aquisição de segunda língua (PAVLENKO, 2002).

Conforme apresentado, na visão pós-estruturalista, a língua é entendida como uma prática social, e as identidades são representadas pelos discursos assumidos pelos indivíduos nos contextos sociais. Essas identidades podem sofrer influência das relações de poder enfrentadas pelos indivíduos, gerando conflitos e contradições identitárias (NORTON, 2000). As mudanças identitárias ocorridas ao longo do tempo devido às transformações geradas pela globalização indicam a importância de se considerar a construção identitária dos aprendizes de Língua Inglesa relacionada ao contexto histórico e social em que vivem, além de seus desejos, interesses e atitudes em relação ao aprendizado de línguas.

Pautada nesses conceitos, apresento algumas considerações, parcialmente finais, acerca dos resultados das análises dos dados. Dessa forma, retomo os tópicos das análises e discussões dos dados dos participantes com os respectivos objetivos específicos que orientam cada assunto abordado.

O objetivo desta dissertação foi investigar o processo de construção identitária de aprendizes de Língua Inglesa de uma turma do projeto de extensão (NEL/UEMS) a partir de seus investimentos nas práticas de aprendizagem e uso do idioma. Dessa forma, utilizando os instrumentos de geração de dados dessa pesquisa, investiguei os tipos de investimentos realizados pelos participantes para o aprendizado da língua alvo; verifiquei a relação, ou não, dos investimentos assumidos pelos participantes com suas comunidades imaginadas; e também analisei de que forma as comunidades imaginadas pelos participantes favoreceram, ou não, a

emergência de identidades imaginadas, contribuindo para a construção de suas identidades de aprendizes de Língua Inglesa.

À vista disso, darei início as considerações relativas ao tópico de análises e discussões dos dados nomeado como: A identidade de aprendiz em construção a partir dos investimentos nas práticas da língua alvo. Para tal, pretendo rever o primeiro objetivo específico desta pesquisa: Identificar e compreender os investimentos realizados pelos participantes nas práticas do idioma, e conseqüentemente entender de que forma suas atitudes de investimentos influenciam para a construção da identidade de aprendiz de uma língua estrangeira.

Conforme as teorias apresentadas (NORTON, 2000), o investimento e comprometimento do aluno com o aprendizado da língua estrangeira, provoca o desejo de pertencer a comunidades imaginadas. Segundo Norton (2001), os aprendizes de segunda língua têm imagens de comunidades que eles gostariam de participar no futuro, e essas comunidades imaginadas influenciam e impactam o aprendizado do idioma. Norton (2015) argumenta que as comunidades imaginadas, de que os alunos desejam participar quando eles aprendem um idioma, provocam a formação de uma identidade imaginada pelo aprendiz. Assim ao investir no aprendizado, emerge a identidade imaginada de aprendiz de línguas.

A noção de investimento nos auxilia a compreender o desejo do aprendiz em relacionar-se em comunidades de prática. Ao adotar uma atitude de comprometimento e investimento no aprendizado da língua-alvo, os alunos desejam alcançar seus objetivos. A partir dos investimentos nas práticas de aprendizagem da Língua Inglesa, os alunos vão aprimorando seus conhecimentos, enfrentando dificuldades e construindo suas identidades de aprendizes de línguas.

Assim, os dados analisados mostraram que, além de investirem nas aulas do curso NEL, os participantes também buscam outros investimentos para contato com a Língua Inglesa como por exemplo: pelos meios de comunicação de mídia, por filmes, séries, documentários, vídeos e desenhos animados; pela leitura de materiais complementares disponibilizados em livros ou na internet; por meio de aplicativos; ou pelo contato com amigos que falam o idioma.

Ao examinar os dados relacionados aos investimentos dos participantes com relação ao envolvimento na aprendizagem da Língua Inglesa, entendo que ao investirem no aprendizado da língua alvo, os alunos desejam investir numa identidade que mostra seus múltiplos anseios inseridos em suas histórias de vida e sonhos que desejam conquistar. Dessa forma, ao investirem nesse aprendizado, os alunos estão pleiteando uma nova identidade de aprendiz de Língua Inglesa, que lhes dará possibilidades de adquirirem recursos simbólicos

(cultura, língua, conhecimento, amizade) e também recursos materiais (melhores empregos, viagens, dinheiro).

Tendo em vista que a língua é uma prática social complexa, que atribui valor e significado a quem fala (NORTON; TOOHEY, 2002), ao investirem no estudo da Língua Inglesa, os aprendizes estão também investindo em sua identidade de aprendiz (Norton, 2000). Assim, ao analisar o empenho dos alunos na aprendizagem da língua alvo, entendo que eles estão investindo nessa nova identidade que desejam possuir.

Percebo que essa nova identidade em formação provoca anseios pelo conhecimento da língua, fazendo o aluno se comprometer com o aprendizado a ponto de exercitar sua agência na busca por oportunidades de prática da língua alvo, realizando atitudes de investimento. Todo esse posicionamento com relação ao aprendizado da língua estrangeira, torna-se o que chamo de **engrenagem de investimentos**, pois uma ação leva a outras ações, que favorecem a prática e o conhecimento do idioma a cada dia mais, contribuindo para a formação identitária do aprendiz de línguas.

Pude observar que, apesar dos 6 participantes dessa pesquisa, que são Izaura, Izabel, Judney, Jean, Felipe e Rayana, serem interessados no aprendizado da Língua Inglesa, a intensidade de seus investimentos e práticas é muito variada. Há indícios de tentativa de investimentos pelos alunos, mas observo que alguns deles não têm uma frequência ou dedicação intensa fora da sala de aula. Como por exemplo quando pergunto se eles fizeram as atividades, alguns afirmam que não tiveram tempo.

Neste sentido, alguns alunos reconhecem que dedicam menos tempo do que deveriam ao aprendizado da língua-alvo, porém, ainda que tenham poucos investimentos nas práticas do idioma, entendo que os participantes estão construindo suas identidades de aprendizes de Língua Inglesa ao assumirem a postura de aprendizes, mesmo que seja em alguns momentos específicos, ou seja: quando escolhem o filme legendado, ao invés do filme dublado, ou quando procuram uma palavra nova que viram em determinada situação de contato com o idioma, ou mesmo quando procuram assistir a programas em inglês, ainda que tenham a opção em português.

A possibilidade do aprendiz de Língua Inglesa no Brasil sentir dificuldade de praticar a língua-alvo fora do ambiente de sala de aula pode levá-lo, conseqüentemente, a utilizar a sala de aula como principal espaço para exposição da língua-alvo (BLOCK, 2007, apud SILVA, 2014). Nesse sentido, observo que os participantes desta pesquisa são conscientes de que o tempo disponibilizado em sala de aula não pode ser considerado suficiente para exercício do

idioma. Desta forma, os alunos procuram investir em outras práticas de contato com o idioma fora da sala de aula para superar as ausências de uma comunidade de prática discursiva.

Entendo que os investimentos de alguns dos participantes dessa pesquisa não sejam considerados muito intensos. Porém, o fato de os alunos estarem conscientes da necessidade de assumirem mais práticas da Língua Inglesa, contribui para o posicionamento dos aprendizes como sujeitos atuantes em determinados contextos sociais. Assim sendo, os alunos estão construindo suas identidades de aprendizes ao assumirem atitudes de busca dessas práticas de uso da língua estrangeira.

Retomando a ideia de que a identidade é (re)construída na língua e nas práticas sociais (NORTON, 2013), acredito que, ao investirem no aprendizado do idioma em busca por ambientes de prática da língua alvo, os alunos estão também negociando a construção da nova identidade de aprendiz a partir das lutas enfrentadas nos ambientes sociais. As lutas sugeridas por Norton (2000) para a construção da identidade de aprendiz podem ser representadas nesse contexto pelas dificuldades de aprendizado, pela falta de tempo para se dedicarem ao estudo, assim como as angústias, inseguranças e dúvidas enfrentadas pelos participantes da pesquisa durante a geração dos dados. Suas angústias podem, por vezes, gerar mudança de atitude no sentido de aprimorar o conhecimento do idioma, indicando assim, uma identidade que está em constante transformação.

Ao refletir sobre a construção identitária do aprendiz de línguas, devemos levar em consideração o fato de o aluno estar inserido em um contexto social específico e fazer parte de estruturas sociais mais amplas, considerando o aprendiz como um indivíduo que vem para sala de aula munido de uma gama de conhecimentos prévios que podem ajudá-lo a compreender a língua e a cultura a qual deseja adquirir capacidade para aumentar seu capital cultural. Assim, Norton (2000) avalia a importância de não apenas aprender as regras gramaticais de uso da língua alvo, mas também o uso apropriado das estruturas linguísticas relacionadas ao ambiente e as relações de poder entre os interlocutores para se estabelecer uma comunicação apropriada.

Tendo em vista o apresentado, infiro que no ambiente de aprendizagem e prática do idioma, os alunos vão se posicionando como sujeitos em um processo de reconstrução de suas identidades ao se tornarem aprendizes de línguas. Levando em consideração que a língua influencia na construção de nossas identidades, e também delinea nossas atitudes nos ambientes sociais (WEEDON, 1997), o aprendiz de língua estrangeira reconstrói sua identidade, e sua história, a partir das negociações de novas posições subjetivas envolvendo o idioma estudado.

Haja vista as impressões relativas aos investimentos assumidos pelos participantes no

estudo da Língua Inglesa, e a conseqüente possibilidade da formação identitária do aprendiz, na seqüência, farei as considerações no que diz respeito a relação, ou não, de seus investimentos com suas comunidades imaginadas, e se estas favoreceram, ou não, a emergência de identidades imaginadas, revendo assim, o segundo e o terceiro objetivos específicos desta pesquisa.

Ao refletir a respeito das comunidades imaginadas dos participantes dessa pesquisa, levei em conta os conceitos de Norton (2013), quando ela sugere que devemos prestar atenção nas comunidades imaginadas dos aprendizes, pois, para a autora, o investimento na língua alvo vai depender da relação que os estudantes têm com suas comunidades imaginadas.

Ao analisar os investimentos dos participantes, me questionei se estes estavam relacionados com as suas comunidades imaginadas, e assim pude observar que dos seis participantes, dois apresentaram investimentos relacionados às suas comunidades imaginadas, que foram os alunos Judiney e a Izaura. Ambos expressaram desejos de participarem de comunidades imaginadas relacionadas a viagens internacionais. O Aluno Judiney disse ter baixado um arquivo de frase úteis para viagens, e Izaura disse que assiste a vídeos para saber se comunicar com frases básicas no aeroporto, ou em um restaurante.

Assim observei que há indícios de que os investimentos de Izaura e Judiney estão relacionados com suas comunidades imaginadas, e dessa forma também é provável que estes alunos estejam também formando a identidade imaginada de viajante falante da Língua Inglesa ao desejarem participar de situações de viagem que lhes possibilitem a utilização do idioma para se comunicarem, mesmo que seja de forma básica. Nesse sentido, então, os aprendizes investem em formas de lhes capacitarem para terem sucesso em seus objetivos de viagem.

Por outro lado, também é possível que os investimentos de Jean, Izabel, Felipe e Rayana estejam relacionados às suas comunidades imaginadas. Embora seus investimentos não demonstrem uma relação direta com seus desejos ao aprenderem a Língua Inglesa, suas ações para as práticas de estudo e uso do idioma demonstram que eles estão envolvidos e comprometidos com a aprendizagem.

Jean, Izabel, Felipe e Rayana expressaram anseios de possuírem habilidades linguísticas em inglês para alcançarem melhores oportunidades de trabalho e ascensão nos estudos acadêmicos. Dessa forma, esses alunos estão de alguma forma investidos na aprendizagem do idioma. Nesse sentido, eles apresentam indícios de desejarem pertencer a comunidades imaginadas em seus ambientes profissionais e acadêmicos. Assim, uma nova identidade imaginada pode estar sendo formada: a Identidade imaginada de profissional habilitado em Língua Inglesa.

Nesse sentido, faço algumas observações sobre cada um desses alunos: Izabel faz leituras e assiste a vídeos em inglês relacionados a assuntos de sua graduação com intuito de no futuro ser capaz de ingressar no Mestrado acadêmico; Jean investe em várias formas de contato com o inglês para aumentar seu conhecimento do idioma, ser capaz de realizar um intercâmbio, e sentir-se seguro para assistir e apresentar palestras relacionadas a sua profissão; Felipe tem muito contato com a Língua Inglesa em seu trabalho, e dessa forma investe no aprendizado relacionado à sua profissão, aumentando seu vocabulário e sua confiança em estabelecer contatos com falantes do idioma em seu trabalho; Rayana seria aluna que apresenta menos investimentos relacionados às suas comunidades imaginadas, porém seu contato com o idioma também pode estar provocando nela maior confiança para utilizar a língua-alvo e alcançar seus objetivos.

Considerando-se as observações feitas, entendo que os investimentos de Rayana, Izabel, Jean e Felipe não apresentam uma ligação direta com suas comunidades imaginadas, porém de alguma forma, seus investimentos estão lhes auxiliando no aprendizado de uma língua estrangeira para alcançarem seus objetivos de utilizarem esse conhecimento, e serem bem sucedidos profissionalmente. Sendo assim, seus investimentos podem estar influenciando na formação de suas identidades imaginadas de pessoas capacitadas para utilizarem a Língua Inglesa em situações relacionadas às suas profissões.

O mercado de trabalho global tem exigido cada vez mais dos profissionais a proficiência na Língua Inglesa, e isso tem forçado as pessoas a buscarem o conhecimento da língua estrangeira para melhor capacitação, e assim estarem prontos quando o mercado de trabalho exigir. Sendo assim, o aluno consciente dessa necessidade, investe no aprendizado e assim, investe na sua própria identidade de aprendiz.

Entendo que esse investimento está conectado ao desejo do aluno em atingir determinados objetivos, que o leva a ter também o desejo de interagir em comunidades imaginadas, gerando assim identidades imaginadas. Pois segundo Norton, “essas comunidades imaginadas não são menos reais do que as comunidades nas quais os aprendizes têm engajamento diário e podem ter um grande impacto em seus investimentos e ações”³⁵ (NORTON, 2013, p. 8 – tradução minha)

Pelo apresentado a respeito dos investimentos assumidos pelos aprendizes, foi possível verificar que os participantes desta pesquisa possuem comunidades imaginadas e, por conseguinte, estão construindo e negociando suas identidades imaginadas. Cada participante

³⁵ These imagined communities are no less real than the ones in which learners have daily engagement and might even have a stronger impact on their current actions and investment (NORTON, 2013, p.8).

possui uma intensidade diferente de investimento, assim como também vislumbra atingir determinados objetivos que lhes permite aumentar seu capital cultural e conseqüentemente seus bens materiais e simbólicos. Assim entendo que a persistência em seus investimentos em atingir determinados objetivos possibilitou o surgimento de comunidades imaginadas e identidades imaginadas pelos participantes desta pesquisa.

Sendo as identidades construídas na língua e pela língua, ao se apropriarem de conhecimentos linguísticos da nova língua, o aprendiz vai redefinindo sua identidade e provocando o início da formação de uma nova identidade linguística. Neste sentido, vejo a relevância dos cursos e programas de aprendizado de língua estrangeira estarem relacionados também com os objetivos dos alunos para que eles se interessem e invistam mais nesse estudo.

Dessa forma, reflito também a respeito da relevância do papel do Núcleo de Ensino de línguas para a construção da identidade de aprendiz dos alunos pesquisados. Entendo que a partir da escolha pelo curso, os alunos já estavam começando a construir suas identidades de aprendizes ao optarem por um curso que não visa fins lucrativos e preza pela excelência e qualidade no ensino de idiomas.

Em suma, entendo que a identidade de aprendiz de língua emerge por meio dos investimentos realizados nas práticas do idioma. Esta identidade de aprendiz desenvolve sua imaginação, e conseqüentemente aumenta o panorama de oportunidades e anseios com relação ao aprendizado da língua estrangeira. Assim, ao investirem na língua alvo, os aprendizes desejam investir na própria identidade, favorecendo o surgimento de identidades imaginadas que os alunos anseiam assumir.

A partir do exposto, espero contribuir para que outros estudos possam surgir como inspiração do que foi apresentado. Não foi minha intenção apresentar respostas prontas, pois uma vez que nossas identidades são múltiplas e complexas, minhas considerações poderão divergir com as análises de outros pesquisadores. Espero que este trabalho possa despertar o interesse das pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem de línguas e que estejam conscientes da importância da formação identitária dos aprendizes. E por fim, que este trabalho também inspire outros pesquisadores a utilizarem o ambiente do Núcleo de Ensino de Línguas como laboratório para pesquisas relacionadas ao ensino e aprendizagem de idiomas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, M. D. **Das realidades aos imaginários dos estudantes do programa nacional de inclusão de jovens - projovem urbano - na construção das suas identidades**. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada. Campo Grande, MS. 2017.

ANDERSON, Rick. Being a mathematics learner: four faces of identity. **The mathematics educator**, vol. 17, n. 1, 2006, p. 7-14.

ASSIS, R. E. de. **Identidade, investimento e comunidade imaginada: o aprendiz pela estrada de tijolos amarelos**. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada, Brasília,DF, 2013.

ASSIS-PETERSON, A. A. & COX, M. I. P. **Inglês em tempo de globalização: para além de bem e mal**. *Caleidoscópio*, 5 (1), 5-14, 2007.

BARCELOS, A.M.F . Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: estado da arte. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v.1, n.1, p.71-92, 2001.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas. **Linguagem & Ensino**, v.7, n.1, p.123-156, 2004a. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/G_Ana_Maria_Ba rcelos2.pdf>. Acesso em 10 fev.2018

_____. Researching beliefs about SLA: a critical review. **Dordrecht Springer**, p. 7-33, 2003. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4020-4751-0_1>. Acesso em 10 fev 2018.

_____.; KALAJA, P. Introduction to Beliefs about SLA revisited. In: **System**, vol. 39, n. 3, p. 281-289, 2011. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0346251X1100087X>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998.

_____. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.,2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, Ed. 2005.

BLOCK, David. **Second language identities**. London: Continuum International Publishing Group, 2007.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. Características da investigação qualitativa. In: **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Porto Editora, 1994. p.47- 51

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. **Language and symbolic power**. Edited and introduced by John B. Thompson. Translated by Gino Raymond and Matthew Adamson. Harvard University Press Cambridge, Massachusetts, 1995.

CANAGARAJAH, A. S. Lingua franca English, multilingual communities, and language acquisition. **The modern language journal**, v. 91, p. 923 – 939, 2007.

CHAVES, Aline Saddi; RAMOS, Paulo de Almeida. **Núcleo de ensino de línguas: Compromisso com a demanda social e formação de professores e pesquisadores**. 2017. Disponível em: <<https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1647>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CHIDI, Sylvia. **Identity Of A Person**. Disponível em: <<https://www.poemhunter.com/poems/identity/page-1/3403841/>>. Acesso em 05 de setembro de 2017.

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Cambridge University Press, UK. Second Edition 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London, Sage Publication, 1994. P.643.

DERRIDA, Jacques. **Différance**. Disponível em: <<http://projectlamar.com/media/Derrida-Differance.pdf>>. Acesso em: 05 ago 2017.

_____. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Margens da filosofia**. Campinas. SP: Papyrus, 1991.

DUFF, P. Qualitative approaches to second language classroom research. In: CUMMINS, J.; DAVISON, C. (Eds.) **Handbook of English language teaching**. Philadelphia,: Kluwer, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.1992.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

GARDNER, Robert C.; LAMBERT, Wallace E. **Attitudes and motivation in second language learning**. Rowley, Mass.: Newbury, 1972.

_____. **Social psychology and second language learning**. The role of attitudes and motivation. London: Edward Arnold. (1985).

_____. The socio-educational model of second-language learning: Assumptions, findings, and issues. **Language Learning**, v.38, n.1, p.101-126, 1988.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2009.

GIDDENS, A. **The consequences of modernity**. Cambridge, Polity, 1990.

GONZÁLEZ, REY, F. **Pesquisa Qualitativa e subjetividade**: os processos desconstrução de informação, (trad. Marcel Aristides Ferrada Silva), São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2. 1997. p. 15-46.

HELLER, M. The role of language in the formation of ethnic identity. In J. Phinney & M. Rotheram (Eds.), **Children's ethnic socialization** (pp. 180-200). Newbury Park, CA: Sage. 1987.

_____. & Barker, G. Conversational strategies and contexts for talk: Learning activities for Franco-Ontarian minority schools. **Anthropology and Education Quarterly**, 19, 20-46. 1988.

KANNO, Y., & Norton, B. Imagined communities and educational possibilities: Introduction. **Journal of Language, Identity, and Education**, 2(4), 241-249, 2003.

LACAN, J. **Écrits**: A Selection. New York: Norton, 1977.

LAVE, J. , & Wenger, E. (1991). **Situated learning**. Legitimate peripheral participation. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1991.

LEFFA, Vilson J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F. G.; KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMAO, A. C. B.. (Orgs.). **A Formação de Professores de Línguas - Novos Olhares**. Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2012, p. 51-81.

_____. Teaching English as a multinational language. In: **The Linguistic Association of Korea Journal**, Seul, v. 10, n. 1, 2002, p. 29-53.

_____. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. In: KARWOSKI, Acir Mário; BONI, Valéria de Fátima Carvalho Vaz (Orgs.). **Tendências contemporâneas no ensino de inglês**. União da Vitória, PR: Kaygangue, 2006, p. 10-25.

_____; BOTELHO, G. Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual. In: Diógenes Cândido de Lima. (Org.). **Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa**. São Paulo: Parábola Editora, 2009, p. 113- 123.

_____. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F. G.; KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMAO, A. C. B.. (Orgs.). **A Formação de Professores de Línguas-Novos Olhares-Vol. 2**. São Paulo: Pontes, 2012, p. 51-81.

LONGARAY, Elisabete, A. **Globalização, anti-imperialismo e o ensino de inglês na era pós-moderna**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

_____. **Identidades em construção na sala de aula de língua estrangeira**. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MACHADO, A. S, OLIVEIRA, H. F; MASTRELLA, M. **A identidade do aprendiz de línguas autodidata em debate**. Cenários, 98 -117.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MASTRELLA, Mariana R. **Inglês como língua estrangeira: entre o desejo do domínio e a luta contra a exclusão**. 2007. 321 p. Tese (Faculdade de Letras). Universidade Federal de Goiás (Goiânia), 2007.

_____. Construindo a relação com a língua estrangeira: Desejos e exclusões. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU. 2009 Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/gt_lg20_artigo_3.pdf>. Acesso em 02/02/2018

_____; NORTON, B. Querer é poder? Motivação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira. In: MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R.. (Org.). **Afetividade e emoções no ensino/aprendizagem de línguas: Múltiplos olhares**. Campinas: Pontes Editores, 2011, v. 18, p. 89-114.

_____. **Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Práticas de construção de identidades**. Campinas: Pontes Editores, 2013.

_____. Pensando identidades em contextos de ensino aprendizagem de línguas: uma discussão teórica introdutória. In: FIGUEREDO, C. J.; MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. **Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Práticas de construção de identidades**. Campinas: Pontes Editora, 2013.

MCKAY, S. L.; WONG, S. C. (1996). **Multiple discourses, multiple identities**: Investment and agency in second language learning among Chinese adolescent immigrant students. *Harvard Educational Review*, 3, 577–608.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo, 1996. 269p.

_____.(Org.) et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOITA LOPES, Luiz P. da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP :Mercado de Letras, 2002. - (Coleção Letramento, Educação e Sociedade).

_____. **Pesquisa interpretativa em linguística aplicada**: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, 10-2, 1994. P.329-338.

_____. Socioconstrucionismo: Discurso e Identidade Sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de Gênero, Sexualidade, Raça, Idade e Profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

MORGAN, Brian. (2007). Poststructuralism and applied linguistics: Complementary approaches to identity and culture in ELT. In: J. Cummins & C. Davison (Eds.), **International handbook of English language teaching** (Vol. 2) (pp. 949-968). Norwell, MA: Springer Publishers.

NORTON, Bonny. Language, Identity and the ownership of English. **TESOL Quarterly**, vol.31, n.3, 1997, p.409-429.

_____. **Identity and language learning**: gender, ethnicity and educational change. Pearson: 2000.

_____. **Identity and Language Learning**: Extending the conversation. 2nd edition. Multilingual matters: 2013.

_____; & TOOHEY, K. **Identity, language learning, and social change**. *Language Teaching*. 2011. p. 412-446.

_____. **Identity and Language Learning**: Extending the conversation. 2nd edition. Multilingual matters: 2013.

NUNAN, David. **Research methods in language learning**. United States: Cambridge University Press, 1992.

PAIVA, V. L. M. Como o sujeito vê a aquisição de segunda língua. In: CORTINA, A.; NASSER. S. M. G. C. **Sujeito e Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PASCHOAL, Luciane C. **Questões de identidade no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira**. Disponível em:

<<http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/AlineConchalGabrielaRBotelhoVanessaCMantovani.pdf>>. Acesso em 20 de julho de 2017.

PAULINO, A. C. M. **Quem sou eu e quanto posso aprender?** Identidade e investimento de alunos do curso de inglês básico do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2016.

PAVLENKO, Aneta. "I never knew I was a bilingual": Reimagining teacher identities in TESOL. In Y. Kanno & B. Norton (Eds.), **Imagined communities and educational possibilities** [Special issue]. *Journal of Language, Identity, and Education*, 2(4), 251-268. 2003.

PAVLENKO, A.; BLACKLEDGE, A. Introduction: new theoretical approaches to the study of negotiation of identities in multilingual contexts. In _____. **Negotiation of identities in multilingual contexts**. Clevedon (Reino Unido): Multilingual Matters Ltd., 2004, p. 1-34.

_____. Poststructuralist Approaches to the study of social factors in Second Language Learning and Use. In: COOK, Vivian. **Portraits of the L2 user**. Multilingual Matters: 2002. Disponível em:

<http://astro.temple.edu/~apavlenk/pdf/Poststructuralist_approaches_2002.pdf> Acesso em 20 de julho de 2017.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença** - uma introdução, tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000 Disponível em:

<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/PETERS_Estruturalismo-p%C3%B3s-estruturalismo-e-filosofia-da-diferen%C3%A7a.pdf> Acesso em 11/02/2018.

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. Fundamentos de pesquisa em enfermagem. 3. ed., porto Alegre, Artes Médicas, 1995. 391p. **Revista espaço acadêmico** n. 128 – Janeiro de 2012.

PRADO, T. M. **Identidades e investimentos digitais de alunos do curso de letras**. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada. Campo Grande, MS, 2017.

RABELO, J. A. A. **Investimento de uma aluna surda no contato com língua inglesa: identidades que emergem**. Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada. Campo Grande, MS. 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. O conceito de Identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e Identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Lingua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998, p. 213-230.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RILEY, P. **Learners' representations of language and language learning**. Mélanges Pédagogiques C.R.A.P.E.L., v.2, p.65-72, 1989.

_____. Aspects of learner discourse: Why listening to learners is so important. In: ESCH, E. (Org.). **Self-access and the adult language learner**. London: Centre for information on language teaching, 1994. p.7-18.

SADE, L.A. Complexity and identity reconstruction in second language acquisition. Essen: AILA, 2008. **Symposium paper presented at AILA 2008 – 15th World Congress of Applied Linguistics**, Essen/Germany.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística Geral. In: MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SILVA, J. F. S. Investimentos e Comunidades Imaginadas na Construção Identitária de uma Futura Professora de Inglês. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 8, n. 10, 2014.

_____. **The Construction Of English Teacher Identity In Brazil: A Study In Mato Grosso Do Sul**. 2013. 160 f. Tese de Doutorado (em Inglês). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2013.

SILVA, Tomaz T; HALL, Stuart; Woodward, KATHYN. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STRAUSS, Anselm L.; CORBIN, Juliet M. **Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory**. Sage Publications, Inc. 1998.

SOUZA, E.M.; SOUZA, S.P.; SILVA, A.R.L. O pós-estruturalismo e os ECG: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. In: Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração. 35. 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

TRINCHES, Cinara Fontana. O conhecimento do outro através da língua estrangeira: Redefinições de identidade. Londrina, **Revista Entretextos**, jan/dez 2007

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UEMS. **RESOLUÇÃO CEPE-UEMS Nº 1645**. 24 de Maio de 2016. Disponível em: <http://www.uems.br/assets/uploads/ailen/arquivos/2016-06-22_11-31-35.pdf> Acesso em 07 de março de 2018.

WEEDON, Chris. **Feminist practice and poststructuralist theory**. Oxford: Blackwell, 2nd ed, 1997.

WENDEN, A. Helping language learners think about learning. **ELT Journal**, v.40, n.1, p. 3-12, 1986.

WENGER, E. **Communities of practice and social learning systems**. Organization, London: Sage, v. 7, n. 2, p. 225-46. 2000.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. São Paulo: Vozes, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferenças: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Carta convite

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, _____, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original () fictício () Qual? _____

Assinatura do participante

APÊNDICE B – Cartas convite assinadas pelos alunos.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
 UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rodrigues
 Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
 Mestranda – UEMS/CG

Eu, FELIPE GOULART DO NASCIMENTO, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original fictício Qual? _____

[Handwritten Signature]

 Assinatura do participante

·UEMS·

Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, Isabel dos Santos Dias, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original (X) fictício () Qual? _____

Isabel dos Santos Dias
Assinatura do participante



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

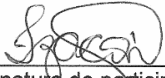
Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, Saura Almerinda da Silva Lima autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original fictício () Qual? _____



Assinatura do participante



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

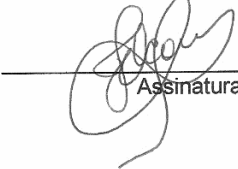
Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, Leon Bruno Santos Acampes, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original fictício () Qual? _____


Assinatura do participante

·UEMS·

Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rodrigues
Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, *Fediney Alves de Oliveira*, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original (x) fictício () Qual? _____

[Assinatura]
Assinatura do participante



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM: LÍNGUA E LITERATURA
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CARTA DE ACEITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estimado (a) aluno(a)

Gostaria de convidá-lo (a) a participar da minha pesquisa, ainda sem título definido, como parte do curso de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, sob orientação do Prof. Dr. João Fábio Sanches Silva.

A coleta de dados inclui gravações de áudio e vídeo, questionários abertos e entrevistas individuais (marcadas oportunamente), todos aplicados em Língua Portuguesa.

Gostaria, para tanto, de requerer a sua permissão para estudar e analisar os dados de tais atividades.

Todo o material escrito e gravado, poderá ser utilizado para análise de acordo com os objetivos deste estudo, não sendo transmitidos a terceiros. Sendo assim, favor indicar a preferência pelo uso do nome real, ou fictício que será utilizado para análise de dados e transcrição na dissertação desta pesquisa.

Agradeço muito a sua atenção e participação.

Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues
Mestranda – UEMS/CG

Eu, Rayana Melim Torres, autorizo a utilização das informações por mim fornecidas nos instrumentos de coleta de dados propostos para fins de pesquisa da mestranda Kelly Rosane de Lima Silva Rodrigues, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade Universitária de Campo Grande.

Prefiro o nome: original (X) fictício () Qual? _____

Rayana Melim Torres

Assinatura do participante

APÊNDICE C – Questionários

Nome: Felipe Goulart do Nascimento

Idade: **27 anos**

Profissão: **Desenvolvedor de sistema**

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

Resposta: Eu trabalho com desenvolvimento de software e meu trabalho exige leitura em inglês. Os cursos que eu faço para meu trabalho, as fontes confiáveis são em inglês. Todos os filmes que assisto dou preferência para inglês.

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) Insuficiente.

(B) **Razoável.**

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

Razoável. Poderia me dedicar mais durante o fim de semana.

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

Para viajar

Para complementar meus estudos

para conversar com falantes de Língua Inglesa

para realizar um sonho. Qual? **Realizar o sonho de viajar para fora do país.**

Outros. Explique:

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

Muito importante, pois meu trabalho exige saber inglês.

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique: **Viajando.**

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

Eu já precisai falar com um suporte de um sistema, foi difícil e como era pelo computador, tive ajuda do google tradutor.

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Sim. Quando entrei no curso já sabia um pouco de inglês mas não sabia fazer uso correto dos tempos verbais e toda parte gramatical.

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

Acredito que o contato com a língua é fundamental no dia a dia.

Muito obrigada por sua participação!

Nome: Izabel dos Santos Dias

Idade: **46 anos**

Profissão: **Auxiliar de vendas.**

Atividade: Acadêmica de geografia.

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua.

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro.

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

R: **No livro didático**

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) **Insuficiente.**

(B) Razoável.

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

R: Porque não tenho muito tempo para me dedicar a aprendizagem da linguagem, por que curso a graduação no momento e lá tenho outras disciplinas para me dedicar, então, quando me dedico a uma fico em falha com a outra.

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

() Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

() Para viajar

(x) Para complementar meus estudos

() para conversar com falantes de Língua Inglesa

() para realizar um sonho. Qual?

() Outros. Explícite:

Às vezes têm textos nas minhas disciplinas que trazem termos no idioma English, então, para que eu possa entender melhor eles, eu quis fazer aulas de idioma na tentativa de ter melhor compreensão dos textos e dos autores.

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

No momento a importância tem sido pequena, só a nível de melhor compreensão. Para a aprendizagem do inglês técnico devido a um curso que utiliza muito inglês técnico na execução da disciplina.

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique: **Acredito que no reconhecimento de textos ou se tiver contato com pessoas de Língua Inglesa.**

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

Sim, com colegas que fazem aulas de inglês, para prestar concurso. Eu entendi algumas palavras, é estranho por que essas pessoas já têm um conhecimento muito maior da língua.

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Ainda não consigo entender muito, mas por culpa própria, por não me dedicar.

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

Só necessitaria de mais tempo para treinamento, não mais vezes de dedicação.

Nome: Izaura Almerinda da Silva Coimbra

Idade: **47 anos**

Profissão: **Professora**

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

R: Realizo geralmente em casa, em um momento reservado para o estudo, geralmente duas vezes por semana; o aplicativo uso diariamente.

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) Insuficiente.

(B) **Razoável.**

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

R: preciso dedicar mais tempo, porém os afazeres de trabalho ocupam muito tempo.

Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

Para viajar

Para complementar meus estudos

para conversar com falantes de Língua Inglesa

para realizar um sonho. Qual?

Outros. Explícite:

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

R: Grande influência, pois meu maior objetivo é fazer mestrado e para tanto preciso do inglês; a viagem é outro objetivo, em que o aprendizado da Língua Inglesa é indispensável.

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique:

R: Em viagens, principalmente para os EUA; em conversas com colegas, seja no trabalho, na escola ou em outros locais que eu possa encontrar pessoas que utilizam a Língua Inglesa.

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

R: Já, mas não consegui entender muita coisa, por isso estou fazendo o curso.

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

R: Sim, os significados das palavras, as pronúncias; porém a evolução depende da dedicação, e as vezes não nos dedicamos como deve!

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

R: Metodologia e didática compatível com o curso e com o nível dos alunos; professora dedicada, atenciosa e preocupada com o aprendizado de seus alunos. O que é preciso mesmo é a dedicação e mais estudos por parte dos alunos(me incluindo aqui).

Muito obrigada por sua participação!

Nome: Jean Bruno Santos Ocampos

Idade: **23 anos**

Profissão: **Publicitário**

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

R: Realizo em minha casa e no meu trabalho. Tenho mais contato com a língua através de filmes e séries, seguido pelas músicas também. Além disso, pratico exercícios e outras atividades no curso oferecido pela universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) Insuficiente.

(B) Razoável.

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

R: Considero-me ainda muito indisciplinado. Acredito que devo aumentar minha dedicação aos estudos do novo idioma, de modo que eu consiga obter o desempenho mais satisfatório quanto ao domínio e uso da língua.

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

Para viajar

Para complementar meus estudos

para conversar com falantes de Língua Inglesa

para realizar um sonho. Qual?

Outros. Explícite:

R: Sempre fui um amante da Língua Inglesa e vejo este idioma como universal. Por esta razão, assinalei todas as opções, justamente por acreditar que a fluência me proporcionará oportunidades profissionais, maior satisfação nas viagens e a realização do meu sonho de dominar o idioma.

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

R: Como sou formado em comunicação, o aprendizado da língua me abrirá portas. Acredito, por inspiração em amigos e outros profissionais, que a bagagem proporcionada pelo inglês me abrirá um leque de possibilidades.

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique:

R: Em meu trabalho ao realizar contato com empresas internacionais; Em viagens internacionais; Com estrangeiros; Continuidade da carreira acadêmica, como mestrado e doutorado.

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

R: Tive oportunidades em brincadeiras com amigos em que todos conversavam em inglês. Fiquei um pouco apreensivo, mas por estar entre amigos, foi divertido e consegui praticar sem grandes dificuldades.

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

R: Até 2015 eu não falava absolutamente nada em inglês, foi assim que decidi, após o término da faculdade, que iria me dedicar ao aprendizado da língua. Hoje em dia percebo que evolui bastante, pois consigo compreender muito melhor conversações e ler com mais facilidade. Além disso, meus amigos destacaram que aprendi e estou indo bem.

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

R: Acredito que disciplina e dedicação ao aprendizado são primordiais. Portanto, se limitar ao curso e poucas atividades será muito pouco para estabelecer uma relação real de aprendizagem. Vivenciar o idioma no dia a dia é questão de ordem para obter êxito e conseguir atingir o objetivo final que é a fluência da língua.

Muito obrigada por sua participação!

Nome: Judiney Alves de Oliveira

Idade: **44 anos**

Profissão: **Policia Rodoviário Federal**

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

R: **Geralmente em casa, nos horários de folga.**

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) Insuficiente.

(B) Razoável.

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

R: **Em razão do pouco tempo disponível sinto que tenho estudado menos que deveria.**

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

() Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

(X) Para viajar

() Para complementar meus estudos

(X) para conversar com falantes de Língua Inglesa

() para realizar um sonho. Qual?

() Outros. Explícite:

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

R: **Na verdade eu não vejo grande influência, uma vez que estudo mais por curiosidade e pelo interesse de no futuro realizar viagens internacionais.**

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique:

R: **Em viagens internacionais e, eventualmente, em grandes eventos que o Brasil possa a vir sediar no futuro.**

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

R: **Ainda não.**

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

R: **Sim, uma pequena evolução, uma vez que ainda estou no 2º semestre, e não tinha quase nenhum conhecimento prévio.**

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

R: **Não.**

Muito obrigada por sua participação!

Nome: Rayana Melim Torres

Idade: **28 anos**

Profissão: **Psicóloga**

1) Quais atividades você pratica para ter mais contato com a Língua Inglesa:

ouço músicas em inglês

leio em inglês

converso com falantes da Língua Inglesa

Assisto filmes

Ouço áudios das lições

utilizo aplicativos para aprendizagem da língua

participo de grupos que utilizam Língua Inglesa para comunicação

faço exercícios propostos pelo livro

faço exercícios extras em livros ou sites.

assisto vídeos em inglês.

outros. Qual? _____

Independente de sua resposta, explique **como** e **onde** realiza essas atividades.

R: **Realizo as atividades marcadas após o trabalho e nos finais de semana.**

2) Como você avalia a sua dedicação aos estudos na Língua Inglesa? **Justifique sua resposta.**

(A) Insuficiente.

(B) Razoável.

(C) Satisfatória.

(D) Outros. Explique.

R: **Razoável, poderia me dedicar mais e prestar mais atenção quando estou em contato com a língua.**

3) Por que você se interessou pelo aprendizado da Língua Inglesa? Complemente sua resposta quando necessário.

(X) Para conseguir melhor oportunidade de emprego/ qualificação profissional

(X) Para viajar

(X) Para complementar meus estudos

() para conversar com falantes de Língua Inglesa

(X) para realizar um sonho. Qual?

() Outros. Explícite:

R: **Sonho em morar fora do país, e mesmo que o país que eu vá, a Língua Inglesa não seja dominante, é necessário saber.**

4) Qual a influência do aprendizado da Língua Inglesa para a realização de seus objetivos de vida?

R: **O aprendizado da Língua Inglesa é essencial, uma vez que hoje eu necessito do idioma para morar fora e conseguir um bom emprego no mercado internacional.**

5) Como e onde você se imagina utilizando a Língua Inglesa? Em quais situações? Explique:

R: **Viajando para diversos países e em situações profissionais.**

6) Você já teve oportunidade de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula? Descreva como foi a experiência de estudo ou uso da Língua Inglesa.

R: **Tive poucas oportunidades de praticar a Língua Inglesa fora da sala de aula, mas na época fazia um outro curso do idioma, então foi mais fácil.**

7) Você consegue perceber alguma evolução do seu aprendizado da Língua Inglesa? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

R: **Não consigo perceber minha evolução, pois me dedico pouco.**

8) Você tem algum outro comentário a acrescentar no que se refere ao aprendizado da Língua Inglesa?

(Sem resposta).

Muito obrigada por sua participação!

APÊNDICE D – Entrevistas

Convenções de transcrição das entrevistas

As seguintes convenções de transcrição de entrevistas foram adaptadas de Marchuschi (1986):

[[Falas simultâneas
[Sobreposição de vozes
(+)	Pausas e silêncios
()	Dúvidas
/	Truncamentos
MAIÚSCULA	Ênfase
[]	Comentários
?	Entonação de pergunta
!	Entonação de exclamação
[...]	Corte na fala
F	Felipe
J	Judiney
I	Izaura
IZ	Izabel
R	Rayana
J	Jean
K	Kelly

Entrevista com Felipe

K = Kelly (Pesquisadora)

F= Felipe

K: Eu gostaria que você descrevesse a sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa. Como você se vê como aprendiz de Língua Inglesa?

F: Meu aprendizado na verdade começou nos jogos. Sempre gostei de jogar bastante. Na escola eu não prestava muito atenção nas aulas. Depois eu fui saindo da zona de conforto e comecei a assistir filme legendado eu fui querendo cada vez mais entender o inglês e minha profissão veio junto com isso e acabei aprendendo e estudando junto.

K: Você tinha feito algum outro curso antes de estudar no NEL?

F: Não. Primeiro curso.

K: O que você achou?

F: Eu achei bem legal, por que eu não sabia inglês mas sabia ler e entender as coisas por que você vai juntando tudo né. Mas a parte correta de utilizar as palavras, a gramática, essas coisas eu não sabia, então o curso foi muito bom para eu ter essa noção das coisas, que eu não tinha. Hoje eu entendo muito mais as coisas.

K: Você conseguiria descrever com uma palavra, um adjetivo ou uma frase a sua identidade de aprendiz?

F: A busca do conhecimento, para adquirir mais conhecimento mesmo, querer aprender uma nova linguagem.

K: Quais são suas atitudes como aprendiz de Língua Inglesa?

F: Ultimamente tenho tido mais contato. A minha profissão anda tendo mais acesso mais conteúdo da língua portuguesa. Mas na minha profissão tudo começa lá fora.

K: Você trabalha com informática?

F: Isso. Sou desenvolvedor de sistema. Os artigos são escritos em inglês e toda documentação que eu preciso pra entender o que eu estou fazendo está em inglês. Então estou sempre em contato. Se eu estou em dúvida eu busco na internet em inglês, e leio textos em inglês. Então pra mim, é praticamente 100 por cento do que eu faço profissionalmente é em inglês.

K: E você consegue entender os textos? Você acompanha bem?

F: Consigo bastante coisa, né. às vezes eu tenho dificuldade com alguns termos, mas aí eu estou sempre com o Google tradutor do lado. Um pouco é o que eu consigo ler e o que eu não entendo eu joga lá e busco a tradução.

K: Então você usa bastante a Língua Inglesa no seu trabalho, né?

F: Uso, bastante!

K: Mas em forma de leitura?

F: Em leituras e tem cursos que eu assisto. Comecei assistir em inglês pra tentar praticar o *listening*.

K: Que legal. Hum que bom.

F: E aí agora como eu estou um pouco melhor (risos), eu consigo entender mais. Antes eu não conseguia entender nada.

K: É mesmo?

F: É /.../ a gente vai aprendendo aí e com o que a gente vai aprendendo a gente vai tentando ouvir melhor as coisas.

K: Como você se sente com relação a isso?

F: Muito bem, eu estou gostando bastante. Eu quero mais, né. Ainda estou bem básico (risos). Ainda tenho muita coisa a aprender, mas com o que eu tenho hoje eu consigo me comunicar.

K: E conversas você tem também fora da sala de aula?

F: Não, conversas eu não tenho nada, por que não tenho onde conversar. É muito pouco, né.

K: Mas você não falou que fez uma entrevista?

F: Eu fiz, eu fiz uma entrevista. Eu consegui conversar. Nossa! Foi a primeira vez mesmo que realmente eu conversei com alguém, né. Eu fiquei muito nervoso, mas eu consegui conversar e ela conseguiu me entender. Por que era uma pessoa que dava aula em uma universidade e ela tinha alunos de fora que tinham inglês pior, então o meu ela conseguiu entender bem. Ela já tem pessoas que não falam tão bem o inglês, então ela me entendeu. Foi bom! Não está 100 por cento, mas eu consegui compreender tudo.

K: Foi a trabalho que você conversou com essa pessoa?

F: Foi a trabalho. Foi indicação de um amigo. Que faz trabalhos pra fora e me indicou. Na primeira ligação ele acompanhou comigo, né e falou que eu tava bem, e na segunda eu já fiz sozinho.

K: Que bom! Parabéns, Felipe! Isso aí.

F: (risadas) Eh! Eu fiquei bem feliz na verdade. (risos)

K: Com relação à sala de aula Quais foram as suas impressões com relação ao seu nível de inglês em relação aos seus colegas?

F: Não sei falar, ((inaudível)) acho que eu poderia estar um pouco mais pra frente. Eu precisava desse início básico, só que por estar com pessoas que talvez não tivessem o mesmo conhecimento que eu, eu fiquei muito empacado.

K: Será que isso desmotivou um pouco?

F: Não! A gente estava indo bem até o último semestre, só que, este semestre realmente aconteceram muitas coisas no meu serviço /.../ Eu não tive mais nada... só serviço. Cansaço, stress, aí as vezes acaba sendo obrigado a deixar de lado. Foi bom, mas algumas coisas desmotivou. Comecei errado, faltei muitas aulas e não estava na mesma *vibe*. /.../ Talvez o curso que a gente faz ali seja um pouco mais demorado do que eu preciso, mas ainda não sei. Muito corrido também não é bom. A gente tava num ritmo bom, eu tava gostando.

K: No seu questionário você disse que viajar para fora do país.

F: Sim.

K: Em que você acha que o idioma vai te ajudar? De que forma? Como que você se imagina utilizando?

F: Mais para fazer coisas do dia a dia, né. Pedir uma comida, pedir informações, do dia a dia.

K: Em situações de viagem ou em outro tipo de situação?

F: Em situação de viagem. Mas meu inglês que eu quero fazer mesmo é para trabalhar né.

K: Qual a representação da Língua Inglesa na sua profissão?

F: Ah! 100 por cento. Se você quer ser algo a mais, né. Primordial.

K: Quando você teve a oportunidade de falar, disse que ficou nervoso mas você sentiu dificuldade de falar?

F: Por ser coisas que eu vivo, né. Ser mais profissional, eu consegui conversar, mas se a gente entrasse em outros assuntos, eu ia... ia me dar um branco. /.../ ela perguntou se eu conhecia Manaus, ou e se eu tinha viajado pra outros lugares, nessa hora deu uma travada (risos). Mas eu consegui responder bem simples, mas consegui.

K: Que bacana Felipe! Que bom que você conseguiu se sair bem.

F: Sim! Graças às suas aulas, né!

K: Você acha que seu conhecimento está aprimorando, tá melhorando?

F: Sim, eu acho que o *speaking* é como se fosse a prova do que você aprende, né. Por que na hora do *speaking* que você realmente usa tudo que você aprendeu. Então a gente fica ouvindo e lendo mas na hora do vamos ver é a hora que a gente vai falar. Eu fiquei feliz.

K: Que bom. Felipe porque que você escolheu o curso do NEL da UEMS?

F: Acho que foi a Rayana, ela tinha comentado que ia fazer.

K: Ela que te incentivou então?

F: É. Eu não sabia. Eu tinha ouvido falar de outros, da Federal. /.../ o local não importa muito, só quem vai lecionar. A Rayana falou que tinha o curso de inglês e eu falei que precisava começar do início, por não ter o básico.

K: Você recomendaria o curso?

F: Sim, recomendaria. Eu falei para vários amigos até, que era bem legal.

K: É legal em que sentido?

F: É bom, no sentido de que é um lugar tranquilo, é acessível. Fiquei sabendo que o preço que a gente paga ali é muito barato, né. Então é acessível para quem pelo menos quer começar. Pra quem acha que é muito difícil, muito caro, então ali pode ser um *start*.

K: Quais são as suas expectativas com relação ao aprendizado da Língua Inglesa e seus objetivos de estudo?

F: Preciso me dedicar mais. /.../ como eu disse /.../ lá tem um tempo de aprendizagem, né. Não tem por exemplo: “já aprendi esse módulo e posso ir pra frente” A gente tem que ir junto com a turma, né. Talvez isso me trave um pouco pro momento que eu tô. /.../ quando a gente estuda sozinho é diferente, assim como você falou quando a gente estuda em grupo, você tem que esperar o grupo, né. Talvez se eu tivesse uma coisa mais individual ou online, seria mais rápido, não esperar o grupo.

K: Felipe você teria alguma coisa para acrescentar nessa entrevista?

F: Teacher, eh, gostei muito do curso, que me deu uma boa base, que eu não tinha. Eu aprendi bastante coisa,. Eh! Todas as minhas dúvidas você sempre tirou. Eu gostei! Foi bom o curso, só não foi nessa parte que falei que precisava ir um pouco mais a frente e ficava empacado, mas tirando isso, todas as aulas tiraram minhas dúvidas e mostraram o que eu precisava, foi um curso que realmente me ajudou para o que eu queria no momento, né.

K: Muito obrigada, Felipe.

Entrevista com Izabel

K = Kelly

Iz= Izabel

K: Obrigada por sua disponibilidade de colaborar com a minha pesquisa. Eu gostaria que você contasse para mim quando que você começou a estudar inglês.

Iz: Eu comecei mesmo no ensino médio. Foi meu primeiro contato com a língua.

K: O que mais? fala da sua experiência com o inglês.

Iz: Agora no curso de geografia tem alguns textos que vêm algumas palavras em inglês. Como temos que cumprir carga horária naquelas aulas complementares e aí eles falaram pra gente que se a gente fizesse curso de língua também serviria como horas complementares aí eu falei: “vou fazer né! não tô fazendo nada nesse horário, eu preciso das horas também “e eu também tinha curiosidade de aprender um pouco mais e também eles “tavam” falando pra gente é bom a gente ter uma língua a mais porque se a gente quiser continuar a carreira de estudante a gente precisa ter um idioma que não é o da gente, então por isso eu dei sequência./.../ Por que o inglês eles falam que é língua universal, se fosse espanhol só serviria para América Latina.

K: Você tem contato com a Língua Inglesa fora da sala de aula da nossa aula?

Iz: Sim.

K: De que forma?

Iz: É entrevistas, filmes.

K: Como assim?

I: É porque a gente assistir entrevista em inglês por que o professor fala que a gente consegue compreender quando tem um assunto que é globalização é o idioma do pessoal que fala dos Estados Unidos, autores internacionais.

K: Aí você assiste esses vídeos com entrevistas em inglês?

Iz: Em inglês e depois em português para entender mas claro.

K: É o professor que apresenta para vocês ou você que pesquisa na internet?

Iz: Alguns ele apresenta, outros eu pego, assim, por curiosidade pra ver, em inglês e depois português.

K: Quando você pega em inglês, você pega o áudio em inglês ou a legenda em inglês?

Iz: A legenda. É porque fica maior parte a legenda.

K: Aí depois você procura tradução?

Iz: Porque às vezes eu tenho que fazer o trabalho e não acho em português dublado, aí tem que se virar. Eu pego as palavras que eu não entendo, anoto depois eu procuro pra saber o significado.

K: Você ainda está estudando pelos aplicativos?

Iz: Sim. Eu uso o Duolingo.

K: Você treina ele todo dia?

Iz: Agora eu dei uma parada, mas quando eu tenho tempo eu treino todo dia

K: Você comentou uma vez que você fez um trabalho que você usou um vídeo em inglês. Comenta como é que foi essa experiência.

Iz: Foi assim, difícil por que a gente que fala a língua portuguesa para traduzir não tem muito... se não for procurando na internet como traduz, mas foi legal depois porque eu dei conta de fazer. /.../

K: O curso do NEL está ajudando nessa experiência com a Língua Inglesa?

Iz: Sim, ajuda por que faz eu conhecer mais da Língua Inglesa.

K: Por que você escolheu o curso NEL para estudar inglês?

Iz: Eu participei de um sorteio como vários outros acadêmicos e eu consegui a vaga e aproveitei a oportunidade.

K: Você é bolsista?

Iz: Sim. Até o momento eu não tô trabalhando, né.

K: Então foi bom, né? Melhor ainda por ser bolsista.

Iz: Sim.

K: Você lê bastante textos em inglês?

Iz: Quando a gente recebe o artigo para ler, tem uma parte que vem em inglês a gente vê não só a parte em português, a gente lê todo ele.

K: Vem o abstract, o resumo em inglês.

Iz: Sim os resumos.

K: Você já pegou algum texto completo em inglês?

Iz: Sim a gente teve um professor que o texto dele era completo tanto em português como em inglês.

K: Você conseguiu entender o texto?

Iz: Sim, eu acho que sim porque eu já conhecia a tradução em português. Li só por curiosidade como que são aquelas palavras no inglês, sobre a industrialização.

K: Você gosta sempre de você pegar um texto em inglês e o texto em português para ter o contato com a língua?

Iz: Sim.

K: De que forma você se imagina utilizando a Língua Inglesa no futuro?

Iz: Com certeza claramente ainda não tenho, mas para fazer um teste por exemplo para entrar no mestrado, seria uma possibilidade. Para viagem não tem previsão.

K: Você acha que a bolsa de estudos foi um fator importante para você? Por que?

Iz: Sim, porque foi um incentivo, né. Eu acho que, não só eu, mas se tivesse mais pessoas interessadas em aproveitar uma oportunidade como essa que você participa de um sorteio tem oportunidade de participar gratuitamente é uma excelente ideia. E tem gente que quer fazer e não tem oportunidade.

K: De que forma você se identifica como estudante de Língua Inglesa?

Iz: Eu acho que eu não tenho tempo para me dedicar. Por enquanto não tô tendo, assim bastante.

K: Como que você faz para estudar?

Iz: Quando eu chego em casa eu repasso a lição, e antes de vir também, eu passo a nova lição. Por que eu tenho tempo quando acaba a aula, aí fico lá na sala e quando tenho tempo em casa, eu estudo.

K: Como você avalia seu desempenho na turma? Desde quando você começou, o que que você acha?

Iz: Eu acho que evoluí, mas não acredito que evoluí tanto porque é muito difícil. É uma barreira muito grande. Por que, assim, eu estou no Brasil, não estou num país que fala a língua, então eu acredito que pra quem tem contato com a língua no país original, é mais fácil de ir adiante. Aqui segundo eu ouço as outras pessoas falar é diferente, por que você aprender no curso o idioma do inglês, por que quando chega lá, é diferente, não é igual. A gente fala lento e lá eles falam rápido.

K: O que você acha disso?

Iz: Eu acho assim que o daqui só vai servir sempre como base, não como se que diz “assim vou lá no Estados Unidos e vou ser americana agora”. Não vai acontecer, na Grã-Bretanha, sei lá, na Inglaterra. Vai ter sempre essa barreira. Mas a gente tem que tentar. Se o objetivo é aprender uma língua diferente, um idioma.

K: Você teria um adjetivo para você se descrever como estudante de Língua Inglesa?

Iz: Ainda preciso me dedicar bastante para conseguir saber o mínimo.

K: Que atividades você realiza fora da sala de aula que te dá contato com a Língua Inglesa?

Iz: Ouvir música.

K: Você gosta? Como que é a experiência?

Iz: Para mim gratificante. /.../ Qualquer idioma, não só o inglês, quando eu pego uma música

para ouvir, eu quero saber o que ela significa, aí eu procuro uma música no YouTube. /.../ acho uma experiência muito boa por que dá para estender bastante palavras quando a música é mais lenta. Quando ela é muito agitada, só se você ouvir muitas vezes repetida pra entender. Mas é gostoso, eu gosto.

K: Você tenta cantar também?

Iz: Nem sempre. Tentar cantar com a voz ruim não dá.

K: Você era muito calada no início do curso.

Iz: Acho que era porque eu não conhecia o pessoal, agora a gente já se conhece bem.

K: Você se sente mais a vontade para participar?

Iz: Acho que sim. Tudo é assim na vida, o conhecimento, o tempo que vai indo gradativamente, vai fazendo que as coisas fiquem mais fáceis.

K: Você gosta de estudar inglês? O que que você tem mais facilidade e o que você tem mais dificuldade no aprendizado?

Iz: Eu penso que é ouvir e tentar pronunciar, a pronúncia é mais difícil. /.../ eu penso que se fosse para traduzir a letra, era mais fácil por que eu já conheço bastante palavras.

K: Qual é a sua opinião sobre o curso?

I: Bom, muito bom. Para mim eu acho que se eu não tivesse aqui, eu não teria aprendido nada, né. O curso é bom. É ótimo. Pra mim pode continuar do jeito que tá, do jeito que acontece dá pra aprender, e para melhorar só se a gente fizesse uma viagem de campo.

K: Um intercâmbio, né?

I: É um intercâmbio.

K: OK, tá bom Isabel. Obrigada viu pela sua participação.

Entrevista com Izaura

K = Kelly

I= Izaura

K: Como você se descreve como aprendiz de Língua Inglesa? Conta qual foi sua trajetória desde quando você começou a aprender e a estudar inglês, suas impressões e expectativas futuras.

I: Na verdade eu comecei a aprender por necessidade, né. Que eu vi que tanto por necessidade pessoal quanto profissional que precisava. Na verdade eu perdi alguns empregos em outra cidade por causa da Língua Inglesa, aí assim... eu gosto, eu acho bonito, eu quero **MUITO** ((ênfatisou a palavra)) aprender, só que né... eu tenho bastante dificuldade até por que não tenho tempo de ficar treinando, de ficar ouvindo música, até ouço música, mas na hora da tradução, até as vezes eu entendo, mas na hora de falar, meu problema é falar, mas estou gostando, estou confiante, acho que vou conseguir, é um ano e meio, um ano, né? Que a gente tá ?

K: Já estamos fazendo um ano // uma ano e três e pouquinho //

I: Mas as minhas expectativas são as melhores, eu quero aprender e esse eu não vou desistir, porque eu já comecei **VÁRIAS** vezes, comecei até onde eu trabalhava lá em Curitiba com professor particular, mas eu não consegui desenvolver, chegava num momento trava (+)apaga tudo

K: O que você acha agora(+) o que você acha do seu desempenho agora?

I: Eu estou entendendo bem, ouço assim, entendo, não todas por que eu tenho que treinar mais o vocabulário (+) mas eu entendo várias palavras, a gramática (+) eu acho que eu consegui melhor a gramática do que tipo (+) falar, agora falar pra mim é difícil, fazer as provas, fazer as atividades eu tenho muita dificuldade, mas eu sei que é falta de treino né (+)

K: Uhum

I: E isso daí a gente tem que se dedicar mas esse ano de 2017 pra mim foi terrível, 2018 vai ser só o inglês nada mais [risadas]

K: É isso aí (+) então tá. E quais são suas atitudes como aprendiz de Língua Inglesa? O que você tem feito?

I: Que tipo de atitudes ? Então (+)

K: assim (+)Para aprender mais (+)

I: (+) Tô fazendo as tarefas + tudo certinho + procuro ouvir todos os áudios que a professora manda + tenho tentado ver + ir no cinema assistir filmes que são só legendados e não dublado + faço o Duolingo todos os dias (+)

K: Hum + legal

I: Que ali a gente aprende bastante vocabulário, né?

K: Aham!

I: No Duolingo você pega bastante vocabulário, que quando você erra ele volta e manda fazer de novo (+) ou você aprende ou você aprende ali né? E é praticamente isso (+) eu sei que estou tô bem (+) tô deixando a desejar aí esse ano aí, mas para 2018 as expectativas são as melhores [risadas]

K: Mas e no Duolingo? Já que você falou do Duolingo, vamos continuar nesse Duolingo + Como tem sido a sua utilização do Duolingo? Você tem seguido as orientações?

I: Tenho seguido todas as orientações todos os dias, se eu não faço as atividades ele me cobra né, então eu tenho que fazer (+) dá uma média assim 10 minutos mas assim, final de semana ou quando eu chego em casa à noite, eu tô mais tranquila eu faço mais atividades, mas eu fico mais tempo fazendo além do normal dele ali que é 10 minutinhos pra você fazer. Aí ele corrige e diz se você fez certo, ou se você fez errado, cê ouve, cê vê, cê escreve, cê ouve (+) final de semana eu tenho feito mais que daí tem os desafios, tantas palavras que você tem que fazer (+) o mínimo é 250 palavras aí eu tento fazer os desafios deles lá

K: Você acha que tem ajudado?

I: Tem, principalmente no vocabulário (+) bastante coisa assim tem ajudado

K: Legal. + Quando você falou dos filmes + e o Netflix? Você comentou uma vez que queria colocar (+)

I: pois é (+)

K: você conseguiu?

I: Não! Eu até pago todo mês mas eu não consegui ver por que esse ano de 2017 eu estava fazendo duas pós graduação [risos] assim eu não consegui assisti nada.

K: Mas no cinema você tem aproveitado (+) o seu lazer então (+)

I: Aham (+) eu vou (+) até quero agora assisti o (+) esqueci o filme que está em cartaz

K: Quarteto Fantástico?

I: Eh (+) é (+) mas não é esse nome, né?

K: Não, acho que é outro nome, esqueci

I: Também esqueci, mas é da nossa época [risos]

K: Aham

I: Mas quando eu vou, tipo uma vez por mês assim eu procuro ir no legendado, né (+) daí cê ouve, cê vê ali e fala isso aí eu lembrei.

K: Aham, legal! Você consegue identificar algumas coisas?

I: Ah, sim! Algumas palavras, sim!

K: Legal! O que você sente assim quando você identifica?/

I: Ah eu ainda me sinto meio inútil ainda (+) por que eu acho que eu deveria está falando e aprendendo melhor /

K: Mas se você está identificando, como você se sente inútil? Você está ouvindo e identifica /

I: Mas eu ... agosto, setembro, outubro, novembro – passei 4 meses do ano passado e o ano inteiro desse ano (+) mas eu vou conseguir (+)

K: /.../ não é assim de uma hora pra outra /

I: Eu acho/

K: O processo é lento mesmo/

I: Eu vou te dizer mesmo quando eu voltar dos Estados Unidos como foi a minha experiência /... /

K: Isso mesmo/

I: Aí a gente pode retomar alguns pontos aí para a gente retomar alguns pontos aí se você quiser.

K: Boa ideia [risos]

I: Eu “tava” até pensando essa semana: Gente eu vou chegar dos Estados Unidos eu vou saber algumas coisas, né? – Aí eu lembrei que você contou do seu amigo pedindo água, né?

K: [risos]

I: Eu falei: meu Deus eu não posso fazer umas gafes dessas – tem que treinar as palavras que mais vou usar

K: Você acha que vai usar o que você aprendeu?

I: AH! Eu acho que sim, bastante (+) acho que vou usar bem (+) mesmo por que no livro é coisa do dia a dia. Ele mostra coisa do dia a dia e tem mais a gramática, né?

K: Tá disposta então a tentar?

I: Com certeza!

K: Como você tem se preparado com relação a sua viagem – assim em relação à Língua Inglesa, você tem feito alguns exercícios diferentes direcionados pra isso?

I: Não! até entrei na internet e verifiquei aqueles lá que o Judiney mandou da Ana Cuber lá – as palavras mais usadas nas viagens mas não tive tempo ainda (+) quem sabe semana que vem consiga.

K: Mas você conseguiu baixar?

I: Baixei, mas não tive tempo ainda, tá tudo no computador.

K: Tá depois você me fala então. (+) Onde você vai ficar em Nova York?

I: A Alana alugou um apartamento em **Manhattan**.

K: Que legal.

I: Chique né? Ela vai dividir com dois amigos mas aí eu vou ficar lá com ela – Manhattan

K: E esses amigos? Eles falam inglês?

I: Você sabe que eu não perguntei pra ela – se eles são americanos ou se são brasileiros (+) ((baixa o tom de voz))

K: Depois você me diz (+)

I: Mas o povo todo lá tudo fala, só tem a família das amigas - que eu vou passar o Ano Novo e Natal que com eles falam português e inglês mas amiga dela falou pra mim que a filha dela só vai me ensinar a falar inglês – a menininha – tem 6 anos. [...] ela nasceu lá

K: Tá disposta a conversar com ela? [risos]

I: Tenho que conversar [risos]

K: Como você se imagina? Como você vai se comunicar?

I: Meu Deus! Isso que eu falei pra você – gente do céu! Como será que vai ser estar no meio daquele povo lá? Entender acho que até eu vou conseguir **entender** - quando você fala aqui – explica – não sei se é porque tá dentro do contexto – lá também vai tá dentro do contexto! Né?! Onde eu vou tá – mas eu acho que pra eu falar com eles (+) “Tava” estudando aqui esse *oral test* – quase enfartei [risos] [...] Eu tenho muita dificuldade ainda pra falar.

K: Mas é um processo devagar.

I: É – vai uns 10 anos [risos]

K: [risos] Em que situação você acha que vai conseguir se sair melhor ou vai se arriscar mais – o que você acha?

I: Ah, acho que é em família mesmo, entre amigos, né – principalmente por que os amigos da Alana lá, tem alguns que são brasileiros, né – daí - tipo eles vão me forçar a falar inglês – a Alana já me falou né, mas /

K: Que legal!

I: É tem as amigas dela do projeto que estão lá também (+)

K: Então tá todo muito envolvido prá /

I: É me esperando/

K: Pra te dar aquele apoio. Que legal Izaura!

I: Eles sabem que eu estou fazendo o curso, né. Daí tá aquela coisa: _ Mãe você não vai falar português aqui!

– Tá bom, filha! Mas você vai ter que ter paciência com a mãe!

K: [risos] Isso mesmo – E no aeroporto? Você falou que ia tentar falar, pedir um cafezinho (+) você acha que vai estar preparada?

- I: Tem até que treinar, né... Vou ficar cinco horas em Brasília, vou ficar treinando/
- K: Aproveita! [...] no aeroporto, se você falar inglês, todo mundo fala inglês, todo mundo vai saber falar.
- I: Aí eu falo errado [inaudível]
- K: Não tem problema (+) errou, corrige [risos]
- I: [risos]
- K: Você tem medo de errar?
- I: Não! Medo de errar, não!
- K: Então?
- I: Então tem que tentar né?
- K: Então tem que tentar né? (+) É (+) Em que essa viagem pode influenciar no seu aprendizado?
- I: Ah! Em muito, acho que em tudo, em tudo, né? Que eu já comecei fazer - uns cinquenta por cento foi por causa da viagem, né - eu já sabia que a Alana “tava” com projetos de ir... então eu tenho que fazer - se vê que como que eu gosto e que eu tenho dificuldade que a minha filha desde os 10 anos eu coloquei ela pra fazer - que dizer: a dificuldade que eu tinha, eu falei não! A Alana minha filha vai ter que falar inglês - acho que vai influenciar bastante - pena que é só 12 dias, né!? Não dá para ficar mais, né?!
- K: É, né! Vai dar vontade de ficar mais, né?
- I: Vai.
- K: Tá te dando alguma insegurança com relação a isso? A sua comunicação? Como você se sente?
- I: Não! Mesmo por que eu sabendo assim... eu sei dar as minhas arrastadas ... eu entendo um pouquinho e se eu não for tentar eu nunca vou conseguir, né?! Então eu vou ter que tentar! Igual você falou... não pode ter medo de errar, né?
- K: É!
- I: Se eu errar, o povo lá vai me corrigir: não é assim! - acho que toda hora o pessoal vai só fala inglês, né?
- K: É!
- I: Então vou ter que aprender: pelo menos pedir comida, pedir um lanche
- K: Fala: *I don't understand! Repeat, please!* (+)
- I: É tem que dar um jeito até pegar bem.
- K: Isso mesmo! [risos] É (+) Porque você escolheu o curso NEL na UEMS para estudar inglês?

I: Uma por causa da disponibilidade de horário, né? Por que os outros cursos (+) Eu já tinha visto até em outro curso, em outros [...] além da disponibilidade que não tinha, nos outros era só uma hora ou uma hora e meia por semana.

K: Aham

I: Eu sinto que eu preciso de muito mais, né? E Também pelo custo benefício, né? E por ser, né... na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, né? Tudo isso aí acho que pesa um pouquinho – o nome da universidade também pesa bastante, né?

K: Em que pesa? Assim, na sua decisão? Pesou por causa disso aí? Me explica melhor sobre isso.

I: Acho que só de você falar pros seus colegas que você está fazendo um curso de línguas na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, o pessoal já fala: Oh!! Mas lá tem curso de línguas para comunidade? Não é só para estudante?

K: Aham

I: mas aí eu explico pra eles que tem, que é duas vezes por semana, é uma hora e meia, você não fica tanto tempo sem contato com a língua – Embora deveria ficar menos, né.

K: Aham

I: E também o valor, né – um valor para comunidade assim ...é um valor muito baixo, perto do que tá – 250,00 (duzentos e cinquenta) por semestre, normalmente é 300,00 (trezentos) – eu tinha visto numa outra escola, era trezentos e pouco (+) por mês, né. E você faz uma hora e meia por semana.

K: Exato

I: O que você faz aqui em uma semana, lá você leva duas – e aí até você voltar (+)

K: Aham. Te deu mais (+) digamos que te deu mais segurança?

I: Sim, duas vezes por semana, que eu estava estudando aqui – que a universidade é séria. Que eu sei que quando eu terminar o curso, vai me dar o certificado – onde eu, vou né? Vou poder apresentar, né? Não, eu fiz na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Por que a gente vê casos aí que faz nas escolas – como minha filha deu aula numa escola também, ela mesmo falava que o método da escola não era tão bom (+) isso e aquilo (+)

K: Aham

I: E esse método ... pelo menos eu mostro pra ela as coisas, e ela fala: Não, mãe... é assim mesmo!

K: Que bom!

I: Então já pesa bastante, né?!

K: Você tinha informação sobre o curso daqui antes?

I: Não! Foi uma professora lá da escola que eu trabalhava. Ela falou: “entra lá na Uems que lá tem um curso de línguas que é muito bom” Ela é tutora – professora de Libras, sabe?

K: Hum

I: Ela vive me mandando as coisas assim – Ela mandou pra mim essa semana o primeiro curso universitário de mídias digitais que vai sair, mas é lá para Dourados – então ela que me falou – eu não sabia – nem sonhava – por que eu tinha vindo pra cá em Janeiro, né.

K: Aham

I: Então eu nem sabia que tinha esse curso aqui

K: Legal: Então você já teve boas referências com relação ao curso?

I: Sim, sim! Aham

K: Que ótimo! Então você recomendaria o curso?

I: Com certeza! Eu recomento! A Sandra eu que trouxe, né

K: Foi?

I: Foi – por que eu fiz a matrícula e daí eu falei pra ela, daí ela se interessou – embora ela tenha começado ... ela começou uma semana ou duas depois de mim.

K: Foi. Realmente.

I: Mas eu que indiquei pra ela.

K: que legal!

I: Eu vivo indicando pro povo.

K: Que bom! [risos] (+) E quais suas expectativas com relação ao aprendizado da Língua Inglesa no curso Nel em relação aos seus objetivos de estudo da Língua Inglesa? Você acha que está cumprindo as expectativas em relação as suas necessidades?

I: Está! Está cumprindo sim! Aquilo que te falei...O plano de ensino é bom! O que falta mesmo é da parte (+) minha como aluna ser mais dedicada – apesar que eu já fiquei feliz de ter tirado 8 na prova.

K: Você viu como foi seu desempenho? Como foi.....Deu um salto /

I: Sim, na primeira prova tive que fazer até um complemento de nota, né – Tô bem feliz – Acho que vai – acho não tenho certeza – a partir de 2018 vou me dedicar mais

K: É isso aí! Sempre /

I: Perseverante

K: Isso!

I: Desistir jamais!

K: Exatamente! O que você gostaria de acrescentar com relação ao aprendizado da Língua Inglesa? Você tem algum comentário a fazer?

I: [...] A gente gostou. Eu e meus colegas também gostaram de pegar o primeiro módulo com você. A universidade ter... isso daí acho que pesou bastante, né

K: É?

I: Porque pegamos o primeiro módulo com você, do básico, daí a gente pediu para você ficar com a gente e agora já é o terceiro semestre que você está nos acompanhando. Eu acho que isso aí pesa muito no nosso aprendizado porque você já conhece os alunos, e os alunos já conhecem seu método. Eu entendo que é muito mais fácil a gente aprender assim.

K: Aham

I: Do que todo semestre trocar de professor.

K: Hum. Interessante.

I: Acho que isso é um ponto positivo da universidade ter mantido, do curso mantido você. Ter atendido nosso pedido.

K: Foi a pedido de vocês.

K: A gente ficar no segundo módulo, no terceiro, se Deus quiser no quarto. Vai ter o quarto do básico ou já entra no intermediário? É o básico ainda, né?

K: O próximo livro é o básico ainda

I: Isso daí pode por estrelinhas brilhantes. Assim (+) pra mim foi muito bom. Por que (+) como eu sou professora também eu sei que se você acompanha o desempenho do aluno você consegue ajuda-lo e ele consegue evoluir também, né. Acompanhar sua didática. Cada professor tem uma didática.

K: O professor vai conhecendo o aluno e o aluno vai conhecendo o professor também, né

I: Sim, daí o processo de ensino – aprendizagem acaba virando amizade. Você vai conhecendo as pessoas e fica muito mais fácil você aprender assim quando você já tem um vínculo, né. Não só de professora aluno. Acaba criando um vínculo afetivo com a pessoa.

K: É com certeza [risos] Obrigada!

I: [risos] Vai ficar pra sempre no meu coração a Kelly ((fez barulho de coração batendo)) [risos]

K: Que lindo! E vocês também! [risos] Eu não vou querer deixar vocês irem [risos]

I: Enquanto tiver tendo curso do Nel, pra mim eu vou ficar e vou fazer

K: Que bom, é bom saber disso. No que eu puder contribuir. Pode contar comigo

I: Você contribui bastante. Sempre que eu preciso, eu mando mensagem, você responde. Ajuda a turma bastante né. Dentro do possível também. A gente como professor sabe o que o professor pode. Você está correspondendo às expectativas.

K: Obrigada, Izaura

I: Precisando. Depois que eu voltar dos Estados Unidos nós marcamos outra parte.

K: Exato, que ótimo. Boa ideia. Pra fechar.

I: Aí vamos falar em inglês. Já pensou se eu consigo responder em inglês.

K: Podemos fazer suas impressões da viagem, vamos ver. Obrigada, viu

I: De nada, precisando, estamos aí.

[inaudível]

Entrevista com Jean

K= Kelly

J= Jean

K: Boa tarde

J: Boa tarde

K: Jean, Como você descreve sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa?

J: (+) Eu acredito que eu ainda sou muito relapso, por que me falta disciplina para estudar diariamente para que assim eu tenha a fluência maior no idioma, mas tenho me esforçado para conseguir mudar esse quadro.

K: Como você se vê como um aprendiz? Assim como uma pessoa que se interessa, que vê o inglês em tudo e procura entender?

J: Eu me interesso pelo idioma. Eu sempre tento traduzir música, eu assisto muitas séries, eu gosto muito das expressões (+) É (+) principalmente das expressões (+) principalmente. Assim como no Brasil tem as expressões, eu gosto muito das expressões do inglês, principalmente do inglês americano.

K: Uhum. Conta um pouquinho a sua trajetória desde quando você começou a aprender inglês até agora

J: Até 2015 eu não falava nada de inglês, aí em 2016 eu comecei a fazer aqui no NEL (+)... É (+) foi uma experiência muito positiva para mim, por que eu comecei a (+) sair de uma bolha, né. Por que hoje em dia quem não fala inglês vive dentro de uma bolha, né. Eu considero. (+) Principalmente na minha área, que eu sou formado em comunicação. É um pré-requisito para que eu consiga ter uma ascensão profissional e não só profissionalmente, mas pessoalmente falando- ir ao cinema, assistir um filme, entender a maior parte do filme sem precisar depender da legenda, não a maior parte, mas ter uma boa noção do que se está falando ali.

K: Aham.

J: Pra mim foi um divisor de águas, eu gostei muito e pra mim pessoalmente eu gosto muito do idioma então é mais fácil pra eu ..eh desbravar e aprender... eu sigo várias páginas nas redes sociais em inglês, justamente pra ir praticando de alguma forma – embora me falte disciplina, pelo menos nessas coisas corriqueiras, eh - principalmente nas redes sociais .. enfim.

K: Pra você ter o contato com a língua.

J: Pra manter o contato com a língua.

K: Não que seja necessariamente estudando, mas tendo o contato.

J: Isso, eu considero um contato indireto, por que o contato direto é através do estudo. Esse contato indireto eu obtenho por meio desses subterfúgios

K: E você consegue se comunicar nessas redes sociais em inglês?

J: Eu não interajo diretamente com alguém, mas assim (+) recentemente eu tive uma experiência de interação, foi superlegal, eu consegui me comunicar muito bem, não passei muito perrengue. Até um amigo meu que é fluente na língua, e a gente sempre estudou junto falou assim: “nossa você melhorou muuito! Você está aprendendo mesmo!” E eu falei: “ é tem que correr mais atrás” Já era pra eu estar mais avançado, considero realmente (+)eh ..principalmente agora no curso faltei muito este semestre mas a gente vai aprendendo (+) Eh, não estou estagnado, sempre estou aprendendo alguma expressão, alguma coisa.

K: Se você fosse se descrever como aprendiz, com um adjetivo ou frase, como você se descreveria? Teria alguma palavra ou frase que você poderia falar: eu sou assim como aprendiz de Língua Inglesa.

J: (+) ((pensando))

K: Pode pensar e depois você responde. Quais suas atitudes como aprendiz de Língua Inglesa? Você já falou bastante coisa que tem feito. Você continua assistindo aquelas séries?

J: Sim, eu assisto. Eu gosto muito de assistir série em inglês, principalmente as séries que eu já assisti com legenda em português. Por exemplo: *crazy anatomy*- é a série médica, um drama médico, eu já assisti, eu gosto muito da série, agora eu assisto ela só com legenda em inglês.

K: O áudio em inglês também?

J: O áudio também. O áudio principalmente, desde o começo o áudio sempre foi em inglês, por que o dublado muda muito, né as características. Até respondendo a pergunta anterior, eu me considero um estudante curioso.

K: É?

J: É – eu gosto muito de – eu não consigo dormir, por exemplo, com uma pendência, sem pesquisar, se eu achei uma frase que eu não sei o significado, uma palavra, alguma coisa

interessante. Eu quero saber, eu quero traduzir. Eu não consigo dormir sem pensar nisso. Então eu acho que eu sou um estudante curioso.

K: Legal!

J: Um pouco preguiçoso, mas curioso. [risos]

K: [risos]Ok. Como você avalia o seu contato com o inglês fora da sala de aula?

J: Eu acredito que pode ser melhor como eu já falei, mas acho que eu tenho buscado esses meios indiretos de uma forma mais frequente. Meu outro celular, eu tinha deixado só em inglês para ter um contato maior com a língua. Esse eu não consigo ainda porque é um sistema operacional que ainda nunca utilizei, ainda estou conhecendo. Mas eu acredito que essas mudanças meio forçadas ajudam a gente a aprender um pouco mais.

K: Que bom. Como você avalia suas atitudes em sala de aula? Quais são suas impressões com relação ao seu nível de inglês em relação aos seus colegas de turma?

J: Eu gosto do contato. Tudo bem que, é...são pessoas mais velhas que tem na sala, eu sou um dos mais novos, junto com outras pessoas. Eu gosto muito de ver o interesse que eles têm. De estarem procurando. Acredito que o meu contato com a língua seja mais fácil que pra eles. Em questão de (+) enfim de ouvir, na questão dos *listenings*, na questão até de falar. Eh, tá todo mundo aprendendo, tá todo mundo caminhando no mesmo nível, mas eu acredito que eu tenha tido um bom progresso desde o início. É tô aprendendo ainda cada vez mais.

K: Você sente que você tem facilidade ou dificuldade com o aprendizado da Língua Inglesa? Qual sua impressão com relação a isso?

J: Eu acredito que com parte da gramática eu tenha mais facilidade do que pra falar, por exemplo. Mas não vejo como um bicho de sete cabeças. Acho que não é impossível que eu domine a língua dentro de alguns anos. É só me dedicar.

K: Dentro dos exercícios que a gente faz em sala de aula, você tem dificuldade?

J: Não. Eu acredito que eu consigo ir bem com as explicações, é óbvio, não é sozinho.

K: Por que você acha que você consegue ir bem, o que você acha que te ajuda e te facilita a entender?

J: O conteúdo, a forma como a senhora explica é bem didática. Eu gosto muito e (+) eu acho que o material é bem embasado, tem muita (+) Qual seria o termo? (+) Acho que é muito facilitado. Quando você tem um material que é bom, e uma explicação que seja didática, fica fácil de dá andamento no conteúdo.

K: Mais o que você tem fora?

J: Exatamente. O fato por exemplo, de assistir um filme facilita na hora de ouvir um *listening*, por exemplo em sala de aula, isso com certeza é um (+) algo que soma no aprendizado.

K: Com certeza. Como você se sentiu quando você entrou nessa turma? Ela já tinha começado, né/

J: Sim.

K: Você teve algum receio de participar no início ou você já se sentiu a vontade com a turma? O que você achou?

J: Não, eu tive muita facilidade por que a turma é bem entrosada e foi uma turma receptiva também para que eu me integrasse mas óbvio, cheguei meio quieto, ouvindo, assistindo porque você já tinha um contato e eu gostei muito da forma como a senhora dá aula. Por que a senhora é muito didática e está aberta também a reexplicar.

K: Obrigada!

J: Isso é muito bom!

K: Nas atividades orais você teve logo facilidade de se entrosar com a turma? Eu trabalho muito com diálogos/

J: Sim, *oral tests*, né. Sim eu tive. Assim eh (+) todo mundo tem muita vergonha na hora de fazer os diálogos e tudo mais, então a gente fazia uma ou duas vezes e a senhora voltava e falava: “vai, faz de novo! Fica repetindo! ”. Não foi muito fácil, mas não vi como algo extremamente difícil não!

K: Em seu questionário você disse que o aprendizado da Língua Inglesa lhe abrirá portas profissionalmente, por que você acha isso?

J: Porque o mercado da comunicação... a comunicação ela também é algo que (+) precisa ser internacionalizado. Então eu preciso que um idioma me possibilite isso. Eu preciso desse conhecimento para ter acesso, por exemplo a um mestrado, que hoje em dia é questão de ordem, né

K: Aham.

J: Você ter um segundo idioma, o inglês ou o espanhol. Pelo menos na UFMS, no mestrado em comunicação e também para fazer o intercâmbio, pra chegar lá já respaldado.

K: Vamos chegar no intercâmbio. Já já a gente fala sobre ele. Eu queria que você falasse de novo sobre essa ideia que você disse que quem não estuda inglês, seria como se vivesse numa bolha. Fala mais sobre isso

J: Eu vejo que o Brasil (+) o Brasil é um país muito grande. É o maior país na América do Sul e em comparação por exemplo com a Europa. Na Europa, todos os países, por exemplo: a Alemanha. Vamos falar de Portugal que está mais próximo da nossa realidade. Além do português, eles sempre têm a segunda língua muito fluente na maioria da população, pra não dizer para toda população. Eles têm o inglês como uma segunda língua até. E eu vejo que, (+)

eh... quem não tem um segundo idioma hoje em dia, não tem muitas possibilidades de desenvolvimento no mercado de trabalho. Pra chegar no setor gerencial, por exemplo, se você não tem um segundo idioma, você não chega. Você pode ter toda competência, toda habilidade, mas só que você sempre vai ficar pra trás. E sem contar que fazer uma viagem internacional pra qualquer lugar do mundo que você vá, tem alguém que fale inglês. Não interessa se você vai pra um país da Ásia, onde o inglês passa longe de ser ((procurando palavra))

K: A língua nativa?

I: Uma língua nativa, mas alguém lá vai falar inglês, entendeu? Então eu acredito que quem não busca essa atualização, nos tempos de hoje, no século XXI, é uma pessoa que tende a ficar pra trás.

K: Legal, Jean! Você disse que seus amigos lhe influenciaram no aprendizado da Língua Inglesa. Foram seus amigos assim do círculo de amizade do trabalho (+) de amigos (+) /

J: Da faculdade

K: Da faculdade?

J: Eu fui bolsista numa universidade católica então a maioria dos meus amigos vieram de ensino particular, e o ensino particular eles têm esse compromisso com a segunda língua, então eles já tinham todos um inglês fluente tudo mais. Aí a gente, por exemplo, já teve situação da gente está sentado, todo mundo conversando em inglês e um ponto de interrogação na minha cara.

K: Isso te incentivou?

J: Também, com certeza, na verdade um dos grandes fatores impulsionadores para mim.

K: Que bom. Isso foi positivo para você, né?

J: Sim! Sim! Poderia ficar achando ruim

K: Fez você buscar, né?

J: Lógico

K: Isso aí. Você se imaginou utilizando a Língua Inglesa em seu trabalho já?

J: Me imagino

K: Como? De que forma?

J: Eu tenho muita vontade de crescer na área do marketing político, que é uma área que eu tô trabalhando agora, e não só do marketing político, mas da publicidade em si. Eu vejo que essas trocas de experiências, principalmente em seminários, Convenções etc, eh, por exemplo: tem um evento que é anual, que é realizado em São Paulo, pra área da publicidade que tem nomes do mundo inteiro, e eles trazem a palestra, e você assistir uma palestra sem precisar de um fone e conseguir interagir, conseguir perguntar para o palestrante sem uma tradução simultânea. Eu acho isso muito massa, né.

K: Aham

L: Eu particularmente acho isso sensacional, então eu me vejo nessa situação

K: Você quer participar?

J: Sim e ser um palestrante famoso um dia, quem sabe?

K: Com certeza. Você está treinando pra isso. Palestrando em inglês, já pensou que legal. Estou torcendo por isso. /.../

K: Você relata que teve oportunidade de conversar em inglês com amigos em situações informais, né /

J: Sim

K: Como que foi? Qual foi a sua atitude como aprendiz de Língua Inglesa você já falou um pouquinho mas tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar em relação a isso?

J: Não, foi por exemplo em mesa de bar, a gente conversando falou sobre uma série, daí um puxa o assunto. Foi superlegal porque eu achei que eu não ia conseguir desenrolar e desenrolei bem até. Óbvio, não com a perfeição que eles que já tem um contato muito grande com a língua. Aprenderam desde criança (+). Mas foi legal.

K: Que bom

J: Tive essa oportunidade. A gente sempre faz isso, na verdade, de ficar conversando. Recentemente eu tive a oportunidade de traduzir um negócio com amigo meu que não sabia. Eu falei: gente, olha só!

K: Que legal. Que bom, tá vendo? Então você sente essa evolução do seu aprendizado, né?

J: Sinto, eu sinto! Muito

K: E seus amigos já perceberam isso também?

J: Sim, já perceberam.

K: Como você se sente em relação a isso? Quando você sente assim, que você já tá evoluindo, que seus amigos já percebem

J: Dá vontade de aprender mais, né. Pra chegar num nível realmente muito bom. Até porque eu tenho muita vontade de aprender uma **outra** língua que é o francês, que eu acho uma língua maravilhosa também, mas cada coisa no seu tempo.

K: Certo. /.../ Você expressou o desejo de fazer intercâmbio. Ainda está de pé esse seu desejo, né?

J: Muito!

K: Então fala para mim sobre isso. De que forma isso pode contribuir no seu aprendizado?

J: Eu acredito que além do meu aprendizado, é uma experiência de desenvolvimento pessoal também, além de ser uma evolução profissional e pessoal muito grande, conhecer e ter acesso

a novas informações a uma nova cultura, a uma nova culinária, enfim eu acredito que um intercâmbio é algo que todo jovem precisa para ter uma evolução pessoal e profissional.

K: Então você se imagina. Como você se prepara para esse seu projeto?

J: Então, ano que vem eu pretendo já buscar alguma, maiores informações para começar a pagar se for o caso porque eu pretendo ir em 2019.

K: Aham.

J: É uma pretensão muito grande, mas vamos ver. Se eu não for em 2019, antes dos 30. Eu tenho 23. Então tenho 7 anos ainda. [risos]

K: Tem tempo ainda para se preparar. É tudo uma questão de planejamento.

J: Planejamento.

K: Isso mesmo! Agora como você escolher o curso NEL aqui na UEMS? Porquê?

J: Eu trabalhava no governo, daí eu vi no portal de notícias do governo que tinha aberto a inscrição. Eu moro no José Abrão, que é um bairro aqui na frente da universidade, e uni o útil ao agradável. Aí quando eu vi o preço. [risos]

K: Atraiu, né?

J: Mas não foi nem valor na verdade, foi mais o acesso mesmo.

K: O acesso é próximo/

J: Foi próximo. Eu já tinha ouvido falar do curso que tem na Federal, mas é longe, daí quando eu vi que abriu aqui, professores universitários tudo mais, mestrados, etc. Então... e gostei muito desde o início.

K: Você se interessou por ser na universidade?

J: Por ser na universidade.

K: Em que isso influenciou para você escolher?

J: Além da (+) a questão do conteúdo mesmo, eu vi que... eu dei uma lida e vi que os professores tinham preparo e tudo mais, que não eram, assim alunos, nada contra, óbvio, se fossem alunos da mesma forma eu viria fazer para conhecer e ver como era.

K: Aham

J: O fato de ser aqui, enfim, foi tanto por ser na universidade. Não tem algo que tenha pesado mais na minha decisão. [...] Foi uma questão de, na verdade foi um voto de confiança que valeu a pena.

K: Você indicaria esse curso?

J: Sim, já indiquei várias vezes inclusive. [risos]

K: [risos] Que bom! Quais são suas expectativas com relação ao aprendizado da Língua Inglesa aqui no curso NEL?

J: Eu acredito que (+) Assim, desde que eu entrei aqui eu já tinha em mente que seria algo para me dar uma base para um aprendizado mais avançado no futuro. Eu tenho superado minhas expectativas, eu tenho aprendido bastante aqui.

K: Em relação aos seus objetivos de estudo e profissionalmente, você acha que está suprindo suas expectativas?

J: Sim.

K: Você tem alguma coisa a acrescentar, alguma sugestão ou alguma informação que você gostaria de acrescentar essa entrevista?

J: Não, eu só queria dizer que a teacher é MARA, muito boa, superdidática, gosto muito.

K: [risos] Obrigada. Você é um ótimo aluno também.

J: Obrigado.

K: Continue assim

J: Tenho que melhorar muito, tenho que ser mais presente.

K: Obrigada, Jean!

J: Eu que agradeço

Entrevista com Judiney

K: Kelly

J: Judiney

K: Judiney, como você se descreve como um aprendiz de Língua Inglesa? Assim, conta sua trajetória desde quando você começou a estudar.

J: Eu comecei estudar inglês sério a um ano e meio. Eu não tinha muita noção da época de escola. Sempre tinha a opção do Espanhol, eu ia para o Espanhol que eu achava mais fácil. E aí eu vi a importância de estudar inglês e a um ano e meio estou me dedicando (+) e reconheço que deveria me dedicar um pouco mais. Mas estou gostando da língua e sempre que tenho tempo eu dou uma olhadinha.

K: Porque você disse assim: estudar sério? Explica melhor isso aí.

J: É porque eu tinha tentado, assim, aprender com aula da internet, essas coisas assim, mas não tive sucesso.

K: E como você se descreve como um aprendiz de Língua Inglesa?

J: Acho que eu deveria me dedicar um pouco mais, não sou totalmente relaxado, mas (+) também é falta de tempo e aí eu acabo me dedicando pouco, mas vou tentando sempre /

K: Mas gosta de estudar?

J: Gosto, eu acho muito interessante.

K: E quais são as suas expectativas futuras com relação ao aprendizado da Língua Inglesa?

J: Espero nos próximos anos está pelo menos entendendo conversas, filmes sem precisar da tradução da legenda

K: Quais são as suas atitudes como aprendiz de Língua Inglesa?

J: Procuo fazer as lições e sempre que posso também leio alguns livros, internet e procuro também- eu tenho muita dificuldade com vocabulário, procuro palavras novas.

K: Você comentou que você escutava documentários do Discovery Channel. Você continua com essa prática?

J: Acho que é mais fácil da gente entender por que eles usam uma linguagem mais técnica e não usam muita gíria e falam bem devagarinho, bem pausadamente.

K: E você costuma colocar com legenda em português ou em inglês? Como que se faz?

J: Varia mas tenho colocado mais em inglês pra entender as palavras, mas aí eu perco muito o significado, mas como você tá vendo ali dá para ter uma ideia mais ou menos do que estão falando.

K: E os áudios das lições? Você tem conseguido ouvir? Os áudios das nossas lições que falou você tinha o livro e se cadastrou no site você chegou a fazer os exercícios do site naquela época?

J: Não

K: Só se cadastrou mas você não usava os recursos lá?

J: Não. Os áudios eu tenho ouvido, mas só para fazer os exercícios, né. Não tenho tido tempo de ouvir. Ouvir um pouco mais, mais vezes. Ouço uma ou duas vezes.

K: Você acha que ajuda? Qual a sua opinião?

J: Eu acho que ajuda bastante, né. Se tivesse mais tempo pra ouvir mais vezes.

K: Você prefere os vídeos, né

J: Com certeza, o vídeo tem ajuda a entender o significado da conversação.

K: Legal. Uma vez você comentou que você teve a chance de conversar com falantes da Língua Inglesa, uma senhora, lembra que você comentou isso? E aí você já teve outra chance de encontrar algum outro falante da Língua Inglesa depois disso daí?

J: Não. Só tive aquela experiência mesmo com aquela senhorinha.

K: E se você encontrasse de novo aquela Senhorinha lá você ia tentar falar mais um pouquinho com ela? Que você na época você falou pouquinho.

J: Com certeza, agora eu conseguiria falar um pouquinho mais e entender talvez um pouco mais. Daquela vez não passou do “nice to meet you”, “What’s your name?” e tal, “How old are you?”

K: Você acha que já teve uma evolução daquela época pra cá.

J: Aham

K: Certa vez você mencionou que achava que os falantes da língua em falam muito rápido. Você ainda tem essa impressão?

J: Tenho. Principalmente nos “News” eu tenho muita dificuldade para entender. As vezes eu ouço 10 palavras e entendo uma só.

K: Qual a sua atitude quando você encontra um falante da Língua Inglesa como aconteceu com aquela Senhorinha. Na época você não tinha muita (+) muito vocabulário também, né. Se você encontrasse hoje, você tentaria se comunicar um pouco mais?

J: Sim.

K: E se ela falasse rápido?

J: Iria pedir para ela falar um pouco mais devagar, né. Iria tentar conversar. Pedir para ela falar um pouco mais lento para que eu pudesse entender.

K: Você acha que o fato deles falarem muito rápido atrapalha o seu entendimento?

J: Sim, por que a gente não tem intimidade com a língua. E tem aquela coisa de fundir também as palavras. Uma palavra junta com a outra. O final de uma, com o início da outra ou corta algumas partes das palavras e isso aí dificulta bastante.

K: Você não acha que toda língua tem isso?

J: Com certeza tem. Acho que eles têm mais dificuldade de aprender o português do que a gente de aprender o inglês porque o português tem muito mais regras (inaudível)/.../Eles têm mais dificuldade. Dependendo do lugar do Brasil que a gente está a gente não entende também

K: É questão de treinar ouvido mesmo, né. E aí então você acha que se fosse hoje você conseguiria entender um pouco melhor porque você tá com uma prática melhor, seria isso? Você tá com mais contato?

J: Sim. Hoje eu tenho mais contato. Apesar do meu vocabulário ser muito pequeno ainda. Hoje eu conheço muito mais palavras do que eu conhecia naquela época.

K: Vai expandindo vocabulário. Como você avalia suas atitudes em sala de aula? Com relação à sua participação, ao seu entendimento sua participação aos exercícios, às atividades que eu proponho, como você avalia?

J: Eu acho que eu sempre tento participar o máximo possível. Fazer todos os exercícios. Acredito que esteja participando a contento.

K: Você entende quando eu falo em inglês e o que está sendo pedido nos exercícios?

J: Às vezes sim, às vezes, não. Às vezes recorro ao aplicativo, ao colega do lado. A maior parte das palavras quando a senhora fala mais devagar, eu consigo entender.

K: O que você mais tem facilidade e o que você mais tem dificuldade no seu entendimento como aprendiz de Língua Inglesa?

J: O que eu tenho mais dificuldade mesmo é o *listening*. Entender as palavras eu tenho muita dificuldade. A parte de gramática não acho tão difícil, consigo entender com mais facilidade, mas quando começa a falar eu fico meio perdido

K: E a parte de escrita?

J: A escrita também acho bem complicado. Palavras que a gente não usa muito fica difícil de imaginar o que é.

K: Você relatou uma vez interesse de utilizar a Língua Inglesa em viagens internacionais você. Você comentou que baixou um arquivo de frases em inglês para viagens. Você já procurou estudar um pouquinho eu ver como é que é esse material?

J: Faz tempo que eu baixei, aí eu estudei alguma coisa, e aí parei.

K: Chegou a ver alguma coisa?

J: Deu uma estudada. Faz dias que eu não tô tendo tempo para pegar.

K: Você acha que você utilizaria algumas frases daquela lá de viagem no caso de você fazer uma viagem internacional?

J: Acho que sim. (inaudível) É difícil construir uma frase. Eu sei o que eu quero falar pra pessoa: “eu quero comer uma maçã” eu sei falar “*eat apple*” mas construir toda frase, eu tenho um pouco de dificuldade, então essas frase que ela trás tem bastante dicas sobre isso. Ela trás frases feitas: “eu quero comer”, “eu gostaria de comer” ...

K: Frases específicas para viagem?

J: Só muda o que você quer comer.

K: Entendi. Você se imagina utilizando essas frases aí eu vou um dia?

J: Olha, Não sei, talvez no futuro, quando eu tiver mais intimidade com a língua até verifique que não tem necessidade. Mas hoje se eu fosse viajar eu me socorreria com elas.

K: Certo. Com relação ao seu trabalho se tiver uma outra oportunidade utilizar a Língua Inglesa você comentou sobre Olimpíadas, que as pessoas que tivessem conhecimento da Língua Inglesa poderiam se voluntariar para trabalhar nas Olimpíadas. Se fosse hoje você se candidataria numa oportunidade dessa?

J: Não, ainda não. Não me sinto preparado. Ia ter mais dúvida e ia atrapalhar mais do que ajudar. Tenho que ter um pouco mais de intimidade com a língua para saber recepcionar os turistas.

K: Por que você escolheu o curso NEL da UEMS para estudar inglês?

J: Pela comodidade, por que é relativamente perto da minha casa, o custo é bem acessível. Não tinha referência na verdade. (inaudível)

K: E você o que você acha do curso? Qual é a sua impressão?

J: Como eu nunca tinha feito nenhum curso de inglês, não tenho referências, mas eu acho que pra mim tá bom. Um ritmo tranquilo.

K: Você recomendaria o curso?

J: Sim, recomendaria.

K: Por que?

J: Eu vejo que estou tendo algum progresso. Eu imaginava, sinceramente que fosse mais rápido, mas eu estive conversando com alguns colegas também, que falaram que é demorado, e que o processo é lento, o processo de aprendizado. Por que eu achava que como já estamos fazendo a um ano e meio, eu achava que eu já estaria falando bem mais, entendendo muito mais. Mas conversando com alguns colegas que fizeram curso, realmente, pra quem não tinha noção nenhuma, leva uns cinco anos (inaudível)

K: Com relação ao aprendizado da Língua Inglesa aqui no NEL. Você acha que tem cumprido as suas expectativas?

J: Tem, tem atingido as expectativas. Eu imaginava que fosse mais rápido, mas dentro das minhas condições de tempo pra estudar, cumpre as expectativas sim.

K: Com relação aos seus objetivos, você acha que você vai poder usar isso você tá estudando?

J: Acredito que sim. Não tão rápido quanto eu imaginava. Mas acho que daqui mais uns dois anos, eu tenha um bom entendimento e fale melhor. Conversar o básico, pelo menos.

K: O fato de você tá estudando inglês dentro de uma universidade diz alguma coisa? Gera alguma ativa mais a menos ou dá uma segurança maior?

J: Nunca tinha pensado sobre isso. Talvez a questão da segurança, sim. A gente ouve muitas propagandas de cursos, prometem muita coisa, mas aqui como não tem fim comercial, não tem o apelo pra ganhar dinheiro, né. Então acredito né seja mais voltado mesmo para o ensino duradouro, não é só aprender uns macetes e tal. Espero aprender realmente (inaudível)

K: Você poderia dizer uma palavra que te descreve como aprendiz de Língua Inglesa?

J: Persistente

K: Por que?

J: Aprender uma nova língua aos 40 anos não é nada fácil. Principalmente no meu caso que na juventude nunca tinha me interessado pelo idioma, sempre preferi o espanhol. Depois de velho é que foi surgir o interesse.

K: Tá OK, Judiney muito obrigado pela sua contribuição, te agradeço muito por disponibilizar seu tempo, estar aqui para fazer a entrevista, continue seus estudos sempre, estarei sempre aqui no que eu puder ajudar.

Entrevista com Rayana

K= Kelly

R= Rayana

K: Gostaria que você escrevesse a sua identidade de aprendiz de Língua Inglesa, como você se vê como um aprendiz? Pode me descrever isso?

R: Como assim?

K: Uma palavra ou frase sei lá que te descreve como um aprendiz de Língua Inglesa.

R: Acho que é esforçada, fiquei pensando assim, né...numa palavra mais bonita eu acho, ou melhor /.../ quando você fez a pergunta primeira coisa que veio na minha cabeça foi esforçada/.../ eu tenho que me esforçar pra aprender, pra ter tempo, para me dedicar demanda um pouco de esforço sim. Eu também pensei em determinação que é algo que eu realmente quero que aconteça, mas eu não estou me dedicando o quanto eu deveria, então eu acho que esforçada seria melhor.

K: Você se vê como um aprendiz de Língua Inglesa?

R: Sim, mediana, mas vejo. Acho que quando a gente está num curso de inglês, acho que tudo acaba sendo uma forma de aprendizagem, né. É você ficar mais focada ainda no inglês, diferente de quando você não está fazendo um curso, aí tudo é estímulo, né! É a música que você ouve que você tem que prestar mais atenção, é o filme que você assiste, né! É a entrevista em inglês que você tenta entender o que tão falando, então eu me vejo sim como estudante.

K: E você pode descrever a sua trajetória, desde quando você começou estudando inglês?

R: Eu comecei estudar inglês faz um tempo já, eu fiz numa outra escola de inglês, mas eu não concluí, eu deixei de fazer o penúltimo e último livro. O último era só a revisão de tudo e o penúltimo livro eu não fiz. Aí eu voltei a estudar no ano passado, né.

K: Você quis começar do início de novo, né?

R: Eu quis começar do início por que eu não sabia até onde eu sabia.

K: Você não praticou?

R: É! Depois que eu parei o outro curso eu não me dediquei muito a língua. Aí eu sabia que eu fui perdendo muito, né. Aí quando eu decidi estudar de novo, eu não sabia o que eu sabia, do que lembrava eu não tinha noção do lembrava, só que aí estudando de novo eu percebi que eu lembrava de muita coisa, que eu sabia muita coisa sim. Então foi tranquilo, mas eu resolvi começar desde o básico por conta disso. Eu pensei “de repente eu tento um nível mais avançado e não acompanho”. Comecei desde o início para retomar algumas coisa e relembrar algumas coisas.

K: Quais são as suas impressões e expectativas futuras com relação ao inglês?

R: Vou ser bem sincera. É uma coisa que eu queria muito aprender.

K: Você queria ou você quer?

R: Eu quero! Eu quero aprender e quero me dedicar, o que eu não venho fazendo. Eu quero bastante porque hoje em dia, na verdade não é mais nem diferencial ((inaudível) Você acaba perdendo muito se você não tem o inglês, né, que a língua mundial, né, a língua mais falada. Então eu... os meus planos é de conseguir me focar. Eu pretendo e espero conseguir me focar e realmente aprender e abstrair o inglês. Mas eu preciso desse foco, que é uma coisa que é necessária, né. ((inaudível) /.../ pra trabalho, pra lazer. Tudo fica mais fácil, você consegue se comunicar literalmente com o mundo inteiro se você tem a Língua Inglesa. Eu que pretendo morar fora do país. Eu já vou ser uma estrangeira, eu vou estar num país diferente, com formações diferentes e aí se você não tiver o inglês, você fica mais pra trás em questões de trabalho, de currículo, de oportunidades, então eu preciso focar mesmo no inglês para que ele faça parte da minha vida, do meu cotidiano e que não seja tão difícil e nem tão maçante. Aprender, me dedicar, focar. É isso que eu pretendo. Principalmente no ano que vem.

K: Você pretende utilizar o inglês para morar fora do país. De que forma você acha que o idioma vai te ajudar?

R: O país que eu pretendo morar é Portugal. Não é um país que tenha o inglês como língua nativa, mas a gente está falando de um país na União Europeia, onde a cultura é diferente, onde o inglês é uma segunda língua, é uma obrigação, onde as pessoas falam o português de Portugal e o inglês. Não é assim: “eles falam português e alguns falam o inglês”, não, né! Então, é uma língua que todo mundo fala, por que eu já pesquisei a respeito. É uma língua que todo mundo fala lá, principalmente pra área acadêmica que eu pretendo, à princípio, né. Eu quero fazer um Mestrado fora. Então, eu acho que seria muito importante também pra questão do lazer e principalmente na questão hora de trabalho. Por que pra você fazer um Mestrado, tem muitos artigos que são em inglês, muitos livros, professores que só falam inglês, que ministram as aulas

em inglês, então é importante, e eu acho muito necessário, fora a questão de trabalho também, né. A gente não sabe com que vai trabalhar. /.../ Eu sou psicóloga, de repente eu não trabalho como psicóloga, mas se eu precisar trabalhar num hotel, por exemplo: eu preciso saber falar o inglês, se eu for trabalhar num restaurante, eu preciso saber falar. Meu foco não é esse. Meu foco é conseguir algo dentro da psicologia, que também é possível a questão do inglês, que às vezes você trabalha numa empresa que de repente tenha contato com outros países, então assim: é uma língua universal, é a língua que você precisa saber falar, entender, pra conseguir seus objetivos.

K: Certo. Você continua assistindo filmes e séries em inglês?

R: Sim, eu só assisto filmes e séries com áudio original, nem com a legenda em português. Alguns filmes e séries que eu já conheço, principalmente filmes, que eu já assisti eu tento assistir com a legenda em inglês, mas não é muito frequente, faço às vezes.

K: Sempre que você tem oportunidade, você assiste em inglês?

R: Sim.

K: Você acha que isso tem ajudado você no aprendizado?

R: Ajuda com certeza. É uma forma de você forçar mais o ouvido, forçar mais a cabeça pra pensar, pra entender, pra estudar certinho as palavras, o que é bem difícil, por que a gente está acostumado com facilidade, com comodismo, né, de ler a legenda de nem prestar atenção no que estão falando. Mas é uma ótima forma sim de estar mais no meio do inglês. A gente não tem outra forma, né. Aqui a gente está no Brasil, todo mundo fala português, não tem ninguém que fala inglês pra forçar a gente a pensar em inglês, escutar em inglês e entender, né.

K: Exatamente.

R: Então as músicas, os seriados, os filmes, são uma forma da gente está dentro da língua e da cultura.

K: Quais são suas impressões com relação ao nível ao seu nível de inglês relação a seus colegas de turma? Como você avalia?

R: Os colegas eram ótimos, a gente se deu muito bem e a turma inteira foi muito bacana, que criou laços, mas eu acredito que eu fiquei um pouco desmotivada. Por que muita coisa que você ensinava e estava nos livros, eu já sabia, então eu assimilava mais rápido e entendia mais rápido, aí eu ficava desmotivada por que eu queria algo e às vezes era um pouco básico. Eu preciso ver que as pessoas estão um pouco a frente para eu me esforçar e correr mais atrás. /.../ Como na sala eu me sentia um pouco mais a frente, eu ficava desestimulada. Às vezes as perguntas que você fazia eu não queria responder, mesmo sabendo a resposta pra não ficar

aquela coisa “ah! Eu sei! Eh isso! Eh aquilo!” Eu preciso de uma situação mais desafiadora pra correr atrás.

K: Entendi. Qual a representação da Língua Inglesa na sua profissão? Qual é a importância da Língua Inglesa na sua profissão?

R: Eu acho que pra nível de Brasil não é muito cobrado. Com psicóloga, aqui no Brasil não teria tanta diferença nossa profissão, mas pra fora do país é essencial, e também por que assim, muito estudos novos, muitos artigos é basicamente a Língua Inglesa. Então, assim: surgiu um tratamento, surgiu um método novo de tratamento para depressão, pra artistas, pra altas habilidades, a maioria desses antigos, estudos e experimentos, eles são basicamente em inglês. Os estudiosos, as pesquisas, então eh...pra você entender assim até questões específicas, palavras específicas da psicologia na Língua Inglesa, enfim, então é importante é bem importante, e pra área acadêmica também. Por que se você for fazer a parte prática, você não necessariamente vai estar o tempo inteiro lendo um artigo científico sobre um assunto, né. Diferente da área acadêmica que tem muita coisa pra ler, muitos artigos, muitos assuntos, muitas teorias e muitas delas são em inglês. /.../ como eu quero fazer o Mestrado, eu acho essencial.

K: Vamos falar agora de situações de oportunidade de usar a Língua Inglesa para falar fora da sala de aula. Você já teve oportunidade de conversar?

R: Já, mas foram poucas oportunidades. /.../ Teve uma vez aqui em Campo Grande que eu tava com uma amiga num barzinho e tinha uns amigos da minha amiga de fora, da Irlanda. Foi uma oportunidade de tentar conversar. /.../ minha amiga falava pouco e na época eu tinha recém terminado o outro curso. A gente conseguiu manter um diálogo, a gente conseguiu conversar, foi tranquilo. Mas como eu não sou fluente, você vê os entraves: a pausa pra pensar, você fazer uma pergunta antes na sua cabeça pra depois perguntar. Tem essas questões assim. Mas foi tranquilo.

K: Você chegou a comentar no seu no seu questionário que você não conseguia ver a evolução do seu aprendizado. Por que você não consegue sentir essa evolução?

R: Por conta da prática, você não tem a troca, não utiliza o tempo inteiro, não conversa, não escreve. Eu escuto pouco também. As músicas, os filmes, as séries estão presentes mas dessa forma forçada, de forçar o ouvido e colocar a cabeça para pensar não é muito frequente, né. Então eu acho que por conta disso eu não consigo ver a minha, a minha progressão, assim, a minha melhora dentro da Língua Inglesa.

K: Quando você tem contato assim com uma música com o filme Qual é a sua atitude?

R: Eu tento prestar atenção nos fonemas, no som das palavras com a legenda, de tentar associar aquela palavra em inglês com a palavra em português, eu tento treinar o ouvido para ver se eu consigo entender cada palavra dita, tanto nos filmes e até nas músicas, né. Quando o refrão não é muito corrido, em músicas mais lentas, eu tento prestar mais atenção pra conseguir distinguir.

K: O que você sente falta é da prática mesmo né?

R: Sinto. Pra você conversar, você precisa de tudo, você precisa entender, você precisa saber gramaticalmente o que você está falando, e você precisa da habilidade de falar corretamente a pronúncia daquelas palavras. Então eu acho que a conversação ia ser muito bom aprender mesmo, algo muito valioso. Por que a fala na verdade é pôr em prática. Por que você escrever é diferente, a outra pessoa não te responde na hora, ou não fala. Não tem o som. Então eu acho que a conversação é a melhor coisa. Facilitaria muito.

K: Se você tiver oportunidade de conversar, você vai tentar?

R: Acho que sim, se eu não ficar apavorada (risos)

K: Por que você não busca essa oportunidade?

R: Por que eu não sei onde. Você diz um curso?

K: Não, com pessoas que falam mesmo. Eu vou te passar um site.

R: Tá, passa.

K: São pessoas do mundo inteiro que falam em inglês e que você pode conversar. Tenta lá.

R: Com certeza. Alguma coisa sai, né. Você se força e querendo ou não se você não souber, você procura. Você vai atrás de saber como usa

K: Quando você começa a se comunicar, às vezes a outra pessoa também não é 100 por cento fluente, né. Então você acaba perdendo um pouquinho a vergonha de falar. E esse primeiro passo aí já é um avanço.

R: Com certeza.

K: Por que você escolheu o curso NEL para estudar inglês?

R: /.../ Quando eu descobri já tinha iniciado as aulas. E aí eu me informei para saber se dava para fazer, aí eu consegui. Mas o que me chamou atenção na verdade, foi o período de 6 meses, o valor por que você não paga mensalidade, é uma vez só, isso facilitou por que o gasto era menos.

K: O fato de ser na universidade representou alguma coisa para você ?

R: Eu pensei que não fossem professores, que fossem alunos que dessem aula. Mas eu achei interessante, achei o trabalho muito interessante da UEMS. Ainda mais por que além do inglês, oferece vários outros cursos. E participando, você percebe que são pessoas comprometidas, que sabem bastante, que se dedicam a isso. Então eu gostei bastante.

K: Você recomendaria?

R: Sim, recomendaria. Teve um monte de gente do meu ciclo de amigos que a gente comentou que tava fazendo inglês também que era na universidade, que o preço era legal e bastante gente ficou interessada. /.../E também outra coisa que me fez escolher o curso na universidade. Eu pensei que iam ser pessoas mais velhas que iam fazer o curso, que não ia ter tão jovens, assim, adolescentes. Que frequentariam pessoas mais velhas, acadêmicos, não ia ser adolescente de ensino médio. Foi outro motivo que me fez escolher.

K: Porque você acha que não seria legal se tivessem em adolescentes na aula?

R: Não que não seria legal, mas é que é outra fase né. /.../ fases diferentes da que eu estou.

K: Quais são as suas expectativas com relação ao aprendizado da Língua Inglesa lá no NEL?

R: Na verdade foi melhor do que eu pensava. Me fez perceber o quanto eu já sabia, que eu lembrava bastante coisa, ou algumas coisas que eu precisava relembrar. Só faltava aquele empurrãozinho, mas que no fundo você já sabe, então acho que foi muito bom por isso e para me colocar em contato novamente com a Língua Inglesa.

K: E para o futuro o que que você acha você pretende continuar lá?

R: Eu não sei como é que vai o ano que vem, mas seria necessário. Eu gostaria de continuar. Talvez uma turma mais avançada para cumprir os objetivos, conseguir conquistar o que eu almejo dentro da língua, né.

K: Agradeço, Rayana. Foi ótima a nossa conversa. Muito obrigada.